

ESTUDO COMPARATIVO SOBRE O FENÔMENO DO SUJEITO NULO EM PORTUGUÊS DO BRASIL E HEBRAICO MODERNO.

Pablo Pullig Teixeira

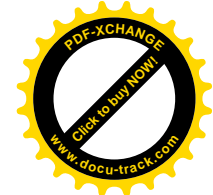
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Orientador:

Prof. Dr. Celso Vieira Novaes

Rio de Janeiro

Maio de 2008



ESTUDO COMPARATIVO SOBRE O FENÔMENO DO SUJEITO NULO EM PORTUGUÊS DO BRASIL E HEBRAICO MODERNO

Pablo Pullig Teixeira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

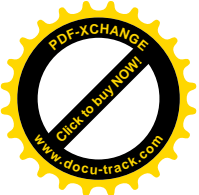
Presidente, Prof. Doutor Celso Vieira Novaes

Profa. Doutora Maria Mercedes R. Q. Sebold - UFRJ

Profa. Doutora Márcia Maria Damaso Vieira - UFRJ

Profa. Doutora Christina Abreu Gomes – UFRJ, Suplente

Prof. Doutor Humberto Peixoto Menezes – UFRJ, Suplente



Teixeira, Pablo Pullig.

Estudo comparativo sobre o fenômeno do sujeito nulo em português do Brasil e hebraico moderno / Pablo Pullig Teixeira. – Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2008.

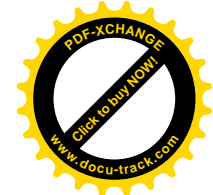
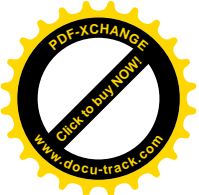
x, 188f.: il.

Orientador: Celso Vieira Novaes

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 184-188.

1. Interpretabilidade semântica, concordância e sujeito nulo. 2. Sujeito nulo em Português do Brasil. 3. Sujeito nulo em hebraico moderno. 4. Semelhanças e diferenças do sujeito nulo em Português do Brasil e hebraico moderno. I. Novaes, Celso Vieira. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Lingüística. III. Estudo comparativo sobre o sujeito nulo em português do Brasil e hebraico moderno.



ESTUDO COMPARATIVO SOBRE O FENÔMENO DO SUJEITO NULO EM PORTUGUÊS DO BRASIL E HEBRAICO MODERNO.

Pablo Pullig Teixeira

Orientador: Professor Doutor Celso Vieira Novaes

Resumo da Dissertação de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Esta dissertação apresenta como objetivo investigar o fenômeno de apagamento de sujeito em português do Brasil e em hebraico moderno, por intermédio de análise de fala espontânea. Entende-se que as duas línguas são favoráveis ao apagamento de sujeito, baseando-se, inicialmente, nas propostas de Duarte (1993, 1995) e Novaes (1996), para o português do Brasil e Vainikka & Levy (1995), Horesh (2003) e Shlonsky (2007), para o hebraico moderno.

Para a realização deste estudo foram selecionadas doze entrevistas, retiradas da Internet, respectivas a um total de treze entrevistados. Sete entrevistados eram falantes nativos de português do Brasil e seis entrevistados eram falantes nativos de hebraico moderno. A partir da amostragem oriunda dos dados de fala espontânea coletados, foi possível comprovar que as duas línguas possuem certos comportamentos semelhantes para o apagamento de sujeito. Além disso, foi possível observar que em língua hebraica, no tempo passado, há mais sujeito nulo do que sujeito preenchido e que, em certos contextos específicos de tempo presente na língua semítica, o sujeito nulo apresentou caráter de *variável*.

Palavra-chave: Interpretabilidade; concordância; sujeito nulo.

Rio de Janeiro

Maio de 2008



COMPARATIVE STUDY ABOUT THE NULL SUBJECT PHENOMENON IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND MODERN HEBREW.

Pablo Pullig Teixeira

Orientador: Professor Doutor Celso Vieira Novaes

Abstract de Dissertação de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

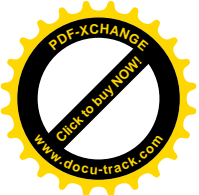
The present work aims to investigate the processes which lay behind the deletion of the subject in Brazilian Portuguese as well as in modern Hebrew, by means of spontaneous speech. It is understood that both languages are favourable for the deletion of the subject as seen in Duarte (1993,1995) and Novaes (1996), for Brazilian Portuguese and Vainikka & Levy (1995), Horesh (2003) and Shlonsky (2007) for modern Hebrew.

In order to perform this study twelve interviews taken from the internet were selected, respective to a total of thirteen subjects in which seven were from Brazil and six were native speakers of modern Hebrew. With the samples gathered from spontaneous speech data, it was possible to prove that both languages present certain similar behavior regarding the deletion of the subject. In addition, it was possible to observe that in the past tense, the Hebrew language presents more null subjects than actual evident subjects and that, in specific contexts of the present tense in the Semitic languages, the null subjects present themselves as variables.

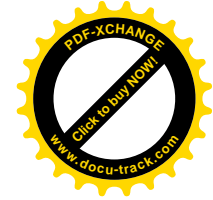
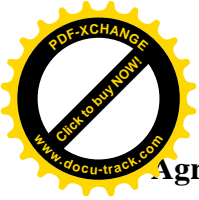
Keywords: Interpretability; agreement; null subject.

Rio de Janeiro

Maio de 2008



Dedico esta dissertação a todos que colaboraram para a sua concretização.



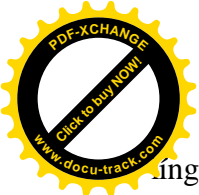
Agradecimentos.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de ter iniciado, há seis anos atrás, o curso de Letras, após um período muito difícil de minha vida. Agradeço também a Ele por ter colocado em meu caminho pessoas tão maravilhosas desde então. Pessoas que espero contemplar nessas próximas linhas, tentando não esquecer de nenhuma delas, para que eu não cometa nenhuma injustiça. Mesmo assim, caso esse esquecimento ocorra, tenho certeza que pelo menos a intenção servirá como homenagem.

Porém, antes disso, não poderia deixar de lado a minha antiga família, pois sem o amparo das pessoas mais próximas não há como se conseguir nada na vida. Por isso, eu dedico um pouco desta dissertação aos meus pais, aos meus irmãos, aos meus avós, e em especial a um tio muito querido, com quem sempre pude conversar sobre os assuntos mais interessantes com os quais tive contato em minha vida acadêmica e pessoal nos últimos tempos. Conversas infundáveis e fervorosas, que se passavam por horas e mais horas, naquele banquinho dos fundos de seu prédio. Obrigado.

Fazendo referência às pessoas especiais que tive o prazer de conhecer nesses anos de estudo, não posso deixar de lado a todos os amigos que fiz nessa minha jornada na faculdade. Amigos verdadeiros, com os quais compartilhei momentos que me marcaram e dos quais sempre me lembrarei. Para começar, não posso deixar de lado minha querida turma de hebraico. Terei todos vocês em minhas lembranças, para o resto de minha vida, separando sempre um espaço especial em minhas recordações para o meu irmão Fabrício, com quem aprendi muito sobre os estudos, a intelectualidade, o bom humor e a vida. Lembrarei sempre também de todas as amizades que fiz com os alunos de todas as outras línguas. Se eu tentasse relacionar o nome de todos eles, haveria a necessidade de uma outra dissertação. Porém, para todos vocês, eu ofereço um pouco também deste estudo, já que sem a amizade verdadeira, nada na vida tem graça, nem mesmo o que se mais ama em fazer. Agradeço também aqueles amigos inesperados, que surgem quando menos se espera, mas que são um presente dado por Deus, nos momentos mais difíceis. Obrigado pelo auxílio. Obrigado Rafael.

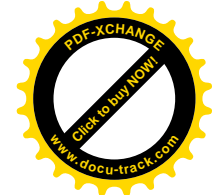
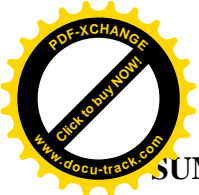
Essa amizade também foi nutrida por professores, dos mais variados cursos, desde o início de minha caminhada na graduação. Desde o curso de Latim até o de Literatura Portuguesa, passando pelo de Japonês, tive a oportunidade de conhecer pessoas especiais, que compartilharam um pouco de suas experiências, acadêmicas e de vida, comigo. Agradeço a todos vocês por terem compartilhado essas vivências e a vocês dedico um pouco deste amadurecimento intelectual, representado materialmente por este estudo. Em se tratando ainda dos professores, devo citar em especial a minha primeira professora de língua hebraica, que me iniciou nos conhecimentos da



língua e na cultura do povo de Israel, além de minha querida professora Dvora, com quem encerrei meu curso de graduação na língua semítica e por quem nutro um carinho sincero. Obrigado Morah Matilde e Morah Cláudia.

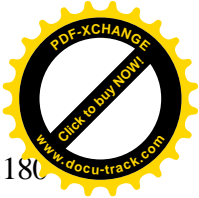
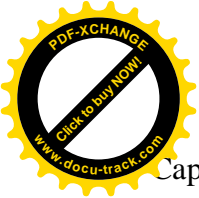
Agradeço também ao meu orientador, que me fez enxergar o quão maravilhoso é o mundo do gerativismo, pois sem a sua destra, esta pesquisa não seria possível. Celso, muito obrigado por todos os direcionamentos e conselhos com os quais você me recebeu. Não esquecerei suas orientações. Até mesmo aquelas que você jura acreditar que eu deixei de lado. Muito obrigado. Agradeço também a todos integrantes do grupo de estudo, pois as discussões e reflexões promovidas por todos sempre me foram proveitosas no desvendar dos mistérios de Chomsky.

Por fim, agradeço e dedico esta dissertação à pessoa pela qual nutro um imenso carinho, por quem me apaixonei por completo, em todas as suas facetas, não só como mulher, mas também como amiga, estudante, companheira e, espero que futuramente, esposa. Minha nova família. Muito obrigado por todos os momentos em que crescemos juntos, Priscilla. Esta pesquisa, como não poderia deixar de ser, também é fruto de nosso amadurecimento e compromisso. Muito obrigado por todo apoio, compreensão e carinho com os quais você me tem presenteado. Você e toda a sua família. Esta dissertação é sua também. Essa dissertação é nossa. Obrigado.



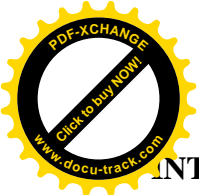
SUMÁRIO.

Introdução.....	11
Cap. 1 Interpretabilidade semântica, concordância e sujeito nulo.....	14
1.1 Teoria gerativa e a pertinência do nóculo de concordância AGRP.....	14
1.2 Estudo sobre concordância, sujeito nulo e os parâmetros <i>pro-drop</i> e <i>topic-drop</i>	27
1.2.1 Um breve resumo sobre o parâmetro <i>pro-drop</i>	27
1.2.2 Um breve resumo sobre o parâmetro <i>topic-drop</i>	47
Cap. 2 Sujeito nulo em Português do Brasil.....	53
Cap. 3 Sujeito nulo em Hebraico Moderno.....	81
3.1 Gramática verbal do hebraico.....	81
3.2 Estudo sobre sujeito nulo hebraico.....	88
Cap. 4 Metodologia.....	111
4.1 Modelo teórico utilizado pela pesquisa.....	111
4.2 Objeto de estudo.....	111
4.3 Objetivo de estudo.....	112
4.4 Hipóteses.....	112
4.5 Caráter metodológico de coleta de dados.....	113
4.6 Natureza dos dados.....	113
4.7 Metodologia de análise.....	116
Cap. 5 Semelhanças e diferenças na realização do sujeito nulo em Português do Brasil e Hebraico Moderno.....	118
5.1 Média geral das línguas.....	118
5.2 Tempo presente.....	120
5.2.1 Tempo presente: Português do Brasil.....	121
5.2.2 Tempo presente: Hebraico moderno.....	132
5.3 Tempo passado.....	144
5.3.1 Tempo passado: Português do Brasil.....	144
5.3.2 Tempo passado: Hebraico moderno.....	156
5.4 Análise das categorias vazias: P&P e Programa Minimalista.....	167



Cap. 6 Considerações finais.....180

Cap. 7 Referências Bibliográficas.....184



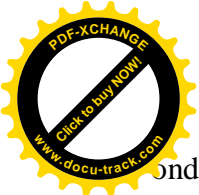
INTRODUÇÃO.

Um dos principais objetivos traçados pela Teoria Gerativa reside na necessidade de se entender em que consiste o conhecimento, por parte de uma falante nativo, de uma gramática particular, que configura uma certa língua. Tal conhecimento, por sua vez, segundo essa vertente teórica da Lingüística, somente pode ser alcançado e observado por intermédio da definição dessa gramática. Em outras palavras, para se compreender o conhecimento lingüístico do falante de uma língua particular, há a necessidade de se observar e descrever as realizações concretas de fala, que compõem a gramática da língua, utilizada pelo indivíduo.

No entanto, ao se buscar a definição da gramática de uma língua, dois outros pontos de discussão muito debatidos pelo modelo teórico gerativista se tornam evidentes. Inicialmente, ao se tentar definir uma gramática particular, há a necessidade de se delimitar o que pode ser identificado e considerado em suas realizações como universal e compartilhado por todas as outras gramáticas particulares e o que é adquirido por intermédio do contato que o falante tem, ao longo de sua vida, com outros falantes que fazem uso da mesma gramática de língua utilizada por ele. Ou seja, ao se propor uma descrição do sistema lingüístico específico de uma língua, existe a preocupação por parte do gerativismo de se definir o quanto desse sistema pode ser considerado inato e presente em qualquer outro sistema lingüístico particular, além do quanto esse pode ser composto por parcelas de conhecimento adquiridas por intermédio da experiência lingüística de um falante. Neste sentido, surge a proposta de *Princípios e Parâmetros*, feita por Chomsky (1981), onde o primeiro diz respeito às propriedades invariáveis e universais de uma gramática particular, e o segundo diz respeito às propriedades variáveis e não universais.

O outro ponto de discussão que surge ao se definir uma gramática particular é oriundo das considerações específicas sobre os *Parâmetros* nas línguas. Ou seja, algo que é muito debatido e relevado pelos estudos lingüísticos da vertente gerativista se baseia nas semelhanças e diferenças entre línguas, nas posturas identificadas nesses sistemas que aproximam ou distanciam as gramáticas existentes. Neste sentido, são inúmeros os estudos e postulados que tentam comprovar, por meio de trabalhos comparativos entre variadas línguas, que muitas dessas, aparentemente distintas e consideravelmente diferenciadas em seus estratos mais superficiais, compartilham semelhanças em seus estratos mais profundos, dos seus sistemas lingüísticos.

Uma das características mais discutidas, compartilhada por um número razoável de línguas, consiste na capacidade de apagamento de elemento na posição de sujeito da estrutura sintática, conhecida como fenômeno do sujeito nulo. Não são poucos os estudos que identificam esse fenômeno como pertinente a várias línguas, como se pode observar em trabalhos sobre idiomas sem marcação de concordância verbal, como o chinês, o japonês e o coreano, assim como sobre idiomas



onde tal marcação é evidente, como nos casos do português do Brasil, o português de Portugal, o espanhol, o italiano, o hebraico moderno, dentre outros. Tal fenômeno, quando relatado na literatura, encontra-se geralmente associado a dois tipos de *Parâmetros*, a saber, *Parâmetro pro-drop* e *Parâmetro topic-drop*, ao se considerar a *Teoria de Princípios e Parâmetros*. Contudo, o fenômeno do sujeito nulo também se encontra associado a *Princípios de economia*, ao se considerar o *Programa minimalista*.

Por conta disso, ao se observar especificamente o comportamento das gramáticas particulares do português do Brasil e do hebraico moderno, baseando-se em estudos anteriores de cunho não comparativo mas que tratavam da realização do fenômeno de apagamento nas duas línguas, foi identificada relevante semelhança entre os dois sistemas.

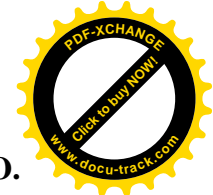
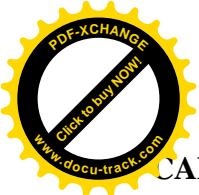
Sendo assim, tomando por base o distanciamento aparente entre as gramáticas particulares do português do Brasil e do hebraico moderno e a produtividade comprovada do fenômeno de apagamento por estudos anteriores realizados nas duas línguas, o presente trabalho encontrou a motivação necessária para o seu desenvolvimento. Partindo de uma proposta de estudo comparativo, entre as realizações de fala nas duas línguas, a presente dissertação busca investigar, primeiramente, o fenômeno de apagamento de sujeito nos dois contextos lingüísticos, a saber, língua portuguesa, falada no Brasil, e hebraico moderno, falado no Estado de Israel, considerando os dois tempos específicos, a saber, tempo *presente* e tempo *passado*. A presente dissertação possui também como objetivo propor uma análise diferenciada daquela encontrada em estudos anteriores sobre o apagamento de sujeito em contextos sintáticos específicos, provenientes da língua semítica.

Esses objetivos possuem como principais motivadoras duas posturas creditadas por esta pesquisa. A primeira baseia-se na proposta de que tanto o português do Brasil quanto o hebraico moderno, mesmo apresentando características que as identificam como línguas que possibilitam o apagamento de elemento na posição de sujeito, mostram-se favoráveis muito mais ao preenchimento do que à omissão desse constituinte. A segunda postura baseia-se na proposta de que o hebraico também permitiria a identificação de elementos omitidos por intermédio de antecedentes situados fora da sentença e não somente pela morfologia verbal, da mesma forma como é defendido por Figueiredo Silva (1993) e Novaes (1996), para o português do Brasil.

Partindo das considerações iniciais acima citadas, a dissertação se encontra dividida em seis capítulos. O capítulo número de um apresentará algumas considerações sobre a relação entre a noção de interpretabilidade semântica, a concordância nas línguas e o fenômeno do sujeito nulo. No capítulo de número dois, serão apresentadas algumas discussões sobre a realização do sujeito nulo em português do Brasil. No capítulo de número três, serão apresentadas algumas discussões também sobre a realização do sujeito nulo, mas agora inserido no contexto de língua hebraica. O capítulo quatro apresentará a metodologia adotada por esta pesquisa. No capítulo cinco, serão



apresentados os dados e as discussões que envolvem as suas realizações, além de suas análises. Por fim, no capítulo seis, serão apresentadas as considerações finais, que buscarão colaborar com a construção de um panorama geral sobre o fenômeno de apagamento de sujeito em português do Brasil e hebraico moderno, sob a ótica comparativa, em tempo presente e em tempo passado.



CAP.1 INTERPRETABILIDADE SEMÂNTICA, CONCORDÂNCIA E SUJEITO NULO.

Neste capítulo, serão apresentadas, inicialmente, algumas características principais do modelo teórico conhecido como *Programa minimalista* e sua postura diante à relação entre *movimento*, *interpretabilidade semântica* e o nóculo de concordância, conhecido com AGRP¹. Tal apresentação será constituída das principais discussões que, segunda a ótica deste trabalho, são pertinentes ao estudo sobre argumentos nulos. Mais precisamente, ao estudo do argumento nulo na posição de sujeito. Além disso, será traçada uma breve revisão sobre a pesquisa que envolve esse fenômeno de apagamento. Tal revisão teórica se baseará em algumas das principais discussões sobre o *parâmetro pro-drop*, ou *parâmetro do sujeito nulo*, desde sua origem até algumas contribuições mais recentes, perpassando também pelo *parâmetro topic-drop*, ou *parâmetro do tópico-zero*.

1.1 Teoria gerativa e a pertinência do nóculo de concordância AGRP.

De acordo com Novaes (1996), ao considerar o quadro teórico do *Programa minimalista*, existiriam três características básicas e de suma importância para se compreender tal versão mais recente e aprimorada da Teoria Gerativa, mais especificamente, do modelo de *Princípios e Parâmetros*. A primeira dessas características consistiria no pressuposto de que existiriam *dois níveis de representação da linguagem*, ao longo do processo de *computação*². Segundo Chomsky (1995), esses dois níveis de representação consistiriam na *forma fonética* e na *forma lógica*:

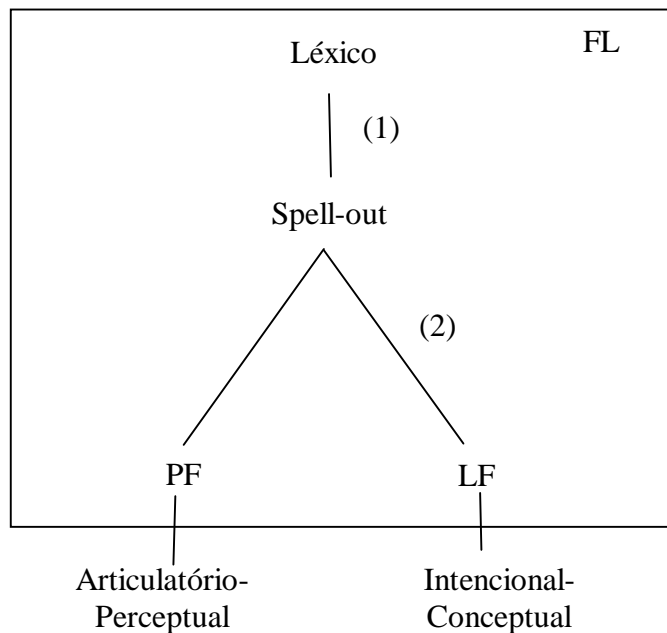
¹ Neste trabalho, os nóculos lexicais e funcionais serão representados pelas siglas cujas nomenclaturas estariam de acordo com os termos cunhados em língua inglesa, pelo fato destes serem mais difundidos na literatura. Por isso, o sintagma nominal receberá a sigla NP (*noun phrase*), o sintagma verbal a sigla VP (*verbal phrase*), o sintagma adjetival a sigla AP (*adjectival phrase*), o sintagma preposicional PP (*prepositional phrase*). O nóculo flexional receberá a sigla INFL, ou mais precisamente IP, e os nóculos funcionais de tempo e concordância receberão as siglas TP e AGRP, respectivamente. Os níveis de representação da linguagem também seguirão esta disposição, sendo a *forma lógica* LF (*logical form*) e a *forma fonética* PF (*phonetic form*).

² Processo de formação das estruturas lingüísticas dentro da *faculdade da linguagem*, ou *sistema lingüístico*.

(1)

Arquitetura da linguagem:

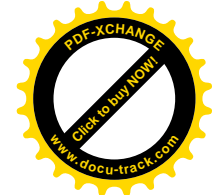
(1) Sintaxe visível; (2) Sintaxe não-visível.



Por intermédio da *forma fonética*, o sistema da *faculdade da linguagem* estabeleceria uma ligação com o *sistema articulatório-perceptual*, enquanto que a *forma lógica* estabeleceria uma ligação com o *sistema intencional-conceptual*.

De acordo com Chomsky (1992, 1994), o processo de *computação* tem início no *léxico*, com a seleção de itens lexicais. Tais itens são estruturados, originando dois tipos de representações. Uma representação de caráter fonético e outra de caráter semântico. Essas representações devem ser mapeadas pelos *sistemas de interface*, ou em outras palavras, pelo *sistema articulatório-perceptual* e pelo *sistema intencional-conceptual*. O sistema computacional, por sua vez, somente detém acesso aos itens lexicais até o ponto de *spell-out*.

Segundo Novaes (1996), a segunda característica fundamental do *Programa minimalista* residiria na atuação de *Princípios de economia* na computação da linguagem. De acordo com Chomsky (1992), princípios de economia como *procrastinate*, *greed* e *shortest move* devem agir em convergência com as computações, para que essas sejam consideradas apropriadas para receberem representações nos dois níveis (PF e LF), além de serem importantes para que essas sejam consideradas ótimas. O princípio de *procrastinate* asseguraria que operações de movimento seriam menos custosas para a *arquitetura da linguagem* em determinados momentos do processo de *computação*. Movimentos na *forma lógica (sintaxe não-visível)*, após *spell-out*, por exemplo, seriam menos custosos do que movimentos antes de *spell-out (sintaxe visível)*. Movimentos antes de *spell-out*, por sua vez, seriam visíveis na língua. Já movimentos após *spell-out* não seriam



visíveis na língua.

Como exemplo de ação desse princípio, poderia ser citado o estudo de Pollock (1989) sobre movimento verbal em francês e inglês e sua relação com a força da flexão. Na língua inglesa, segundo o autor, a flexão seria fraca e não promoveria o movimento verbal até INFL antes de *spell-out*. Os verbos franceses, no entanto, se moveriam em direção a INFL, pelo fato de sua flexão ser considerada forte, revelando que esse movimento ocorreria antes de *spell-out*, ou seja, na *sintaxe visível*, nessa língua. Tal constatação poderia ser feita, de acordo com Pollock, por intermédio de exemplos como os que se encontram dipostos abaixo:

(2)

a. Jean embrasse *souvent* Marie.

João beija *freqüentemente* Maria

'João beija freqüentemente Maria'.

b. *Jean *souvent* embrasse Marie.

João *freqüentemente* beija Maria

'João beija freqüentemente Maria'.

c. *John kisses *often* Mary.

João beija *freqüentemente* Maria

'João beija freqüentemente Maria'.

d. John *often* kisses Mary.

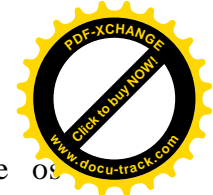
João *freqüentemente* beija Maria

'João beija freqüentemente Maria'.

(Pollock, 1989)

Para o autor, os verbos em francês são gerados nas mesmas posições dos verbos em inglês, nas sentenças dispostas. Porém, Pollock defende que em francês, pelo fato dos verbos moverem-se antes de *spell-out*, esses se deslocariam de sua posição de origem e para a posição à esquerda do advérbio *souvent*. Já em inglês, pelo fato dos verbos moverem-se após *spell-out*, esses não sofreriam deslocamento visível algum, permanecendo em suas posições onde os mesmos foram gerados, ou seja, à direita do advérbio *often*, dentro dos sintagmas verbais (VP).

Uma outra consideração de Pollock sobre essa distinção entre as línguas reside na movimentação de verbos finitos e não-finitos na língua, ao considerar marcadores de negação e



quantificadores inseridos nas sentenças. Assumindo que os marcadores de negação e os quantificadores encontram-se na mesma posição estrutural dos advérbios, segundo o autor, os verbos em francês e inglês detêm um comportamento semelhante ao primeiro caso de movimento:

(3)

a. Jean (n') aime *pas* Marie.

João *não* gosta de Maria

'João não gosta de Maria'.

b. *John likes *not* Mary.

João gosta *não* de Maria

'João não gosta de Maria'.

c. Mes amis aiment *tous* Marie.

Meus amigos amam *todos* Maria

'Meus amigos amam todos Maria'.

d. *Mes amis *tous* aiment Marie.

Meus amigos *todos* amam Maria

'Meus amigos amam todos Maria'.

e. *My friends love *all* Mary.

Meus amigos amam *todos* Maria

'Meus amigos amam todos Maria'.

f. My friends *all* love Mary.

Meus amigos *todos* amam Maria

'Meus amigos amam todos Maria'.

(Pollock, 1989)

Seguindo os exemplos, nota-se que os verbos aparecem à esquerda do marcador negativo *pas* e do quantificador *tous* em francês, enquanto que em inglês, os verbos sempre se encontram à direita do marcador negativo *not* e do quantificador *all*. Os verbos considerados *não-finitos* em francês, no entanto, possuem um comportamento diferenciado dos verbos *finitos*. Inicialmente, Pollock salienta que esses verbos não se movem para INFL, permanecendo à direita dos marcadores

de negação, como os exemplos abaixo podem revelar:

(4)

a. Ne *pas sembler* heurex est une condition pour écrire des romans.

não parecer feliz é um pré-requisito para escrever romances

‘Não ser feliz é um pré-requisito para escrever romances’.

b. *Ne *sembler pas* heurex est une condition pour écrire des romans.

parecer não feliz é um pré-requisito para escrever romances

‘Não ser feliz é um pré-requisito para escrever romances’.

(Pollock, 1989)

O autor revelaria, porém, que esses verbos, na realidade, estão se movimentando para uma posição intermediária, entre o sintagma verbal VP e IP (INFL). Tal constatação se baseia em exemplos como esses, que evidenciam verbos realizando movimento:

(5)

a. Souvent *paraître* triste pendeant son voyage de noce, c'est rare.

Freqüentemente *estar* triste durante uma noite de lua cheia, isso é raro

‘Estar sempre triste durante uma noite de lua cheia é raro’.

b. *Paraître* souvent triste pendant son voyage de noce, c'est rare.

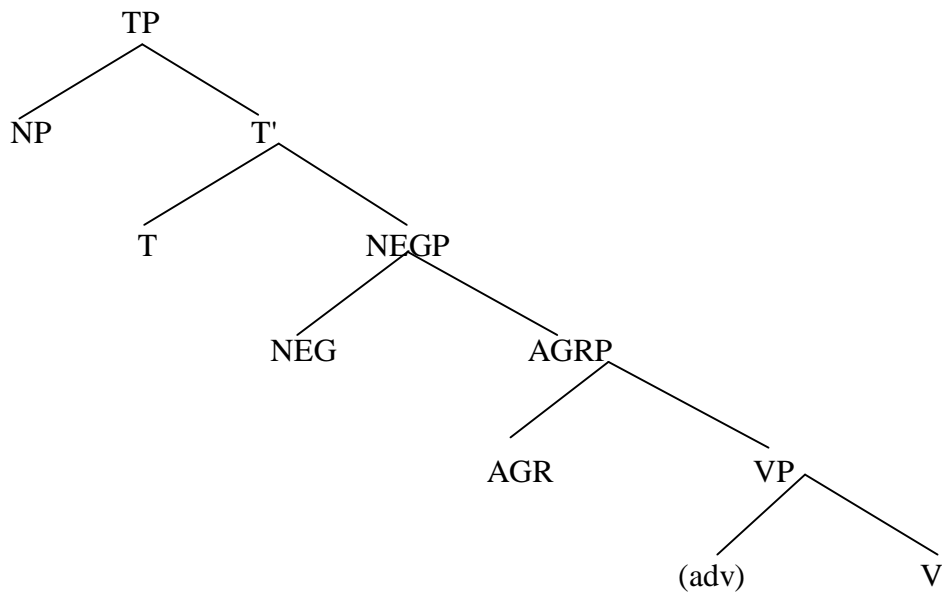
Estar freqüentemente triste durante uma noite de lua cheia, isso é raro

‘Estar sempre triste durante uma noite de lua cheia é raro’.

(Pollock, 1989)

Essa posição intermediária salientada por Pollock levou o mesmo a propor uma hipótese. Tal hipótese, conhecida com *split-INFL*, consiste em dividir o nóculo INFLP, ou IP, em dois outros nóculos, o nóculo TP e o nóculo AGRP, sendo esse último de extrema importância para o entendimento do fenômeno de apagamento de sujeito. A representação na árvore sintática ficaria da seguinte forma, baseando-se nas considerações de Pollock:

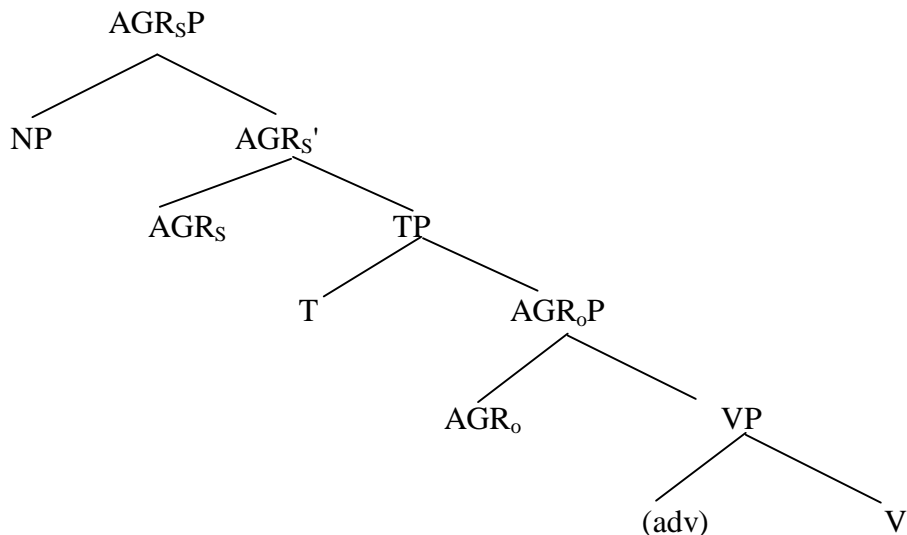
(6)



Segundo Pollock, o verbo realiza um movimento curto, ou *short verb movement*, deslocando-se de VP para AGRP, para incorporar a morfologia de concordância, sendo essa gerada no núcleo de AGRP, posicionado entre TP e VP. Desta forma, AGRP seria, para Pollock, dominado por TP.

Segundo Chomsky (1991), no entanto, AGRP dominaria TP, devido à ordem das marcas flexionais nos verbos. Baseando-se em estudos preliminares, Chomsky propõe tal organização alegando que a ordenação das desinências flexionais verbais, geralmente, se apresentaria com as marcas pessoais em posições mais externas à raiz do verbo. Como neste estágio da teoria (*Princípios e Parâmetros*) os verbos realizavam movimentos para receber os afixos de concordância, as desinências pessoais, por virem após as desinências temporais, deveriam, provavelmente, ser afixadas em um nóculo mais elevado na hierarquia da árvore sintática que o de tempo, ou TP. Esse nóculo mais alto, então, seria AGRP.

Além dessa consideração, Chomsky evidencia que o verbo, ao realizar o movimento em francês, na realidade, realizaria um movimento para AGRP_o, diferenciando esse de AGRPs. Ou seja, o nóculo de AGR dominado por TP, para Pollock, seria AGRP_o, ou AGR de objeto, para Chomsky. Tal postura pode ser conferida no exemplo abaixo:

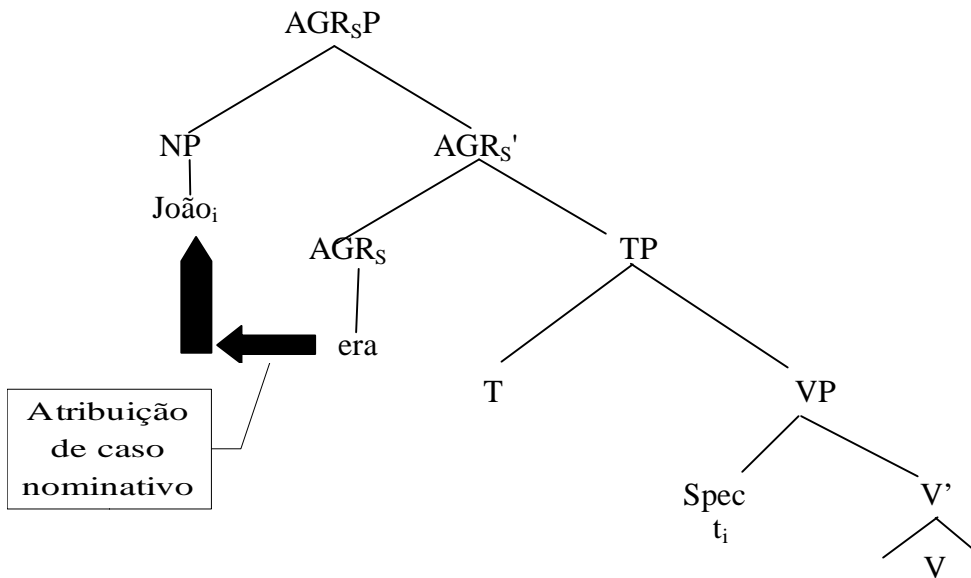


De acordo com o *Programa minimalista*, esses movimentos ocorreriam para *checagem* de traços, e não com intuito de incorporar afixos de concordância. Essa *checagem* seria do item lexical já flexionado. Em francês, essa *checagem* ocorreria antes de *spell-out*, na *sintaxe visível*, permitindo a visualização do movimento na língua, enquanto que em inglês, tal *checagem* ocorreria após *spell-out*, na *forma lógica*, não sendo visível na língua.

O segundo *Princípio de economia* é conhecido como *greed*. Esse princípio, segundo Chomsky (1992), é baseado na idéia de que um constituinte, na estrutura sintática, deveria mover-se unicamente para checar seus traços, e não para satisfazer a necessidade de um outro constituinte na sentença. Tal princípio pode ser visto na atribuição de caso. Um NP seria obrigado a se mover para uma outra posição se na posição em que esse mesmo NP foi gerado não se pudesse atribuir caso a ele, visando a não violação do *filtro de caso*. Em outras palavras, um NP poderia se mover para receber caso nominativo, por exemplo, se na sua posição de origem essa atribuição não pudesse ser feita. A *checagem* de caso, particularmente, consiste em uma relação *especificador-núcleo*, como se pode observar no exemplo abaixo:

(8)

a. João *era* professor da universidade.



O NP *João*, gerado na posição de especificador de VP, move-se para a posição de especificador de AGR_SP, para receber caso. A *checagem* é realizada pelo *filtro de caso*, sendo esse um dos módulos da gramática.

O NP sujeito da sentença *João era professor da universidade* somente pode receber *caso* nominativo se migrar de sua posição inicial para uma posição mais elevada na árvore sintática, sendo essa [Spec,AGR_SP]. Neste sentido, o verbo *era* seria o *atribuidor de caso*. Ao se movimentar, o NP deixa um traço *t* em sua posição de origem. Segundo Chomsky (1986), o conjunto João/*t* deve ser considerado uma *cadeia*. Essa *cadeia* seria, nada mais nada menos, que uma espécie de histórico de movimentos de um elemento na sentença. O traço, por sua vez, segundo Chomsky (1992), poderia ser interpretado como a cópia do elemento movido. Essa cópia seria apagada na *forma fonética*, porém, permaneceria na *forma lógica*.

Neste sentido, Van Valin (2002) apresenta argumentos contra tal necessidade universal de movimento para checagem de traços. Isso levaria à discordância da postura de que o princípio de *greed* seria um *Princípio de economia*, compartilhado entre todas as línguas naturais. Segundo o autor, existe uma língua conhecida como *lakhota* que não apresenta o que para Chomsky (1995) seriam as duas imperfeições da linguagem, sendo essas o *Movimento* e *Traços* não interpretáveis. Para Chomsky, só existe movimento porque existem traços que devem ser checados. Para Van



Valin, na língua lakota, as *palavras wh*⁻³ apareceriam *in situ*, como o próprio autor representa, nas sentenças abaixo, indicando a ausência de movimento⁴:

(9)

a. Wičháša ki tuwá na-Ø-Ø-xu he?

Homem o quem ouvir-3sgA-3sgU Q

‘Quem faz o homem ouvir’?

b. Tuwá wičháša ki na-Ø-Ø-xu he?

Quem homem o ouvir-3sgA-3sgU Q

‘Quem ouve o homem’?, ‘*Quem faz o homem ouvir’?

(Van Valin, 2002)

Segundo Van Valin, a palavra interrogativa *tuwá*, que significa *quem*, é interpretada de acordo com a sua posição na sentença. Em 9.a, a palavra interrogativa *tuwá* somente pode ser interpretada como o objeto da sentença. Em 9.b, *tuwá* deve ser interpretada como o sujeito da sentença.

Além disso, para o autor, os traços de concordância na língua seriam semanticamente interpretáveis. Em outras palavras, segundo Van Valin, a morfologia de concordância em lakota seria, em alguns contextos, a única forma evidente de se expressar os argumentos, permitindo a omissão dos mesmos em posição de sujeito e objeto. Van Valin, ao considerar a concordância em lakota detentora de traços semanticamente interpretáveis, defende que tal postura estaria de acordo com o que prega a *Condição de não inclusão*⁵, proposta por Chomsky (1998). Nessa condição, nenhum novo traço pode ser introduzido pela computação da linguagem humana, evitando a existência de elementos ou estruturas supérfluas. Nas sentenças abaixo, observa-se exemplos de apagamento dos argumentos e suas representações realizadas pela morfologia de concordância:

(10)

a. **Na-wícha-wa-x/ų.**

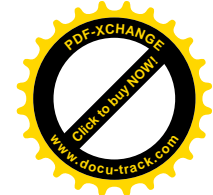
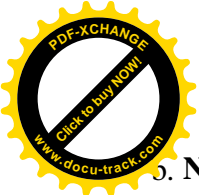
ouvir-3plU-1sgA

‘(Eu) ouço (eles)’.

³ Palavras *qu-*, ou palavras interrogativas.

⁴ Van Valin (2002): A- Actor (Agente); U- Undergoer (Alvo); Q- Question (partícula interrogativa).

⁵ Inclusiveness Condition.



5. Na-Ø-wá-x/ŭ.

ouvir-3sgU-1sgA

‘(Eu) ouço (ele/ela)’.

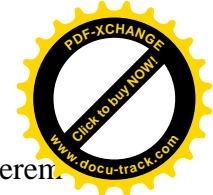
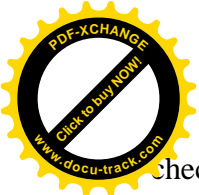
(Van Valin, 2002)

Partindo disso, Van Valin propõe que seria contra intuitivo considerar que morfemas evidentes de concordância seriam a manifestação de traços não interpretáveis enquanto que os argumentos nulos representados por tais morfemas seriam a representação de traços interpretáveis. Tal postura promoveria, desta forma, um panorama com traços duplicados e, por conta disso, um entendimento da computação totalmente destoante da premissa defendida pela *Condição de não inclusão*, que prega justamente a eliminação de elementos supérfluos. Assim, Van Valin defende que os traços interpretáveis são aqueles representados justamente pela morfologia de concordância, pelo fato da mesma ser evidente, não revelando, contudo, se os elementos nulos possuíam traços não interpretáveis ou, simplesmente, se esses elementos seriam nulos em função de tal condição minimalista.

O terceiro *Princípio de economia*, conhecido como *shortest move*, consistiria no movimento de um constituinte para a primeira posição disponível.

A última característica diferenciadora do *Programa minimalista* em relação à teoria de *Princípios e Parâmetros*, listada por Novaes (1996), baseia-se na *relação entre as computações e os traços*. Segundo Chomsky (1995), os traços seriam responsáveis pelo acionamento das computações, estando esses relacionados aos núcleos funcionais, como AGR e T. Neste sentido, Chomsky (1992) já havia proposto que as categorias de AGR e T deveriam possuir dois tipos de traços, sendo esses *nominais* e *verbais*. A existência desses traços, segundo o autor, se deve à necessidade de *checagem* dos verbos e sintagmas nominais. Os traços *nominais* seriam checados nas posições de especificador de TP ou de AGRP, enquanto que os traços de caráter *verbal* seriam checados por verbos adjungidos a esses núcleos funcionais. Chomsky proporia ainda que esses traços, não importando suas naturezas *nominais* ou *verbais*, possuíam caráter *forte* ou *fraco*. Os traços considerados *fortes* deveriam ser checados e cancelados antes de *spell-out*, ou seja, na *sintaxe visível*. Já os traços considerados *fracos* deveriam ser checados somente após *spell-out*, ou seja, na *sintaxe não-visível*.

Partindo dessas considerações, Chomsky traça um panorama sobre a ordem das palavras em inglês. O autor propôs que nessa língua, por exemplo, os traços *nominais* de T são *fortes*, enquanto os traços *verbais* desse mesmo núcleo T são *fracos*. Assim, nessa língua, os NP sujeitos deveriam mover-se para TP, com o intuito de serem checados antes de *spell-out*, tornando visível o movimento, devido aos seus traços *fortes*. Já os verbos em inglês se moveriam após *spell-out*, sendo



checados somente nesse momento, pelo fato dos traços *verbais* do núcleo funcional T serem considerados *fracos*. Além disso, Chomsky proporia que os traços de AGR, tanto *nominais*, quanto *verbais*, em língua inglesa, seriam *fracos*. Isso justificaria a não movimentação, segundo ele, tanto de sujeitos, quanto de objetos, assim como os verbos, nas sentenças da língua.

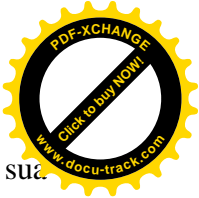
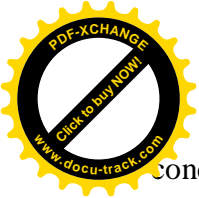
Segundo Novaes (1996), além das categorias funcionais possuírem papel determinante no *Programa minimalista*, pois essas seriam responsáveis diretas pela ordenação dos constituintes nas sentenças, as mesmas ainda estariam relacionadas com as realizações dos argumentos nulos nas línguas, ou mais precisamente, o nóculo de AGRP, sendo a compreensão desse último de suma importância para se observar a teoria que envolve o *Parâmetro do sujeito nulo*. Porém, no que diz respeito a essa categoria funcional, as discussões sobre a sua pertinência são numerosas.

Após a sua apresentação feita por Pollock, o nóculo de AGRP tornou-se alvo de inúmeras discussões. Chomsky (1995) defenderia a postura em que AGR não possuiria propriedades semânticas e sua interpretação seria independente. Partindo disso, o autor propôs a sua extinção, mesmo após ter sugerido uma subdivisão inicial do nóculo em AGRP_s e AGRP_o, ou seja, um nóculo de concordância de sujeito e outro de objeto. Para Chomsky, considerando sua proposta de apagamento do nóculo de concordância, AGRP poderia ser omitido da árvore sintática pelo fato de não ser interpretado semanticamente.

Neste sentido ainda, Speas (1995) revelou que AGR deveria ser omitido da árvore sintática somente ao se tratar de determinadas línguas. Segundo a autora, que ainda se mostrava partidária à proposta de movimento verbal para a incorporação de morfologia de concordância, haveria uma relação entre o que ela chama de concordância *forte*, a projeção de AGR na árvore sintática e a noção de *Paradigma pleno*. Para Speas, línguas detentoras de uma concordância *forte*, associada a um *Paradigma pleno*, permitiriam não somente a projeção do nóculo de AGR na árvore, com o afixo de concordância situado no núcleo desse nóculo, como também licenciariam, salvo algumas exceções⁶, o esvaziamento da posição de [Spec, AGRP], ou seja, o sujeito nulo (espanhol, italiano). Línguas com concordância *fraca*, não detentoras de *Paradigma pleno*, permitiriam a projeção de AGRP com o afixo de concordância, sendo esse gerado como vestígio de V. Porém, essas línguas não permitiriam que a posição de especificador de AGRP permanecesse nula (inglês). Línguas sem concordância não possuiriam *Paradigma pleno*, não projetando nóculo de AGRP. Porém, nessas línguas, será visto mais à frente que o licenciamento do sujeito nulo é permitido, baseando-se em artifícios mais discursivos do que puramente sintáticos (chinês, japonês, coreano).

A noção de concordância *forte* ou *fraca*, utilizada por Speas, baseia-se na *Generalização de Rohrbacher* (1992, 1993), sobre as relações entre morfemas de concordância e a sua disposição no léxico. Segundo Rohrbacher, morfemas considerados fortes seriam oriundos de sistemas de

⁶ Alemão e Yiddish.



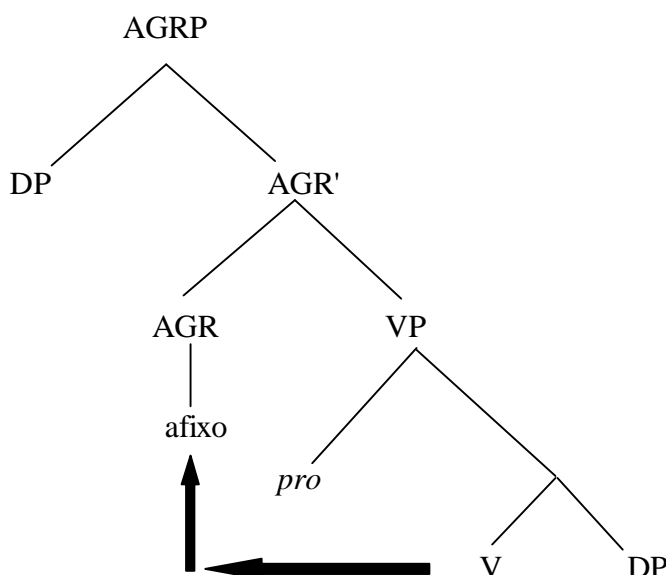
concordância fortes. Cada morfema desse tipo possuiria, no léxico, uma entrada lexical para a sua representação. Já morfemas considerados fracos, seriam oriundos de sistemas de concordância fracos. Tais morfemas, desta maneira, não possuiriam entradas lexicais individuais para eles no léxico. Para Rohrbacher, os verbos desses sistemas se encontrariam listados em paradigmas verbais no léxico.

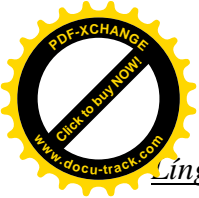
A noção de *Paradigma Pleno*, citada por Speas, baseia-se na proposta de Rohrbacher (1994) sobre INFL e o licenciamento do sujeito nulo nas línguas. Segundo o autor, para que um paradigma seja considerado pleno, INFL deveria ser uma categoria referencial, com afixos listados lexicalmente, em línguas onde a concordância regular sujeito-verbo marcasse minimamente todos os traços de INFL referenciais, como regem as duas determinações: i. Minimamente em um número e em um tempo, os traços pessoais de primeira pessoa e segunda pessoa são distintivamente marcados; ii. Minimamente em uma pessoa, de um tempo, o traço de número [singular] é distintivamente marcado.

Retornando à proposta de Speas, as línguas no mundo estariam divididas da seguinte forma, em se tratando da projeção do nó de AGR:

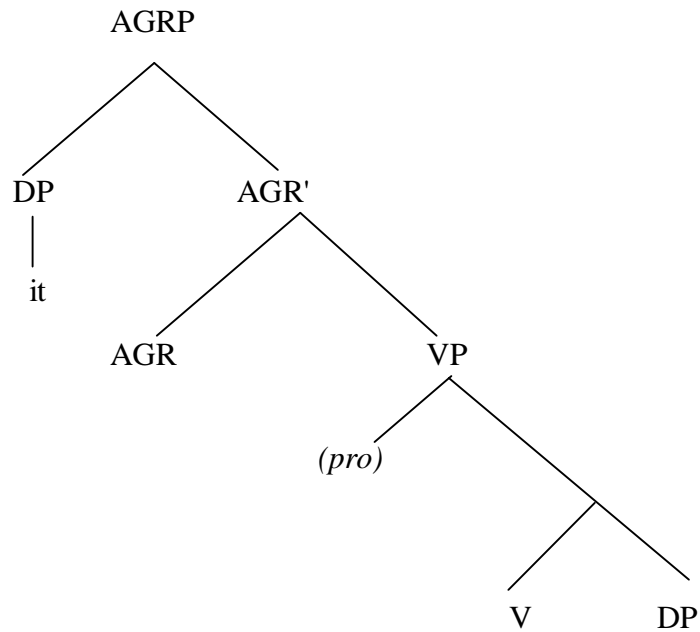
(11)

Línguas com AGR projetado e com sujeito nulo licenciado (italiano):

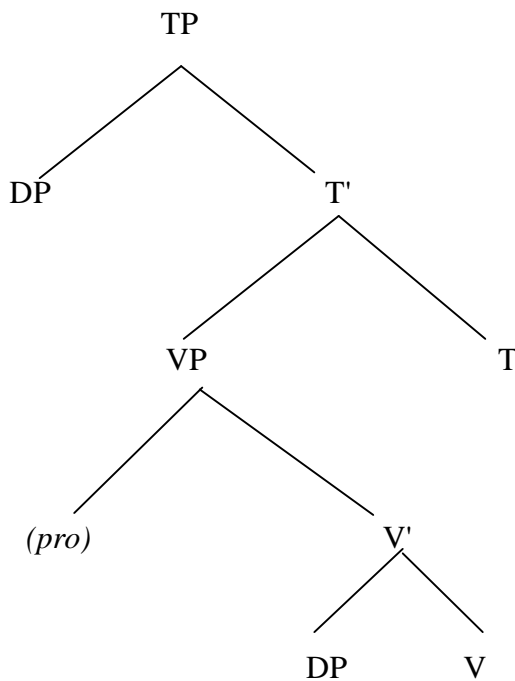




Línguas com AGR projetado e sem sujeito nulo licenciado (inglês):

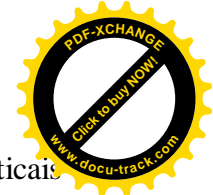
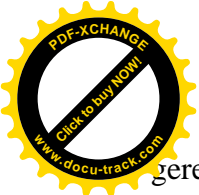


Línguas sem AGR projetado e com sujeito nulo licenciado (japonês):



(Speas, 1995)

Segundo Novaes (1996), a proposta de defender que os *Princípios de economia* são



gerenciadores das *computações* têm permitido uma redução no número de parâmetros gramaticais propostos pela teoria. Contudo, o apagamento de sujeito, fato esse encontrado em diversas línguas, foi, durante muito tempo, estudado e discutido sob a ótica de dois desses parâmetros, a saber, o *Parâmetro pro-drop*, ou *Parâmetro do sujeito nulo*, e o *Parâmetro topic-drop*, ou *Parâmetro do tópico zero*.

Partindo da iniciativa de pesquisar e refletir sobre o comportamento desse fenômeno em língua portuguesa, variante brasileira, e língua hebraica, traçando um paralelo entre os contextos de ocorrência de apagamento, se tornou necessário realizar um apanhado das principais discussões que envolveram a elaboração desses parâmetros, que serão apresentadas a partir de agora.

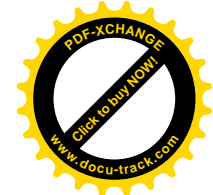
1.2 Estudo sobre concordância, sujeito nulo e os parâmetros *pro-drop* e *topic-drop*.

Ao longo da história da teoria gerativa, um dos fenômenos mais estudados e discutidos, senão o mais investigado, é aquele que trata do apagamento de material fonético na posição de argumento externo do verbo, ou seja, a omissão do sujeito na oração, em variadas línguas. Tal fenômeno motivou a compilação do parâmetro conhecido como *pro-drop*, ou também *Parâmetro do sujeito nulo*.

Tal parâmetro, como todo postulado científico, sofreu uma série de modificações no decorrer dos anos, desde a sua primeira enunciação, até os dias de hoje. Porém, muito das propostas oriundas de sua discussão, além das principais considerações feitas sobre ele, que auxiliaram na evolução da sua forma, como também na evolução da própria teoria gerativa, se deve a uma observação inicial, considerada por muitos estudiosos fundamental na investigação desse parâmetro: a importância do papel da flexão no apagamento de sujeito, ou em outras palavras, a relevância da concordância verbal na ocorrência do fenômeno de omissão de sujeito na oração.

1.2.1 Um breve resumo sobre o parâmetro *pro-drop*.

Em se tratando do apagamento de NP sujeito, surge a generalização feita por Taraldsen (1978), sobre os tipos de flexão verbal, que organizariam basicamente as línguas do mundo, diferenciando aquelas que permitiriam o apagamento do sujeito daquelas outras que não permitiriam tal comportamento. Segundo o autor, certas propriedades encontradas em algumas línguas se relacionariam com a flexão das mesmas, propiciando o surgimento do fenômeno de apagamento. Tais propriedades, posteriormente evidenciadas por Chomsky (1981), seriam:



(12)

- a. omissão de sujeito;
- b. inversão livre na ordem do sujeito e verbo em sentenças declarativas;
- c. movimento longo de palavra *qu-* de sujeito;
- d. Pronomes de retomada nulos em orações encaixadas;
- e. Violação aparente do filtro *that-t*.

Para Taraldsen, existiriam línguas que possuiriam paradigmas flexionais considerados por ele *ricos*, em oposição a línguas que deteriam paradigmas flexionais considerados *pobres*. Essa premissa estaria baseada na variação morfológica sofrida pelos verbos ao serem conjugados de acordo com tempo e pessoa, excluindo os contextos onde o verbo se encontrava na forma nominal infinitiva, onde a variação de concordância não era possível, devido à impessoalidade da forma verbal em muitas línguas.

O panorama oferecido pelos tipos de paradigmas estaria intimamente ligado ao comportamento do sujeito nulo, pois nas línguas em que o paradigma verbal fosse reconhecido como do tipo *rico*, a omissão do sujeito seria permitida, enquanto que em línguas onde o paradigma fosse identificado como *pobre*, essa omissão não seria possível. Assim, o italiano e o espanhol, por exemplo, por possuírem sistemas flexionais identificados como do primeiro tipo, seriam justificados em sua postura de apagamento de sujeito, pelo fato de seu paradigma ser especificado o bastante para estabelecer uma relação entre cada uma das flexões com cada pessoa pronominal, o que faria com que cada desinência número-pessoal pudesse resgatar o conteúdo do sujeito, após o seu apagamento. Nos exemplos abaixo, o símbolo *cv* representa a categoria vazia:

(13)

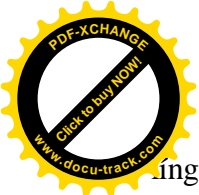
a. Io parlo; (italiano)

a_i. cv parlo; (italiano)

b. Yo hablo; (espanhol)

b_i. cv hablo. (espanhol)

Já as línguas que se encontravam identificadas no segundo tipo flexional, como é o caso do inglês e do francês, pelo fato de possuírem sistemas flexionais pouco específicos, incapazes em estabelecer uma relação direta entre todas as pessoas pronominais e as desinências número-pessoais, não conseguiriam realizar o resgate do conteúdo apagado na posição de sujeito. Em outras palavras, devido ao número reduzido de desinências número-pessoais no paradigma verbal dessas



línguas, o sujeito, por consequência, não poderia ser omitido em nenhuma pessoa. Tal postura baseia-se no fato das mesmas não possuírem uma morfologia específica o suficiente, ao se considerar as variações pessoais:

(14)

a. I speak; (inglês)

a_i. *cv speak; (inglês)

b. Je parle; (francês)

b_i. *cv parle. (francês)

Essa constatação feita por Taraldsen origina uma postura que considera o acordo entre sujeito e verbo, concretizado por intermédio da flexão, como uma relação essencial para se compreender o fenômeno de apagamento do NP sujeito. Ao se visualizar o acordo entre sujeito e verbo, a omissão de sujeito em determinada língua é permitida, como se pode ver em italiano e espanhol:

(15)

Italiano (Presente do indicativo):

Io parl -o

Tu parl -i

Lui;Lei parl -a

Noi parl -iamo

Voi parl -ate

Loro parl -ano

Espanhol (Presente do Indicativo):

Yo habl -o

Tú habl -as

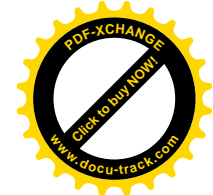
Usted; El; Ella habl -a

Nosotros; Nosotras habl -amos

Vosotros; Vosotras habl -áis

Ustedes; Ellos; Ellas habl -an

Já em línguas onde o acordo não é visível, ou seja, em línguas onde a relação entre sujeito e verbo, estabelecida por intermédio da flexão, não ocorre de maneira tão efetiva quanto em italiano e espanhol, o sujeito nulo não ocorre, como se pode ver em inglês:



(16)

Inglês (Presente do Indicativo):

I speak -Ø

You speak -Ø

He; She; It speak -s

We speak -Ø

You speak -Ø

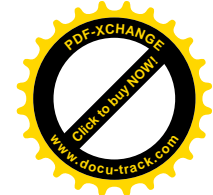
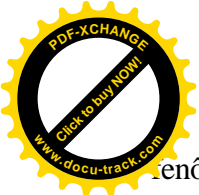
They speak -Ø

Em se tratando de estudos voltados para outros idiomas, de acordo com McCloskley & Hale (1984), existiriam línguas que possuiriam um comportamento considerado intermediário, em relação ao panorama apresentado por Taraldsen (1978), sobre a questão envolvendo a noção de *riqueza* de paradigmas flexionais. Segundo os autores, as línguas célticas, como o Irlandês, por exemplo, possuiriam os dois tipos de paradigmas, tanto o considerado *rico* (ou sintético), como o considerado *pobre* (ou analítico). Para McCloskley & Hale, as ocorrências de sujeitos nulos em irlandês seriam possíveis somente quando o paradigma fosse considerado sintético, ou “enriquecido”.

O Hebraico, segundo Borer (1984), também seguiria a mesma postura das línguas célticas, no que tange à detenção dos dois tipos de paradigmas. Contudo, será visto mais adiante neste trabalho que a disposição dos contextos permissivos às ocorrências de sujeito nulo na língua semítica é muito mais complexa, envolvendo um número muito maior de fatores lingüísticos que licenciariam o fenômeno do que simplesmente a *riqueza* da morfologia flexional.

No entanto, a concepção sobre a relação entre concordância *rica* e licenciamento do sujeito nulo não conseguiu se sustentar por muito tempo, pelo menos em sua totalidade. Outros autores demonstraram que o fenômeno de apagamento se baseava em uma rede mais complexa de relações, que envolvia outras propriedades das línguas, além da morfologia verbal.

Visando a solucionar esses e outros questionamentos oriundos do postulado de Taraldsen, muitos pesquisadores promoveram inúmeras propostas que viriam a contribuir para o refinamento do parâmetro. Um dos principais colaboradores com estudo sobre o parâmetro do sujeito nulo foi Chomsky, responsável pela apresentação sistematizada das propriedades pertinentes às línguas caracterizadas como *pro-drop*, além de uma proposta que viria a contribuir com o depuramento da teoria, atribuindo à AGR, e não somente à morfologia verbal, o papel fundamental na ocorrência de omissão de sujeito. Chomsky, com isso, promoveria uma mudança no escopo de estudo que envolvia a realização de apagamento de sujeito. Ao invés de se observar unicamente a morfologia, agora se tornava necessária a observação de outras características da língua para se compreender o



fenômeno.

Segundo o autor, as línguas que não possuíam as propriedades listadas como essenciais para a identificação do parâmetro do sujeito nulo, não permitiam, obviamente, o apagamento de sujeito. Para considerar tal afirmação, Chomsky (1981) cita exemplos do italiano, revelando uma por uma as propriedades das línguas *pro*-drop, buscando com isso contrastar o comportamento da língua italiana com o comportamento do inglês e do francês, não pertinentes a esse parâmetro:

(17)

a. Ho trovato il libro.

a_i. I found the book.

‘Eu encontrei o livro’.

b. Ha mangiato Giovanni.

b_i. Giovanni ate.

‘Giovanni come’.

c. L'uomo [che mi domando [chi abbia visto]]

c_i. The man *x* such that I wonder who *x* saw.

‘O homem pelo qual eu pergunto que eu vi’.

d. Ecco la ragazza [che mi domando [chi crede [che possa VP]]]

d_i. This is the girl who I wonder who thinks that she may VP.

‘Essa é a menina pela qual eu pergunto que ela pensa que pode (ser)’.

e. Chi credi [che partirá]

e_i. Who do you think [(that) will leave]

‘Quem você pensa que vai partir’.

(Chomsky, 1981)

No exemplo a., segundo Chomsky, haveria a possibilidade em italiano de se omitir sujeito, enquanto que em inglês e francês não existiria tal oportunidade. No exemplo b., o autor salienta a inversão de sujeito em relação ao verbo na oração, algo possível também em francês. Porém, o autor chama a atenção para o fato de que nessa língua existiriam algumas ressalvas sobre condições de ocorrência dessa estrutura. Em c., Chomsky simplesmente descarta a possibilidade de ocorrência de construção semelhante em inglês ou francês. Em d., o autor defende que o sujeito do verbo *possa*



Seria um *pronome de retomada*, e não um traço de *movimento de palavra qu-*. Mesmo reconhecendo que essa estrutura oracional é mais recorrente em uma versão mais coloquial da língua italiana, o autor garante que tal estratégia não é encontrada nem em inglês nem em francês. Por fim, em e., o autor recorre à violação do filtro *that-t* para garantir a última propriedade do parâmetro *pro-drop* presente no italiano.

Baseando-se nessas constatações, Chomsky revela que há um parâmetro, composto por tais propriedades, denominado por ele como *pro-drop parameter*, ou *parâmetro pro-drop*, responsável pela diferenciação entre línguas do tipo do italiano de línguas do tipo do francês, por exemplo. Inicialmente, o parâmetro seria o resultado da combinação entre tais propriedades e a flexão nas línguas. Porém, como o próprio Chomsky atesta posteriormente, as propriedades desse parâmetro estariam envolvidas com o elemento flexional INFL, ou, mais precisamente, com AGR. Para o próprio autor, a idéia de se relacionar flexão visível com a omissão de sujeito, na qual se baseou Taraldsen, não poderia ser considerada como definitiva, pois não é suficientemente exata.

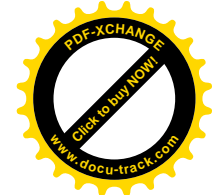
Chomsky defendeu a postura de que existiria uma propriedade de AGR, de natureza abstrata, que estaria indiretamente relacionada com a morfologia verbal visível. Seria essa propriedade abstrata que realmente distinguiria as línguas *pro-drop* das línguas não *pro-drop*. O autor discorre sobre uma espécie de *controle local*, exercido por AGR em relação ao NP sujeito, responsável pela possibilidade de omissão. AGR seria co-indexado com o sujeito, sendo o último controlado pelo primeiro. Desta forma, Chomsky garante que esse *controle local* seria a *co-indexação* entre AGR e o sujeito, responsável pela possibilidade de ocorrência do sujeito nulo.

O sujeito de orações finitas, nas línguas *pro-drop*, seria controlado por AGR, fato não constatado em línguas não *pro-drop*. Em outras palavras, em línguas *pro-drop*, AGR seria *controlador* de sujeito, permitindo sua omissão por conta disso, enquanto que em línguas não *pro-drop*, AGR não poderia ser considerado *controlador* de sujeito, de acordo com a *Teoria do Controle*⁷. Segundo essa teoria, o termo *controle* é utilizado para expressar uma relação de dependência referencial entre o *elemento controlado*, que no caso é o o NP sujeito, e um constituinte expresso ou não, sendo esse a morfologia verbal de concordância. Porém, Chomsky revelou, após isso, que a maneira mais plausível de se conciliar as propriedades encontradas nas línguas e o parâmetro em si seria o *Princípio da Categoria Vazia, ou ECP*⁸.

Segundo o princípio, AGR passa a não mais “controlar” o sujeito, mas sim “regê-lo” nas línguas *pro-drop*. Além, disso, o princípio garante a existência de um sujeito estrutural em contextos onde o verbo não permitiria tal ocorrência. Isso justificaria a existência dos *pronomes expletivos*, encontrados em orações compostas por verbos *temporais*, por exemplo. Chomsky define

⁷ Teoria do Controle (*Control Theory*): Módulo da gramática que regula a distribuição e a interpretação da categoria vazia PRO

⁸ ECP: *Empty Category Principle*



assim o *ECP*⁹:

(18)

Princípio da Categoria Vazia: [cv] deve ser propriamente regido.

Em termos do *Princípio da Categoria Vazia*, Chomsky revela a importância dos traços para justificar o apagamento de sujeito. Par Chomsky (1986), o NP sujeito possui traços que são co-indexados por AGR. Em línguas *pro-drop*, esse AGR rege os traços de NP, permitindo a omissão do último. Partindo da postura de que todo traço deve ser regido, o autor refina o *ECP*, como se pode constatar abaixo¹⁰:

(19)

Princípio da Categoria Vazia: Traços devem ser propriamente regidos.

A rege propriamente *B* se e somente se *A* *theta*-rege *B* ou *A* antecedente-rege *B*.

Regência, nesse sentido para Chomsky, deveria ser entendida como uma condição de licenciamento de traços. INFL, ou mais precisamente AGR, seria o constituinte *regente*, responsável por *reger* e *theta-marcar* o traço de sujeito, deixado após o apagamento do NP.

Outra contribuição importante encontrada em Chomsky (1981), para a teoria do parâmetro do sujeito nulo, consiste na definição das categorias vazias. Segundo o autor, existiriam dois tipos iniciais de categorias vazias: PRO e traço. Baseando-se em comparações entre as propriedades que compunham essas duas categorias, Chomsky define PRO como representante do sujeito nulo em orações finitas e infinitas. Contudo, sua configuração, no que diz respeito a seus traços, no entanto, era antagônica. O PRO foi definido como categoria vazia composta pelos traços [+pronominal] e [+anafórico].

De acordo com a *Teoria da Ligação*¹¹, o PRO deveria ser ligado e livre em sua categoria de regência, devido a sua configuração de traços que o define como elemento pronominal e anafórico ao mesmo tempo. Além disso, segundo o Teorema do PRO¹², essa categoria deveria ser não *regida*, ou seja, o PRO não poderia ser *regido* por AGR, caracterizando sua ocorrência em contextos não finitos, ou seja, em orações onde o verbo encontrava-se em sua forma nominal infinitiva. Porém,

⁹ Chomsky (1981):

The empty Category Principle: [e] must be properly governed

¹⁰ *Empty Category Principle: A properly governs B if and only if A theta-governs B or A antecedent-governs B.*

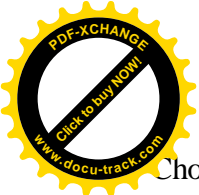
¹¹ *Teoria da Ligação*:

a. Uma anáfora é ligada em sua categoria de regência;

b. Um pronome é livre em sua categoria de regência;

c. Uma expressão-R é livre.

¹² Teorema de PRO (PRO Theorem) : PRO não deve ser governado



Chomsky estendeu ainda mais a interpretação de PRO para os contextos finitos, baseando-se em um movimento de afixos verbais denominado por ele Regra R.¹³ De acordo com o autor, tal regra seria identificada em todas as línguas, sendo a mesma parametrizável somente em relação ao local onde o movimento de afixos pudesse ocorrer. Nas línguas consideradas *pro-drop*, esse movimento afixal ocorreria na sintaxe, enquanto que nas línguas não *pro-drop*, esse movimento se daria na PF, ou, *forma fonética*. No primeiro caso, com movimento de afixo ocorrendo na sintaxe, INFL, ou mais precisamente AGR, não poderia exercer o papel de *regente*, permitindo que a categoria vazia (PRO) se tornasse não regida, viabilizando, por consequência, sua ocorrência. Já no segundo caso, com a Regra R sendo aplicada em PF, a posição de sujeito nas orações finitas ainda permaneceria *regida* por INFL, ou AGR, excluindo a possibilidade de ocorrência de PRO.

Essa interpretação não seria mantida por muito tempo, já que ao seguir tal postura de análise, que contemplava a relação entre INFL (AGR) e a categoria vazia, o sujeito nulo (PRO) estaria restrito somente aos contextos em que não pudesse ser *regido* pela concordância. Neste sentido, Rizzi, com seu trabalho sobre sintaxe em italiano, surge como mais um contribuinte de peso na elaboração e aprimoramento do parâmetro *pro-drop*.

Segundo Rizzi (1982), o parâmetro do sujeito nulo necessitaria de uma reinterpretação, considerando o comportamento peculiar da língua italiana, em se tratando do fenômeno de apagamento do NP sujeito. Baseando-se nisso, o autor promoveu uma análise inicial sobre o papel de INFL em relação às ocorrências do sujeito nulo na língua, além de propor uma diferenciação entre a categoria vazia conhecida como PRO, até então representante dos sujeitos nulos de orações finitas e não finitas, e o sujeito nulo de orações finitas unicamente, considerando o seu comportamento em variados contextos sentenciais.

Inicialmente, Rizzi estrutura sua argumentação apresentando sentenças que confirmam o italiano como língua *pro-drop*, ao exemplificar com três orações três das propriedades enunciadas por Chomsky, cujas quais todas as línguas pertinentes ao parâmetro deveriam possuir:

(20)

a. *cv* verrà.

a_i. **cv* will come.

‘(ele) virá’.

b. *cv* verrà Gianni.

b_i. **cv* will come Gianni.

‘Gianni virá’.

¹³ *R-Rule*

c. Chi_i credi che [cv_i] verrà?

c_i. *Who_i do you think that cv_i will come?

‘Quem você acha que virá?’

(Rizzi, 1982)

Rizzi compara as estruturas italianas com as estruturas equivalentes em inglês, já que esse último não possui caráter *pro*-drop. No exemplo a., o que se pode observar é a possibilidade de omissão de sujeito em uma oração finita em Italiano, enquanto que em inglês, tal possibilidade não é aceita como gramatical. Em b., Rizzi revela a inversão livre da ordem sujeito/verbo na sentença, listando mais uma propriedade do parâmetro encontrada em italiano, enquanto que em inglês, tal sentença também não seria aceita por um falante da língua. No último exemplo, o autor demonstra que em italiano ocorre a violação do filtro *that-t*, além de revelar que tal realização não seria possível em inglês.

Partindo disso, o autor apresenta como propriedades importantes para se considerar o parâmetro do sujeito nulo existente em uma língua, as três primeiras comentadas acima, a saber: i. *Sujeito nulo*; ii. *Inversão da ordem sujeito/verbo*; iii. *Violação do filtro that-t*. Contudo, além dessas propriedades citadas, Rizzi cita que há um fenômeno, conhecido como *reestruturação*, que estaria também, segundo ele, relacionado à configuração do parâmetro *pro*-drop. Tal fenômeno estaria subdividido em três outros fenômenos, conhecidos como *Seleção de auxiliar*, *Clitic Climbing* e *Movimento longo de objeto* :

(21)

a. *Seleção de auxiliar*:

Mario *ha*/*è voluto un costoso regalo di Natale.

Mario tem /*é gostado do presente caro de Natal’.

b. *Clitic Climbing*:

Gianni *lo* vuole fare.

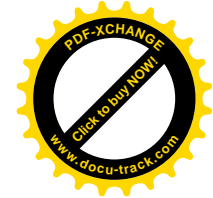
‘Gianni vai fazê-lo’.

c. *Movimento longo de objeto*:

Le nuove case si cominceranno di costruire.

‘A nova casa, começaram a construir’.

(Rizzi, 1982)



Segundo Rizzi (1982), os verbos considerados *modais*, *aspectuais* e verbos também conhecidos como de *movimento* viabilizariam a ocorrência do fenômeno de *reestruturação*. Ao observar as sentenças, o autor destaca que no primeiro exemplo, há a seleção do auxiliar *ha* em detrimento ao auxiliar *è*. No segundo exemplo, o clítico *lo* sobe até à posição pré-verbal. No terceiro exemplo, o objeto da oração subordinada movimenta-se para a posição de sujeito da oração principal.

Outra consideração importante de Rizzi reside no papel de INFL no licenciamento da categoria vazia na posição de sujeito. Para Chomsky (1981), o sujeito não poderia ser “regido” para poder ser omitido e, conseqüentemente, representado por PRO. Porém, Rizzi inverte essa postura, defendendo que na verdade, INFL seria realmente *regente* da posição de sujeito. Isso seria conseqüência, segundo o autor, da possibilidade de em línguas *pro-drop*, INFL possuir a capacidade de ser configurado com o traço [+pronominal], comportando-se, desta forma, como um pronome.

Possuindo a especificação [+ pronominal], INFL poderia receber caso *nominativo*, além de se tornar propriamente um *regente* da posição de sujeito e, por conseqüência, permitir a omissão do NP sujeito. Rizzi afirma que, baseando-se nesse comportamento, INFL seria totalmente responsável pela formação de sentenças finitas com sujeito nulo. Ele demonstra tal consideração comparando orações não finitas com orações finitas, onde os verbos auxiliares encontram-se na posição de COMP, sendo esses também responsáveis pela atribuição de caso *nominativo* ao sujeito:

(22)

a. A proposito di Mario_i , ritengo [poter {lui_i /*cv_i} diporre di fondi considerevoli].

a_i. As for Mario_i , I believe [to-be-allowed he_i /*cv to dispose of considerable funds].

‘Sobre o Mário, eu acredito ser permitido dispor fundos consideráveis’.

b. Riguardo a Francesca_i, [avendo {lei_i /*cv_i} combinato questo pasticcio], sono nei guai fino al collo.

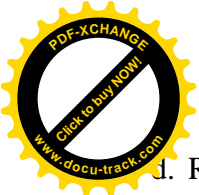
b_i. Concerning Francesca_i, [having she_i /*cv_i made this mess], I am in serious trouble’.

‘Sobre Francesca, tendo ela feito essa trapalhada, eu estou em sérios problemas’.

c. A proposito di Mario_i , ritengo poter che {lui_i /cv_i} possa diporre di fondi considerevoli.

c_i. As for Mario_i , I believe that he_i /cv_i can dispose of considerable funds’.

‘Sobre o Mário, eu acredito que ele pode dispor de fundos consideráveis’.



d. Riguardo a Francesca_i, siccome {lei_i /cv_i} ha combinato questo pasticcio, sono nei guai fino al collo.

d_i. Concerning Francesca_i, since she_i /cv_i has made this mess, I am in serious trouble’.

‘Sobre Francesca, desde que ela tem feito essa trapalhada, eu estou em sérios problemas’.

(Rizzi, 1982)

Nos dois primeiros exemplos citados por Rizzi, percebe-se que o sujeito não pode ser omitido, pelo fato dos verbos se encontrarem em formas não flexionadas. No exemplo a., o verbo *ritengo* (*acreditando*), como se vê claramente, encontra-se na sua forma de gerúndio, com seu auxiliar no infinitivo *poter* (*permitir*). No exemplo b, onde se encontra o verbo *avendo* (*tendo*), ocorre o mesmo impedimento com relação ao sujeito nulo, além de se visualizar o auxiliar no particípio *combinato* (feito). Já no exemplo c, o verbo auxiliar encontra-se flexionado *possa* (*dispõe*), permitindo a omissão do sujeito *lui* (*ele*) na sentença. Fato semelhante que ocorre em d, onde o auxiliar *ha* (*havia*) permite a omissão do sujeito *lei* (*ela*).

Outra consideração importante estaria calcada na possibilidade de extração de sujeito na posição pós-verbal, como garante o autor. Tal consideração permitiria a gramaticalidade de determinadas sentenças, fazendo com que a propriedade *that-t* não fosse desconsiderada:

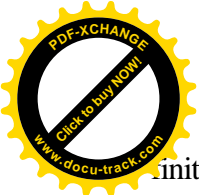
(23)

a. Chi_i credi che [cv_i] verrà [cv_i]?

‘Quem acredita que virá’?

Retornando ao papel do elemento flexional em italiano, Rizzi defende que INFL não somente permite a ocorrência de sujeito nulo, devido ao seu caráter pronominal. Na verdade, o autor revela que INFL possui um papel ainda mais específico. Tal papel seria o de interpretar o sujeito nulo. Tal interpretação, no que diz respeito ao sujeito nulo de orações finitas, seria a de um pronome definido. Tal constatação, por sua vez, ocasionaria mudanças na maneira como se encarava até então os sujeitos nulos desse tipo de oração, já que a categoria vazia utilizada para a representação do fenômeno de apagamento era o PRO.

Muitos foram os argumentos que surgiram para elucidar a diferenciação entre o PRO e os sujeitos nulos de orações finitas. O próprio Rizzi considera que uma das diferenças entre as duas categorias vazias reside em suas *propriedades referenciais*. O PRO somente pode ser considerado definido, ou referencial, quando se encontra sendo controlado por um NP mais elevado. Com exceção desse caso, o PRO possui referencialidade sempre arbitrária. O sujeito nulo de orações



...finitas, por sua vez, é quase sempre definido em sua referencialidade e nunca pode ser controlado, segundo o autor.

Outro argumento importante de Rizzi repousa na capacidade dos sujeitos nulos de orações finitas de se tornarem *pronomes de retomada* vazios, enquanto que o PRO não pode desempenhar tal papel. Essa postura é exemplificada pelo autor e reproduzida abaixo:

(24)

a. ?Gianni, che mi domando che cosa ritieni che cv abbia fatto, comunque non una simple simile punizione.

“Gianni, that I wonder what you believe that (he) has done, anyhow doesn't deserve such a punishment’.

‘Gianni, eu ao perguntar o que você acredita que (ele) tem feito, de qualquer modo não merece uma punição’.

(Rizzi, 1982)

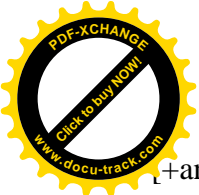
Tais constatações contribuíram para que os sujeitos nulos de orações finitas em línguas *pro-drop* passassem a serem considerados pronomes vazios, pois esses surgiam nas mesmas posições onde figuravam os pronomes evidentes. Tal postura fez que com que Chomsky realiza-se uma nova proposta sobre os tipos de categorias vazias.

Baseando-se nessas considerações preliminares, Chomsky (1982) reformularia a tipologia das expressões nominais. Segundo ele, sob a ótica da *Teoria da Ligação*, dois traços formadores dessas categorias podem ser destacados: [+/- anafórico] e [+/- pronominal]. Esses dois traços se combinariam entre eles e formariam oito expressões nominais definidas, seguindo uma disposição baseada na detenção ou não de conteúdo fonológico, organizada como evidentes e não-evidentes. Abaixo se encontra um quadro que apresenta tal divisão:

(25)

Traços nominais / Caráter	Evidente	Não-Evidente
[+anafórico, -pronominal]	Anáfora	Traço-NP
[-anafórico, +pronominal]	Pronome	<i>Pro</i>
[+anafórico, +pronominal]	-	PRO
[-anafórico, -pronominal]	Expressão-R	Variável

Para as categorias evidentes, Chomsky ressalta que uma expressão com a configuração



[+anafórico, +pronominal] não possuiria manifestação lexical nas línguas. Tal fato se deve a sua composição de traços, que impediria a sua regência, violando o filtro de caso. Segundo Novaes (1996), pode-se identificar no Português do Brasil, em se tratando ainda de expressões nominais evidentes, as *anáforas (uns aos outros)*, *pronomes (eu, tu, ele)* e *Expressões-R (João)*.

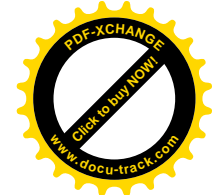
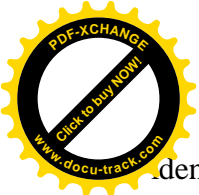
Já em relação às categorias vazias, ou expressões nominais não-evidentes, Chomsky propõe a mudança mais significativa. Baseando-se nas constatações de Rizzi (1982), Chomsky evidencia uma categoria específica para desempenhar o papel de representante do sujeito nulo, em orações finitas, pertencentes às línguas *pro-drop*. Tal categoria específica seria o *pro*, devido a sua configuração [-anafórico, +pronominal].

Pelo fato de INFL possuir um caráter [+pronominal] nas línguas *pro-drop*, o *pro* se encaixaria perfeitamente na posição em que antes era ocupada pelo PRO, devido a capacidade de referencialidade dessa nova expressão. O sujeito omitido de orações finitas, em línguas de sujeito nulo, detém referência definida, impedindo a ocorrência de expressões detentoras do valor positivo para o traço [+/-anafórico]. Ou seja, não haveria possibilidade de uma anáfora ocupar a posição de sujeito nessas línguas. Já o PRO permaneceu com a configuração [+anafórico, +pronominal], além de não ser definido em todos os contextos, necessitando de um NP para tanto. Por isso, a configuração de tal categoria tornou-se incompatível às características requisitadas pelo elemento nulo, na posição de sujeito de orações finitas, em línguas *pro-drop*.

O *pro*, em contrapartida, possuiria a configuração [+pronominal], permitindo, como foi salientado anteriormente, sua referencialidade definida. Essa constatação ocasionou uma nova interpretação na relação entre INFL, ou mais precisamente AGR, e o licenciamento do apagamento de sujeito. Segundo Novaes (1996), tal interpretação consistiria em concentrar em AGR a responsabilidade de habilitar a omissão de sujeito, pelo fato de considerar que o nóculo de concordância deveria *reger* o elemento apagado, situado em [Spec, AGRP] .

Ainda no que diz respeito à desinência de concordância expressa, de acordo com Rizzi (1982), a morfologia flexional verbal seria capaz de não somente permitir a ocorrência do sujeito nulo. Além disso, a morfologia flexional possuiria ainda uma outra atribuição, sendo essa a capacidade de interpretar o sujeito omitido. Tal consideração serviria de base para a criação de uma tipologia do sujeito nulo pronominal, ou *pro*, apresentada por Rizzi (1986).

Segundo essa tipologia, a categoria vazia de *pro* poderia receber, basicamente, três tipos de interpretação, considerando o grau de referencialidade do sujeito omitido em relação à flexão verbal, incumbida de o resgatar. Em sentenças consideradas finitas, ou seja, sentenças detentoras de verbos com morfologia flexional de concordância evidente, seriam encontrados todos os três tipos de sujeitos nulos pronominais. Já em sentenças consideradas não-finitas, ou seja, sentenças sem morfologia flexional de concordância evidente, somente dois dos três tipos básicos de *pro* seriam



identificados.

De acordo com essa disposição, o *pro* receberia, assim, as seguintes interpretações: i. Referencial; ii. co-referencial; iii. Não-referencial. Nas sentenças finitas, segundo Rizzi (1986), o *sujeito referencial*, o *co-referencial* e o *não-referencial* poderiam ser interpretados pela flexão verbal. Nas sentenças não-finitas, somente os sujeitos nulos de caráter *co-referencial* e *não-referencial* seriam interpretados pela flexão verbal. Esse panorama pode ser observado ao se considerar os exemplos abaixo:

(26)

a. Ritengo [che *pro* sia simpatico]

‘Eu acredito [que (ele) é simpático]’.

b. Ritengo [che *pro* sia troppo tardi per...]

‘Eu acredito [que (Ø) é muito tarde para...]’.

c. Ritengo [che *pro* sia probabile che...]

‘Eu acredito [que (Ø) é provável que...]’.

(Rizzi, 1986)

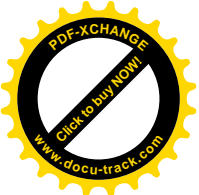
Para Rizzi, no exemplo a., o sujeito nulo representado pela categoria vazia *pro* seria interpretado como *referencial*, por causa do verbo *sia* (*é*), detentor da flexão que o resgataria, estabelecendo uma relação de referencialidade bem definida. No exemplo b., o *pro* seria interpretado como *co-referencial*, pois o verbo *sia* poderia fazer referência a um sujeito determinado (*Lui;Lei*) resgatando-o, como no primeiro caso, ou a um elemento de referência não-definida. Contudo, a possibilidade de se estabelecer o resgate de sujeito, no caso de a. e na primeira interpretação de b., ocasionaria sentenças distintas, considerando a noção de gramaticalidade. Em a., o preenchimento da posição de sujeito por um pronome pessoal de terceira pessoa (*Lui;Lei*), não alteraria o status da sentença, mantendo seu caráter gramatical. Porém, em se tratando do segundo caso, o preenchimento da posição de sujeito por um pronome originaria uma agramaticalidade, como se pode ver abaixo:

(27)

b_i. *Ritengo [che *lui* sia troppo tardi per...]

‘* Eu acredito [que (ele) é muito tarde para...]’.

(Rizzi, 1986)



Em c., Rizzi defende que o *pro* receberia, nesse contexto, a interpretação *não-referencial*.

Isso se daria pelo fato de, nessa sentença, o verbo *sia* não ser capaz de estabelecer uma relação de referencialidade definida com o sujeito omitido. Já em sentenças consideradas não-finitas, se pode visualizar um comportamento um pouco distinto:

(28)

a. *Ritengo [essere *pro* simpatico]

'?Eu acredito [ser (ele) simpático]'.

b. Ritengo [essere *pro* troppo tardi per...]

'Eu acredito [ser (Ø) muito tarde para...]'.

c. Ritengo [essere *pro* probabile che...]

'Eu acredito [ser (Ø) provável que...]'.

(Rizzi, 1986)

No exemplo a., Rizzi defende que o *pro* seria considerado agramatical em italiano, pelo fato do verbo da oração encaixada *essere* (*ser*) não permitir o resgate do conteúdo na posição de sujeito, devido ao fato do mesmo se encontrar em sua forma infinitiva, não possuindo morfologia flexional de concordância. Na sentença b., a categoria vazia *pro* seria interpretada como *co-referencial*. Neste caso, o verbo infinitivo *essere* já permite o resgate do conteúdo na posição de sujeito, possibilitando identificações cujas referências poderiam ser definidas ou não-definidas. Porém, esse exemplo cede a mesma postura do exemplo (26.b), onde o preenchimento da posição de sujeito provocaria uma agramaticalidade, como se pode constatar abaixo:

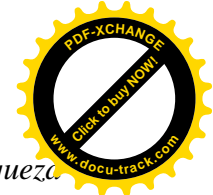
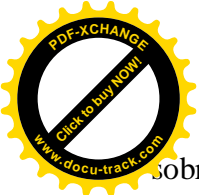
(29)

b_i. *Ritengo [essere *lui* troppo tardi per...]

'*Eu acredito [ser (ele) muito tarde para...]'.

Já no exemplo c., segundo Rizzi, a única interpretação possível para a categoria vazia *pro*, nesse contexto, seria a *não-referencial*. Isso se deveria ao fato do verbo da oração encaixada *essere* não ser capaz de resgatar o conteúdo da posição de sujeito. No entanto, a referência desse sujeito nulo seria de natureza não-definida.

A possibilidade de interpretar qual seria o caráter da categoria vazia que figurava na posição de sujeito por intermédio da morfologia de concordância revelou um novo horizonte nos estudos



sobre o fenômeno do sujeito nulo, além de confirmar, até certo ponto, a noção de *riqueza* morfológica. Contudo, mesmo com o reconhecimento da morfologia flexional bem especificada e *rica*, ocasionado de maneira indireta pela sua nova capacidade interpretativa observada por Rizzi, uma questão, envolvendo certos tipos específicos de paradigmas de determinadas línguas, voltaria a ser discutida e influenciaria, de certa forma, na evolução da teoria, fazendo com que a noção de *riqueza* perdesse um pouco de sua força explicativa, dando espaço para a noção de *morfologia uniforme*.

Neste sentido, surge uma outra tentativa de aprimorar a concepção de sujeito nulo e, conseqüentemente, o parâmetro que trata da ocorrência da categoria vazia figurante nessa posição, baseando-se, agora, na noção de *uniformidade morfológica*, salientada por Jaeggli & Safir (1989). Tal noção, por sua vez, considerava as descobertas de Huang (1984), sobre as línguas detentoras do sujeito nulo de tópico, cuja configuração de seus traços o caracterizaria como sujeito *variável*, como será visto mais à frente. Desta forma, a idéia de *uniformidade morfológica* teria como objetivo abarcar o fenômeno de apagamento de sujeito em todas as línguas, desde aquelas com um paradigma morfológico considerado *rico*, com uma forma verbal para cada pessoa pronominal, como o italiano e o espanhol, até aquelas línguas cuja morfologia verbal de concordância pessoal é inexistente, como se podia observar no chinês e no japonês.

Segundo os autores, toda a responsabilidade de se realizar concordância em uma língua se concentraria na propriedade do paradigma flexional verbal, considerando a interação desse com o sujeito das sentenças em um sistema de licenciamento formal. Essa postura originaria uma outra, baseada na idéia de que línguas que permitiam sujeito nulo deveriam possuir um paradigma morfológico flexional uniforme. Ou seja, o parâmetro do sujeito nulo seria definido em função da possibilidade dos sujeitos nulos serem licenciados somente quando uma língua fosse considerada detentora de um paradigma flexional uniforme. Tal noção de *uniformidade morfológica* se baseou na seguinte consideração:

(30)

Uniformidade morfológica:

Um paradigma flexional, em uma dada língua, pode ser considerado morfológicamente uniforme se esse mesmo paradigma possuir apenas formas flexionais não-derivadas ou apenas formas flexionais derivadas.

Baseando-se em tais considerações, Jaeggli & Safir propõem a seguinte generalização, buscando abarcar todo o fenômeno do sujeito nulo:

(31)

Generalização de Jaeggli & Safir (1989):

Sujeitos nulos ocorrem em contextos de concordância muito *rica* ou de não-concordância.

Para os autores, em línguas onde a morfologia de concordância fosse considerada suficientemente referencial para permitir a não necessidade do sujeito preenchido na sentença, ou ainda em línguas onde não existisse nenhum resquício dessa morfologia flexional, os sujeitos poderiam ser omitidos livremente. Já em línguas onde essa morfologia flexional fosse identificada como residual, ou seja, presente em alguns tempos ou fazendo referências a somente algumas pessoas pronominais, e não a todas, o sujeito nulo não seria permitido. Segundo Jaeggli & Safir, línguas como o espanhol e o italiano possuiriam paradigmas morfológicos flexionais uniformes devido ao fato de suas formas verbais serem compostas por *complexos morfológicos*, consistindo esses em unidades cujas estruturas internas seriam formadas por uma raiz e um afixo (raiz-afixo de número; pessoa), como se pode notar abaixo:

(32)

Espanhol.

habl -o (1s)

habl -as (2s)

habl -a (3s)

habl -amos (1pl)

habl -áis (2pl)

habl -an (3pl)

Italiano.

parl -o (1s)

parl -i (2s)

parl -a (3s)

parl -iamo (1pl)

parl -ate (2pl)

parl -ano (3pl)

Em línguas onde os paradigmas morfológicos flexionais não fossem representados, ou seja, línguas onde as formas verbais fossem constituídas por *complexos morfológicos* cujas estruturas fossem compostas somente pela raiz verbal, configurando a forma (raiz-Ø), o sujeito nulo também seria licenciado, como se pode ver no chinês e no japonês, cujo exemplo utiliza-se do verbo *falar* nas duas línguas:

(33)

Chinês.

shuo -Ø (1s)
shuo -Ø (2s)
shuo -Ø (3s)
shuo -Ø (1pl)
shuo -Ø (2pl)
shuo -Ø (3pl)

Japonês.

hanashimasu -Ø (1s)
hanashimasu -Ø (2s)
hanashimasu -Ø (3s)
hanashimasu -Ø (1pl)
hanashimasu -Ø (2pl)
hanashimasu -Ø (3pl)

Já em línguas cujo paradigma morfológico flexional fosse considerado *não-uniforme*, ou seja, onde houvesse somente um resíduo flexional de concordância, o sujeito nulo não seria permitido. Segundo os autores, essas línguas não possuiriam paradigmas uniformes pelo fato de suas formas verbais serem constituídas por *complexos morfológicos* cuja estrutura seria variante, ora detendo a posição de afixo preenchida, ora detendo a posição de afixo não-preenchida (raiz-afixo/Ø). Além disso, tais estruturas seriam coexistentes nessas línguas, como se pode observar por intermédio dos exemplos identificados em inglês e em francês:

(34)

Inglês (Presente do Indicativo):

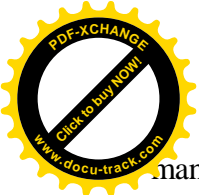
speak -Ø (1s)
speak -Ø (2s)
speak -s (3s)
speak -Ø (1pl)
speak -Ø (2pl)
speak -Ø (3pl)

Francês (Presente do Indicativo):

parl -e [parl -Ø] (1s)
parl -es [parl -Ø] (2s)
parl -e [parl -Ø] (3s)
parl -ons [parl -o] (1pl)
parl -ez [parl -e] (2pl)
parl -ent [parl -Ø] (3pl)

(Jaeggli & Safir, 1989)

Segundo os autores, torna-se nítido o caráter residual da morfologia flexional em inglês, detendo somente afixo referente ao conjunto semântico (número;pessoa) para a terceira pessoa do singular. Já em francês, a morfologia contrastiva é mais evidente. Contudo, essa contrastividade seria concretizada somente na linguagem escrita, onde todos os afixos seriam observados claramente. Na fala, no entanto, as diferenças entre as formas verbais seriam pouco perceptíveis. Mais precisamente, a (1s); (2s); (3s) e a (3pl), na oralidade, seriam pronunciadas da mesma



maneira, sendo essa [parl -Ø], com ausência de afixo de (número;pessoa). Já a (1pl) e a (2pl) seriam pronunciadas preenchendo a posição de afixo no *complexo morfológico*, dando origem a [parl -o] e [parl -e], respectivamente.

A identificação de um sujeito nulo seria, de acordo com os autores, ocasionada por intermédio de dois tipos de estratégias de concordância. A primeira estratégia de concordância seria aquela conhecida como *local*, oriunda de línguas cujos paradigmas morfológicos fossem *fortes* e uniformemente dispostos. Esse panorama viabilizaria a identificação de *pro* por AGR, com o segundo desempenhando o papel de *atribuidor* de Caso ao primeiro, além de figurar também como o *regente* da categoria vazia. Tal estratégia serviria para as línguas como o italiano e o espanhol, por exemplo. O processo de identificação que se utilizaria da estratégia de concordância conhecida como *não-local* seria encontrado em línguas como o chinês e o japonês, onde não haveria morfologia de concordância, mas sim, uniformidade paradigmática. Neste caso, a identificação seria concretizada por intermédio de um processo de herança, envolvendo dois nódulos de INFL. Um INFL *local*, incapaz de recorrer ao conteúdo de um *pro* igualmente local, herdaria de um INFL mais alto traços relevantes à identificação da categoria vazia. Para os autores, haveria também a possibilidade de um INFL local herdar de um NP mais alto esses traços. Seria esse NP mais alto, por sua vez, que c-comandaria a categoria vazia.

Uma outra contribuição para o depuramento dos estudos envolvendo o fenômeno do sujeito nulo também se baseia nas considerações de Speas (1995). De acordo com a autora, a relação entre AGR e as ocorrências de sujeitos nulos nas línguas seria baseada na seguinte generalização:

(35)

Generalização de Speas:

- a. Uma língua possui sujeitos nulos se AGR é gerado com um morfema em seu núcleo.
- b. Uma língua não possui sujeitos nulos se AGR é gerado juntamente com o verbo.
- c. Uma língua possui sujeitos nulos se a mesma não possui AGR.

(Speas, 1995)

Ao considerar tal generalização, Speas revelaria que AGR poderia ou não permitir o apagamento de sujeito, além de considerar que em certas línguas esse nódulo não seria projetado, como já se foi elucidado. Tal postura seria consequência de uma consideração que pregava a idéia

de que fenômeno do sujeito nulo poderia ser mais bem entendido por intermédio do *Princípio de economia*, anteriormente visto, e não por intermédio de condições de licenciamento e, por conseguinte, através do parâmetro do sujeito nulo. De acordo com esse princípio, em certas línguas onde fosse permitido o sujeito nulo, como o italiano e o espanhol, AGR possuiria um nóculo independente, ocasionando o surgimento de um especificador de seu núcleo possivelmente vazio, viabilizando, na *forma lógica*, a omissão de material fonético na posição de sujeito. Em línguas onde o sujeito nulo não fosse permitido, como o inglês, AGR possuiria um nóculo independente, mas a morfologia de concordância seria gerada como vestígio no núcleo V e não no núcleo AGR, além do fato da posição de [Spec, AGRP] dever ser obrigatoriamente preenchida por um NP ou elemento pleonástico. Já em determinadas línguas, haveria a possibilidade de omissão do sujeito, porém, sem a necessidade da projeção do nóculo de AGR, como ocorre no japonês. Segundo Speas, pelo fato de não haver um nóculo AGRP para onde devem se movimentar os NP para a posição de sujeito, não haveria a necessidade do deslocamento, possibilitando, com isso, a omissão desses NP's.

Baseando-se nisso, Speas revelou uma tabela contendo essa relação e as línguas que poderiam ilustrar tal postura:

(36)

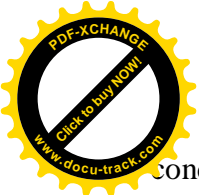
Spec de AGRP vs Tipos de línguas.

Tipo de concordância	Spec,AGR pode ser nulo	Spec,AGR deve ser preenchido
<i>Forte</i>	Espanhol	Yiddish
<i>Fraca</i>	*****	Inglês
<i>Ausente</i>	Japonês	*****

(Speas, 1995)

Muitos autores, em suas publicações mais recentes, passaram a desconsiderar por completo a pertinência do nóculo AGRP na árvore sintática, como Chomsky (1995) já havia revelado. No entanto, em certas outras publicações, igualmente atuais, tal nóculo permaneceu existente na estrutura das árvores. Nesta presente pesquisa, visando a corroborar com o seu potencial explicativo, tomou-se por melhor alternativa a postura revelada por Speas (1995), mais precisamente no que diz respeito à possibilidade ou não de inserção do nóculo de concordância AGRP na árvore sintática, dependendo de características morfológicas das línguas.

No entanto, até este ponto do presente trabalho, duas características foram fundamentais na



concepção do fenômeno que envolve o licenciamento do sujeito nulo, sendo essas a maneira de expressar concordância e o caráter da categoria vazia figurante na posição de sujeito. Primeiramente, a morfologia de concordância nas línguas citadas nas considerações anteriores (salvo algumas exceções, como certas línguas colaboradoras nos estudos de Jaeggli & Safir, 1989 e Speas, 1995), era expressa ou de maneira bem especializada e referencial (espanhol, italiano), ou de maneira menos especializada e menos referencial (inglês, francês). Tal postura seria totalmente responsável pela identificação do sujeito nulo. A morfologia expressa, neste sentido, ocasionava a interpretação do caráter da categoria vazia representante do sujeito nulo como *pronominal*. Em outras palavras, o sujeito nulo dos estudos citados anteriormente possuía uma configuração de traços do tipo [+anafórico, +pronominal] para orações *não-finitas*, sendo esse o PRO, ou [-anafórico, +pronominal], para orações *finitas*, sendo esse o *pro*. Contudo, Huang (1984) evidenciou que o caráter dos argumentos nulos em línguas como o chinês, o japonês e o coreano poderiam possuir uma configuração [-anafórico, -pronominal], rompendo com que se havia estipulado na teoria para a interpretação dos sujeitos nulos, por exemplo, caracterizando, desta forma, a categoria vazia nessas línguas como *variável*, sendo essa ligada a um *tópico* inserido no discurso. Tal constatação seria fundamentada, basicamente, nessas línguas, não detentoras de qualquer tipo de morfologia de concordância expressa, como será visto no item sobre sujeito de tópico, que se inicia logo abaixo.

1.2.2 Um breve resumo sobre o parâmetro topic-drop.

Inicialmente, de acordo com Huang (1984), o chinês, japonês e o coreano são línguas capazes de realizar o apagamento de qualquer argumento, seja ele interno ou externo, ou seja, sujeito ou objeto, mesmo sem possuir morfologia de concordância. Nos exemplos abaixo, se pode conferir tal postura em chinês¹⁴:

(37)

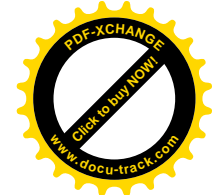
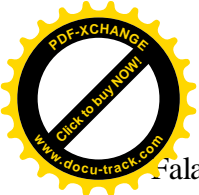
Falante A:

Zhangsan kanjian Lisi le ma?

Zhangsan ver Lisi LE Q

‘Zhangsan viu Lisi’?

¹⁴ Huang, 1984: LE – marca de aspecto perfectivo ou incoativo; BA – proposição marcando um objeto pré-verbal; DE – marca modificadora que ocorre no final de qualquer modificador pronominal; Q- Palavra interrogativa; ACC- Marca de caso acusativo; PAST- Marca de tempo passado; I- objeto



Falante B:

cv kanjian **cv** le.

cv ver **cv**

‘(Ele) viu (ele)’.

(Huang, 1984)

Para o autor, a relação entre concordância expressa e sujeito nulo nas línguas consideradas *pro-drop* é essencial. Línguas como espanhol e o italiano possuiriam concordância *rica*, permitindo o apagamento e, a conseqüente, identificação e resgate do pronome omitido por intermédio da morfologia flexional verbal. Já línguas como o inglês e o francês possuiriam um empobrecimento dessa morfologia, sendo impedidas de omitirem seus argumentos. Além disso, o autor salienta que não importa se o paradigma da língua é considerado *rico* ou *pobre*, ou seja, se a língua é ou não considerada *pro-drop*. Para ele, a teoria não concebia a omissão de pronomes na posição de argumento interno, ou, em outras palavras, na posição de objeto.

Porém, segundo o autor, a teoria *pro-drop* encontraria dificuldades em tratar das ocorrências de apagamento de argumentos em línguas como o chinês. Para ele, a relação estabelecida por Taraldsen – morfologia de concordância expressa viabiliza sujeito nulo - seria insuficiente para dar conta dos argumentos apagados, tanto na posição de sujeito, quanto na posição de objeto, em línguas sem morfologia de concordância expressa.

Ao comparar sentenças do chinês com certas sentenças do inglês, Huang argumentou que em todos os contextos da língua oriental, as categorias vazias recorrentes não possuíam referência fixada em nenhum elemento da sentença, buscando referência sim em algum elemento fora da mesma. O autor salientou que essa postura seria obrigatória em chinês, a princípio, quando a categoria vazia estivesse na posição de objeto da oração encaixada, ou subordinada, como evidencia o exemplo abaixo:

(38)

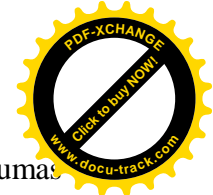
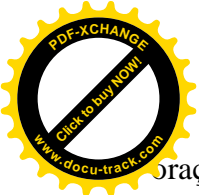
*Zhangsan_i xiwang [keyi kanjian *cv*_i]

Zhangsan espera Lisi poder ver

‘Zhangsan_i espera que Lisi possa ver [ele_i’.

(Huang, 1984)

Para Huang, um objeto de subordinada somente se ligaria a um elemento da oração principal, pelo menos em chinês, caso esse elemento fosse um NP tópico, na posição de sujeito da



Oração *matrix*. Segundo o autor, ao se inserir o tópico *neige ren (este homem)* em algumas estruturas já citadas, o objeto passa a se fixar a esse elemento, como revelaria o exemplo abaixo:

(39)

Neige ren_i Zhangsan shuo [Lisi bu reshi cv_i]

Este homem Zhangsan dizer Lisi não conhece

‘Este homem_i, Zhangsan disse à Lisi que não conhecia [cv_i]’.

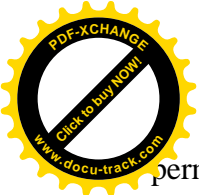
(Huang, 1984)

Baseando-se nos exemplos acima, Huang evidenciou que a categoria vazia na posição de objeto, de fato, estaria ligada a um tópico no discurso. Ou seja, os objetos nulos de subordinadas em chinês, assim como os sujeitos e objetos nulos de orações simples, sendo essa conclusão estendida para todas as outras línguas sem morfologia de concordância expressa, seriam ligados a tópicos discursivos inter-sentenciais, sendo essa a única leitura possível de sua relação com algum elemento na língua. Em contrapartida, Huang também defende que os sujeitos nulos das subordinadas em chinês poderiam ser considerados sujeitos com referência definida, ou seja, *pronominais*, do tipo *co-referenciais*.

Huang argumentou que essa relação torna-se viável ao se considerar a *Teoria de Regência e Ligação*. Segundo essa teoria, as categorias vazias poderiam ser pronominais ou não-pronominais. Dentre as categorias não-pronominais, seria encontrada a expressão nominal denominada *variável*. Tal expressão, por sua vez, deveria ser \bar{A} -ligada¹⁵ e estar situada na posição A. Em outras palavras, tal categoria deveria estar ligada a um elemento fora da sentença, na posição de especificador do nódulo complementizador CP, não possuindo referência dentro da sentença, fosse ela por intermédio de um NP ou por intermédio de INFL (AGR). Por sua vez, tanto os sujeitos quanto os objetos de sentenças simples, em chinês, deveriam ser categorias vazias *variáveis*, cuja configuração seria [- anafórico, - pronominal], enquanto que somente os sujeitos de encaixadas poderiam ser representados por categorias vazias pronominais *pro*.

Baseando-se nessas considerações, o autor propôs, então, a elaboração de um novo parâmetro, que trataria, ao lado do *parâmetro pro-drop*, de todas as ocorrências de sujeito nulo, passando a considerar não somente as línguas com morfologia de concordância verbal evidente, como italiano e espanhol de um lado, e francês e inglês do outro, em se tratando do grau de especificação de seus paradigmas verbais. Mas também, observando aquelas outras línguas que

¹⁵ Huang 1984:
 α \bar{A} -liga β se α liga β e α é um operador, em posição não argumental (Tópico, etc.)



permitted the omission of subject, using other artifices that do not use verbal inflection for that, such as Chinese, Japanese and Korean. Thus, the author proposes the *parameter Topic-drop*, or *parameter of the zero-topic*, which takes account of the realizations of subjects and objects null in these languages.

Tal parâmetro estaria relacionado a um outro parâmetro, conhecido como *discurso-orientado vs sentença-orientado*. O chinês seria uma língua “orientada para o discurso”. Já o Inglês e o Italiano seriam línguas “orientadas para a sentença”. Tal parâmetro seria composto por, de acordo com Huang, três propriedades básicas encontradas nas línguas “orientadas para o discurso”, como chinês, japonês e coreano. As propriedades seriam: i. *Apagamento de NP Tópico*; ii. *Proeminência de Tópico*; iii. *Anáfora de ligação discursiva*.

A primeira propriedade seria, basicamente, a realização do tópico nulo, caracterizando o caráter de *variável* do argumento nulo da sentença. Segundo Huang, tal propriedade atuaria através do discurso, por intermédio da identificação do tópico nulo da sentença com um tópico em uma sentença anterior. Para o autor, o resultado desse processo seria o que ele chama de *topic chain*, ou, cadeia de tópico, como demonstra o exemplo abaixo:

(40)

a. [Zhongguo_i, difang hen da.] [cv_i, renku hen duo.] [cv_i, tudi hen feiwo.] [cv_i, qihou ye hen hao.] [cv_i women dou hen xihuan.]

China lugar muito grande população muito muito extensa muito fértil clima muito muito bom todos nós gostamos muito

‘Assim como a China, (China) sua terra é muito extensa. (China) Sua população é muito grande. (China) Seu solo é muito fértil. (China) Seu clima é muito bom. (China) Todos nós gostamos (dela)’.

(Huang, 1984)

A segunda propriedade baseia-se na disposição das línguas em possuir obrigatoriamente um sujeito estrutural em suas sentenças ou não. Segundo Huang, o inglês é uma língua de “sujeito-proeminente”, pois necessita possuir sempre um sujeito em suas sentenças. Já as línguas identificadas como pertencentes ao grupo denominado “tópico-proeminente”, não possuem necessariamente sempre um sujeito em suas sentenças. Nessas línguas, as estruturas sentenciais mais comuns são aquelas conhecidas como a de *tópico-comentário*, como se pode ver no exemplo citado por Huang:



(41)

a. neichang huo, xingkui xiaofangdui lai de zao.

Este fogo fortuitamente bombeiros vir COMP¹⁶ cedo

‘Este fogo, fortuitamente os bombeiros vieram cedo’.

(Huang, 1984)

A terceira e última propriedade do parâmetro tópico-zero consiste na existência de uma *anáfora de ligação*, discursivamente motivada. Nas línguas “orientadas para a sentença”, tal anáfora não é encontrada. Porém, já em línguas “orientadas para o discurso”, essa anáfora, desempenhando essa função, pode ser encontrada. Huang evidencia tal anáfora por intermédio de um exemplo, extraído do coreano:

(42)

Falante A:

John-i salam-öl ponae-«ss-ni?

João-NOM¹⁷ homem-ACC enviar-PAST-Q

‘João enviou o homem’?

Falante B:

ani, *caki*-ka cikc«p o-«ss-ta.

não o mesmo-NOM em-pessoa vir-PAST-DECL

‘Não, o mesmo veio em pessoa’.

(Huang, 1984)

Huang constata que a anáfora *caki* recebe caso *nominativo* pelo fato de ser inferida do discurso, pois a mesma estaria ligada ao tópico *John*, na sentença anterior. O autor ainda revela que esse discurso também poderia ser construído em chinês, mantendo a gramaticalidade das sentenças. Fato esse que não ocorreria em uma língua “orientada para a sentença”, como é o caso do inglês:

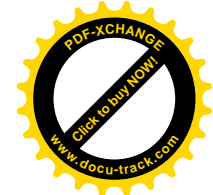
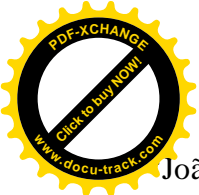
(43)

Falante A:

Did John send the man?

¹⁶ COMP: Complementizador.

¹⁷ NOM: Marca de caso nominativo; ACC: Marca de caso acusativo; PAST: Marca de passado; Q: Palavra interrogativa.



João enviou o homem'?

Falante B:

*No, *himself* came.

'Não, ele mesmo veio'.

(Huang, 1984)

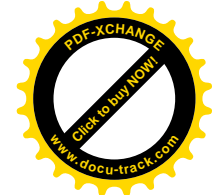
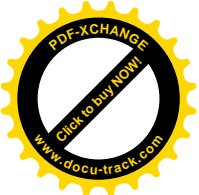
Tal parâmetro, como evidencia Huang, seria completamente independente do parâmetro que trata do sujeito nulo de caráter pronominal, ou seja, do *parâmetro pro-drop*. Contudo, o mesmo passaria a compor, juntamente como o parâmetro do sujeito nulo, o conjunto de propriedades utilizadas para se observar o apagamento de sujeito em todas as línguas do mundo.

Por fim, um outro ponto de vista interessante, que tem relação direta com a discussão sobre licenciamento do sujeito nulo em línguas sem morfologia de concordância expressa, é aquele evidenciado por Sigurðsson (2004), sobre a relação entre os traços e as suas manifestações morfológicas. Em seu trabalho, o autor defende que a representação morfológica de concordância não é suficiente para expressar a idéia de concordância, e sim o traço que essa representa.

Em outras palavras, toda língua possuiria uma concordância abstrata, representada por esses traços de concordância universais. Contudo, nem todas as línguas representariam essa concordância por intermédio de uma morfologia específica e evidente. Assim, italiano, inglês e chinês, possuiriam os mesmos traços de concordância abstrata, mesmo possuindo maneiras diferenciadas de expressá-los na morfologia verbal. Baseando-se nisso e em outras observações feitas basicamente em islandês, o autor propõe o *Princípio do Silêncio*¹⁸, onde toda língua possui traços de significado que não estão, necessariamente, relacionados a uma morfologia evidente.

Considerando as reflexões feitas neste capítulo, nos dois próximos capítulos serão apresentadas algumas discussões sobre o fenômeno de apagamento de sujeito nas duas línguas que serviram de ponto de partida para a realização desta pesquisa. Discussões essas que envolvem os principais pontos relacionados com o fenômeno de apagamento, como paradigma de concordância, parâmetros e suas propriedades identificadas nas línguas, bem como os contextos mais propícios em cada um dos idiomas para ocorrência do apagamento. Partindo disso, primeiramente serão discutidos alguns estudos sobre a omissão do constituinte sintático na posição de sujeito em língua portuguesa, falada no Brasil, e, posteriormente, o mesmo será realizado para a língua hebraica, variante moderna, falada em Israel.

¹⁸ The Silence Principle.



CAP 2. SUJEITO NULO EM PORTUGUÊS DO BRASIL.

O português do Brasil, visto e discutido por muitos autores na literatura, detém um comportamento favorável ao apagamento de argumento sujeito, pelo menos aparentemente, como poderá ser acompanhado mais à frente. Por conta disso, muitos estudos foram realizados na língua, na tentativa de se entender melhor o fenômeno de omissão de constituinte na posição de sujeito. Neste presente trabalho, alguns desses importantes estudos serão lembrados e apresentados em seguida com o intuito de favorecer o entendimento desse comportamento.

Primeiramente, serão evidenciadas discussões sobre português do Brasil, de cunho diacrônico, no âmbito de língua escrita, com fortes traços de oralidade devido a sua finalidade dialógica como texto para peças de teatro. Após isso, será realizada a apresentação sobre trabalhos no âmbito de língua falada, onde esses evidenciam resultados muito semelhantes aos estudos do primeiro tipo, em se tratando do comportamento do sujeito nulo. Sendo assim, a revisão deste capítulo será iniciada pelo primeiro trabalho de Duarte, citado por esta pesquisa, sobre sujeito nulo.

Duarte (1993), partindo da concepção que considera o papel fundamental da flexão verbal, em línguas como o italiano e o espanhol, para o fenômeno de apagamento de sujeito, buscou observar quais seriam os efeitos de uma simplificação dos paradigmas flexionais verbais no PB¹⁹. Tal simplificação seria oriunda da perda das formas pronominais de segundas pessoas, do singular e do plural, *tu* e *vós*, em substituição pelas formas *você(s)* e *senhor(es)*. Baseando-se em diálogos de peças de teatro, escritas por autores com extrema popularidade conhecida em suas épocas, a autora obteve suas fontes de pesquisa e o seguinte panorama.

Segundo a autora, acreditava-se preliminarmente que a substituição desses pronomes por outros vocábulos promoveria a simplificação morfológica verbal e, conseqüentemente, contribuiria para um crescimento no índice de preenchimento de sujeitos nas orações. Esse preenchimento não se restringiria somente às pessoas afetadas pelas trocas, como a segunda pessoa singular e segunda pessoa plural, mas se expandiria para todas as outras pessoas pronominais. Tal fato seria agravado caso se confirmasse a postura encontrada em uma das últimas fontes analisadas por Duarte, onde a autora revela a co-existência de uma terceira forma, *a gente*, com o pronome de primeira pessoa do plural *nós*. Em estudos posteriores, como será observado em Novaes (1996), em seu estudo sobre português do Brasil falado, essa co-existência já se apresenta de maneira muito mais recorrente na língua.

De acordo com essas informações preliminares, as relações de paradigmas verbais do português do Brasil se encontrariam da seguinte maneira dispostas, como um esquema apresentado

¹⁹ Português do Brasil.

por Duarte (1995) conseguiu sintetizar:

(1)

Paradigmas Pronominais e Flexionais em PB.				
Pess./N	Pronome	Paradigma I	Paradigma II	Paradigma III
1 ^a sing.	Eu	Am-o	Am-o	Am-o
2 ^a sing.	Tu	Am-a-s	---	---
	Você	Am-a	am-a	am-a
3 ^a sing.	Ele/Ela	Am-a	am-a	am-a
1 ^a plur.	Nós	Am-a-mos	Am-a-mos	---
	A gente	---	Am-a	am-a
2 ^a plur.	Vós	am-a-is	---	---
	Vocês	am-a-m	am-a-m	am-a-m
3 ^a plur.	Eles/Elas	am-a-m	am-a-m	am-a-m

(Duarte, 1995)

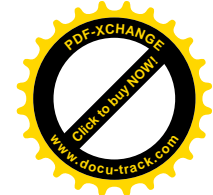
Torna-se evidente, com a visualização dos paradigmas, que a troca dos pronomes por outros vocábulos provoca de fato um empobrecimento flexional verbal. Partindo de seis formas verbais distintas no primeiro paradigma, são encontradas somente três formas verbais diferenciadas no terceiro paradigma. Sem desinências número-pessoais específicas para cada pessoa pronominal, o apagamento de sujeito torna-se prejudicado, como se pode ver no exemplo abaixo:

(2)

Ø Estuda

(Você, Ele/Ela, A gente) estuda.

Baseando-se em um paradigma semelhante ao de número dois, evidenciado acima por Duarte, Galves (1993) já havia proposto que o dialeto do português que detém esse panorama flexional perdeu a distinção semântica de pessoa. Porém, esse manteve o seu traço sintático de pessoa. Para Galves, tal fato permitiria, desta forma, a elaboração de um padrão, oriundo da combinação dos traços binários [+/-pessoa] e [+/-número]. Tal padrão encontra-se disponível no exemplo abaixo:



(3)

[+ pessoa, - número] = desinência *-o*

[+ pessoa, + número] = desinência *-mos*

[- pessoa, - número] = desinência *-a*

[- pessoa, + número] = desinência *-m*

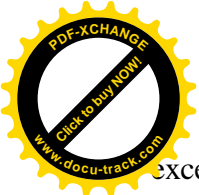
Segundo Galves, o traço de número, nesse paradigma, ainda pode ser considerado um traço distintivo na morfologia verbal. Contudo, para Costa & Figueiredo Silva (2006), existiria um quarto paradigma, recorrente em PB, pertencente a um dialeto específico da língua. Nesse novo paradigma, no entanto, apropriando-se das considerações de Galves, Costa & Figueiredo Silva afirmam que o traço de número já não é mais representado morfologicamente nas formas verbais. Até mesmo o traço de pessoa, para os autores, torna-se, apenas, significativamente distintivo quando é observada a primeira pessoa do singular em relação às outras pessoas. Tal paradigma encontra-se disposto abaixo, apresentando somente o traço de pessoa como significante na distinção de morfologia verbal, com os pronomes pessoais *tu*, *nós* e *vós* não detendo forma verbal correspondente:

(4)

Pess./N	Pronome	Paradigma IV
1 ^a sing.	Eu	Am-o
2 ^a sing.	Tu	---
	Você	am-a
3 ^a sing.	Ele/Ela	am-a
1 ^a plur.	Nós	---
	A gente	am-a
2 ^a plur.	Vós	---
	Vocês	am-a
3 ^a plur.	Eles/Elas	am-a

(Costa & Figueiredo Silva, 2006)

Ao analisar seus dados, Duarte (1993) confirma uma postura evidenciada por ela mesma inicialmente em seu trabalho. Em outras palavras, ao observar de maneira minuciosa o comportamento da língua, a autora constatou que o número de ocorrências de sujeito nulo, com



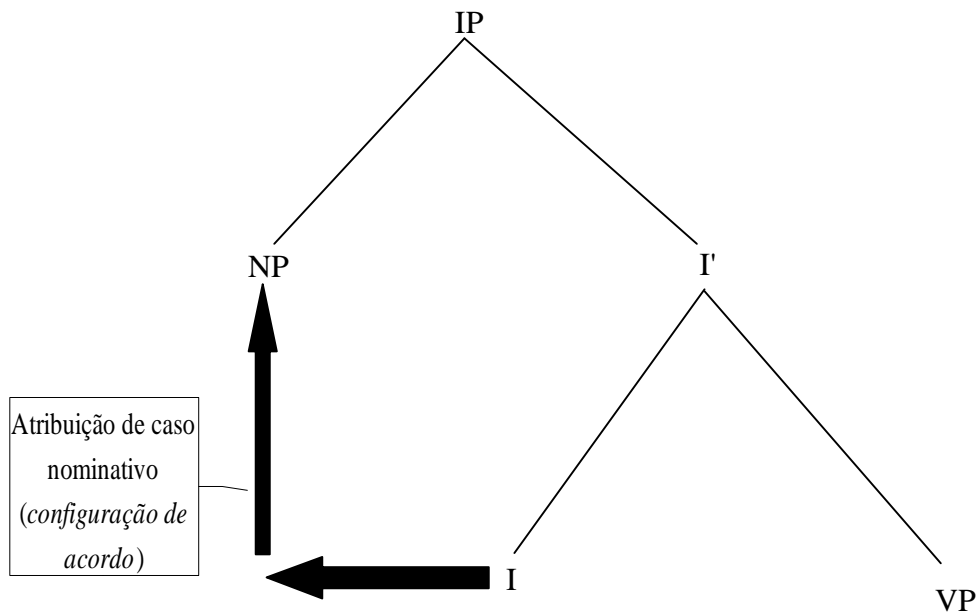
exceção das terceiras pessoas, está abaixo da média de ocorrências. Partindo da análise das segundas pessoas, Duarte afirma que essas detêm o segundo menor índice de apagamento em contextos favoráveis (22% de ocorrências), ganhando somente das primeiras pessoas (18% de ocorrências). As terceiras pessoas, em contrapartida, são aquelas que apresentam o maior índice de apagamento entre as três pessoas pronominais (55% de ocorrências), evidenciando um índice bem elevado em comparação aos demais. De acordo com Duarte, essa assimetria se deve ao fato da terceira pessoa possuir outras opções de resgate de seu significado. Para a autora, a terceira pessoa nula não seria mais totalmente dependente da concordância verbal (AGR, segundo Duarte), pelo fato de sua identificação estar relacionada com a *co-indexação* da própria terceira pessoa com um NP acessível, seja via contexto discursivo, seja via estruturas subordinadas detentoras de sujeitos correferentes. Baseando-se nisso, Duarte afirmaria que os casos de sujeitos nulos licenciados por AGR em PB são *residuais*, evidenciando um período de transição no qual se encontraria a língua, saindo de um estágio *pro-drop* para um estágio não *pro-drop*.

Um outro trabalho realizado no âmbito do sujeito nulo em português do Brasil foi apresentado por Figueiredo Silva (1994). Nele, a autora defende que na língua portuguesa, variante brasileira, algumas propriedades que foram propostas para compor o *Parâmetro do sujeito nulo* não poderiam ser mais identificadas. Tais propriedades seriam a *inversão do sujeito* e o sujeito nulo de natureza pronominal, ou simplesmente, *pro*.

Segundo a autora, a ausência da possibilidade de se identificar a *inversão de sujeito* na língua portuguesa do Brasil seria conseqüência do surgimento de um novo fenômeno. Esse fenômeno consistiria na perda da opção de parametrização da atribuição de caso nominativo do tipo *configuração de regência*. Figueiredo Silva apóia-se nas considerações de Roberts (1993a), sobre os tipos de atribuição de caso nominativo nas línguas, para realizar sua argumentação em relação à propriedade perdida. No trabalho de Roberts, existiriam dois tipos de configurações para atribuição de caso estrutural nas línguas. Seriam eles: i. *Configuração de acordo*; ii. *Configuração de regência*.

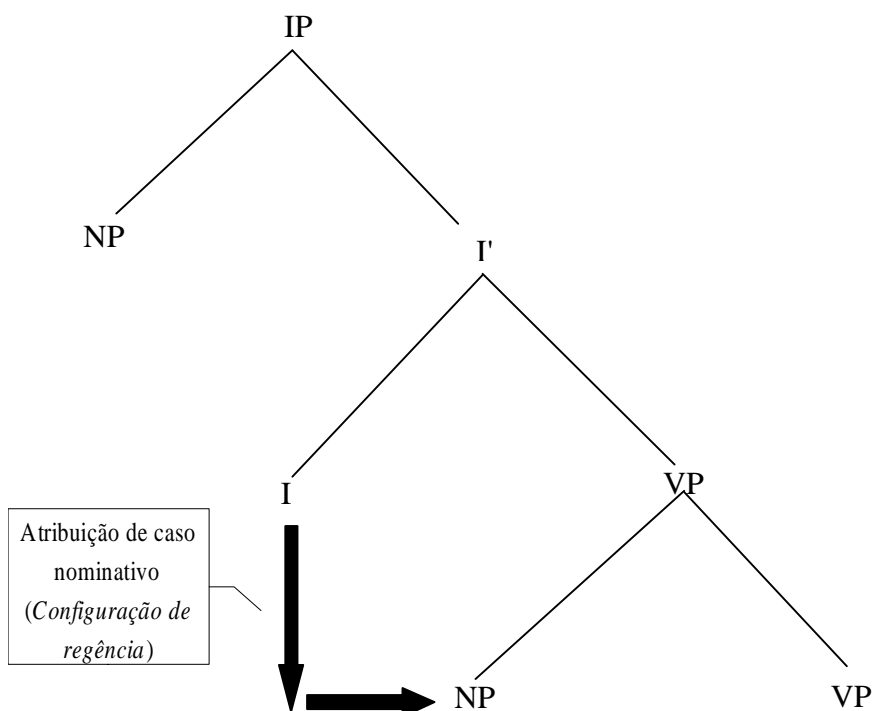
No primeiro tipo de atribuição de caso, cujo caráter seria o de *configuração de acordo*, um núcleo se relacionaria com seu especificador. Em outras palavras, o núcleo atribuidor de caso, sendo esse I, seria o responsável pela atribuição de caso ao NP na posição de especificador, como se pode ver abaixo:

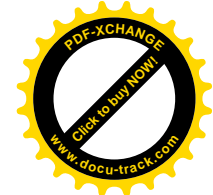
(5)



Com se pode notar, o núcleo do nódulo de IP, sendo esse I, atribui caso *nominativo* ao especificador, sendo esse o NP anterior. Já no segundo tipo de configuração de atribuição de caso *nominativo*, sendo essa a *configuração de regência*, o relacionamento seria, agora, entre o núcleo e o seu complemento, ou mais precisamente, entre núcleo e o especificador de seu complemento. Tal tipo de configuração de atribuição de caso pode ser vista com o auxílio do exemplo abaixo:

(6)





No exemplo acima, o núcleo de IP atribuiria caso *nominativo* ao especificador de seu complemento VP, que seria o NP, caracterizando, desta maneira, o segundo tipo de configuração de atribuição de caso. De acordo com Roberts, as línguas variariam de acordo com suas configurações distintas. O francês e o italiano, por exemplo, possuiriam o primeiro tipo de atribuição de caso *nominativo*, ou seja, o de *configuração de acordo*. Já o inglês possuiria o segundo tipo de atribuição de caso *nominativo*, sendo esse o de *configuração de regência*. Segundo Novaes (1996), a relação entre AGR e a atribuição de caso nominativo poderia ser definida de acordo com as duas posturas:

(7)

AGR e Configuração de acordo:

Se AGR permite o licenciamento de *pro* sob o caráter de *acordo*, AGR, então, deveria promover paradigmas cujas identificações seriam de natureza funcionalmente rica, ou seja, detentor do traço [+ pronominal].

AGR e Configuração de regência:

Se AGR permite o licenciamento de *pro* sob o caráter de *regência*, AGR, então, promoveria paradigmas cujas identificações poderiam ser de natureza formalmente rica ou funcionalmente rica.

Para Figueiredo Silva, o português do Brasil atribuiria caso somente utilizando-se da primeira configuração, ou seja, a *configuração de acordo*. Por isso, segundo a autora, o português brasileiro se encontraria no mesmo grupo de línguas onde já se encontravam o Francês e o Italiano. Já no que diz respeito à segunda propriedade perdida, sendo essa o sujeito nulo de caráter pronominal, Figueiredo Silva atesta que houve um desaparecimento completo desse tipo de categoria vazia na língua. Após analisar separadamente as ocorrências de sujeitos nulos em orações simples, ou independentes, e encaixadas, ou subordinadas, ela propõe a seguinte sentença interrogativa para embasar sua argumentação sobre os sujeitos nulos não referenciais em PB:

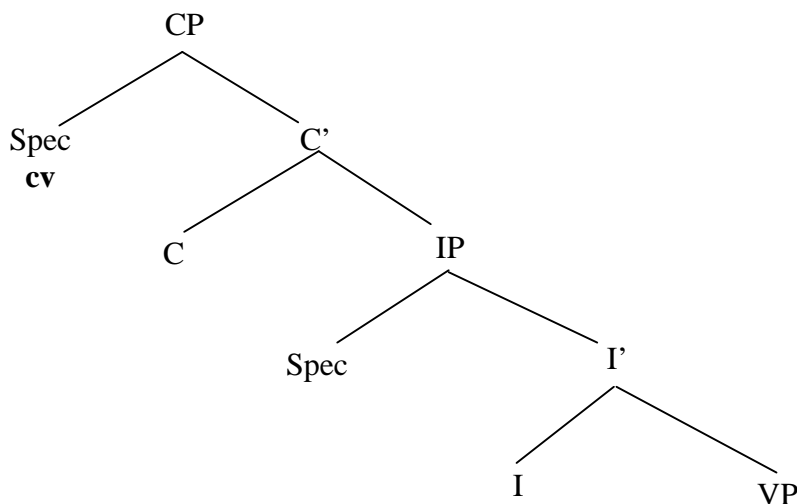
(8)

* O que (é que) *cv* comprei ontem?

Para a autora, essa sentença interrogativa deve ser considerada agramatical. A agramaticalidade, por sua vez, é consequência da sensibilidade da categoria vazia sujeito ao movimento da palavra interrogativa *qu-*. Ou seja, a palavra *qu-* está ocupando a posição de

especificador do nóculo complementizador CP. Posição essa que geralmente é preenchida também pelo elemento que exerce o papel de tópico da sentença. A agramaticalidade, segundo Figueiredo Silva, consistiria na impossibilidade da co-existência, nesse contexto sentencial, dessa categoria vazia com a palavra *qu-*, propondo que isso se deve ao fato dos dois elementos possuírem o mesmo sítio de aterrisagem na estrutura sintática. Em outras palavras, a categoria vazia sujeito não estaria situada, em português do Brasil, na posição de especificador de IP, mas sim na posição de especificador do nóculo CP, que se encontra mais acima na estrutura sintática, dominando IP. Tal fato caracterizaria, assim, a natureza *não-pronominal* dessa categoria vazia. Esse panorama pode ser ilustrado por intermédio do exemplo abaixo:

(9)



Na tentativa de corroborar com a sua proposta de não existência de sujeito nulo de caráter *pronominal*, no português do Brasil, a autora propõe a seguinte sentença declarativa, seguida de uma estrutura representacional do posicionamento das categorias funcionais:

(10)

- a. **cv** Comprei um carro ontem.
- b. [CP **cv**_i [AGR_{SP} t_i comprei um carro ontem]]

(Figueiredo Silva, 1994)

Para a autora, a estrutura representacional (10b) revela que a categoria vazia se movimentou de AGR_{SP} (inserido em IP), deixando somente um traço nessa posição, para a posição de especificador do nóculo complementizador CP. Esse movimento seria consequência da necessidade



dessa categoria vazia de encontrar um traço de pessoa no discurso que já está ausente no nóculo de concordância AGRsP.

Um outro exemplo do comportamento *não-pronominal* do sujeito nulo em português do Brasil, citado por Figueiredo Silva, baseia-se nas duas sentenças dispostas abaixo, onde a categoria vazia encontra-se situada na posição de sujeito da oração subordinada:

(11)

- a. *A Maria disse que **cv** vendi o carro muito caro.
- b. Eu_i, a Maria disse que **cv**_i vendi o carro muito caro.

(Figueiredo Silva, 1994)

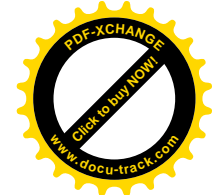
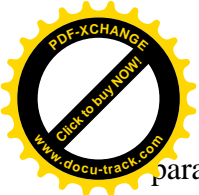
Para a autora, a agramaticalidade da primeira sentença, (11a), consiste na impossibilidade de interpretação da categoria vazia como um sujeito cujo referente encontra-se fora da oração principal, o que caracterizaria o seu caráter pronominal, pois essa identificação seria feita via flexão verbal. Figueiredo Silva atesta que tal observação pode ser feita mesmo considerando-se a diferença dessa flexão de primeira pessoa em relação às demais pessoas pronominais. Já na segunda sentença, a autora defende que a gramaticalidade justifica-se pelo fato da presença de um elemento fora da sentença, provavelmente na posição de tópico discursivo, que desempenharia o papel de referente da categoria vazia.

Baseando-se nos fatos apresentados em estruturas semelhantes à interrogativa (8) e às duas encaixadas, (11a) e (11b), Figueiredo Silve propõe, então, que o sujeito nulo em português do Brasil possui caráter de *variável*. Caráter esse semelhante ao das categorias vazias de línguas como o chinês e japonês. Além disso, a autora defende ainda que há a possibilidade de ocorrência de sujeitos nulos de caráter *anafórico* na língua, como a mesma exemplifica com a sentença abaixo, onde a categoria vazia possui como referente o sujeito da oração principal *A Maria*:

(12)

A Maria_i olha pro chão toda vez que **cv**_i fala com o José.

O próprio Huang, ao promover seu estudo sobre sujeito de tópico em chinês, já havia realizado algumas considerações sobre a língua portuguesa do Brasil. Segundo o autor, nas sentenças (13a) e (14a), as categorias vazias situadas na posição de sujeito das orações encaixadas podem estar ligadas ao sujeito da oração principal, bem como a um tópico do discurso. Já as categorias vazias situadas na posição de objeto das orações subordinadas, apresentadas nas sentenças (13b) e (14b) devem estar necessariamente, segundo ele, ligadas a um tópico no discurso,



para que as mesmas não se tornem agramaticais:

(13)

a. João_i disse que **cv**_i viu o Pedro.

b. *João_i disse que Pedro viu **cv**_i.

(14)

a. João_i sabe que **cv**_i gostaria de conhecer a Maria melhor.

b. *João_i sabe que a Maria gostaria de conhecer **cv**_i melhor.

(Huang, 1984)

Além disso, o autor revela que, ao observar elementos de subordinadas, ligados ao objeto das orações principais, o direcionamento para um referente de tópico ocorre mais uma vez. Segundo ele, a categoria vazia situada na posição de objeto de uma oração subordinada não pode estar ligada ao objeto da oração principal, devendo, necessariamente, buscar sua referência em um tópico, inserido no discurso:

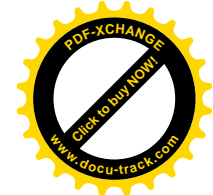
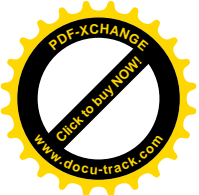
(14)

a. João disse à Maria_i que gostaria de conhecê-la_i melhor.

b. *João disse à Maria_i que gostaria de conhecer **cv**_i melhor.

(Huang, 1984)

Em Duarte (1995), muitas das constatações feitas em sua pesquisa anterior foram novamente alcançadas, agora, em um estudo sincrônico. Partindo da segunda pessoa pronominal, a autora revela mais uma vez o baixo índice de apagamento de sujeito. De acordo com ela, de 119 ocorrências de contextos favoráveis à omissão de sujeito de segunda pessoa singular, somente 13 apagamentos foram identificados, gerando um percentual de 11% de ocorrências de elementos nulos. Em 8 ocorrências de contextos favoráveis ao apagamento de sujeito de segunda pessoa plural, nenhuma omissão foi identificada. Segundo Duarte, 5 das 13 ocorrências de sujeito nulos de segunda pessoa foram encontradas em contextos onde existiam orações encaixadas. Tal estrutura sintática favorecia a *co-indexação* da categoria vazia com o NP destacado, como se pode acompanhar nos exemplos abaixo:



(15)

A **senhora_i** falou que **cv_i** não gosta de cozinhar e que **cv_i** tinha empregada.

(Duarte, 1995)

As outras 8 ocorrências foram identificadas em contextos de estruturas interrogativas e exclamativas, também favoráveis ao resgate sem o auxílio de flexão, dependendo mais do contexto discursivo, como se pode ver abaixo:

(16)

cv_i Nunca ouviu falar nele?

(17)

cv_i Sabe o que é pinho de riga?

(Duarte, 1995)

No caso da segunda pessoa do plural, como já dito anteriormente, todas as ocorrências possuíram sujeito foneticamente realizado, como mostra o exemplo abaixo:

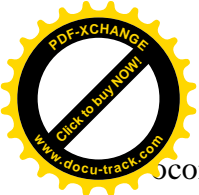
(18)

Aí **vocês** vão entrar em atrito porque **vocês** vão começar a brigar.

(Duarte, 1995)

Em se tratando da primeira pessoa, Duarte atesta um aumento dos índices de ocorrência de sujeitos nulos. Partindo da primeira pessoa do singular, com desinência de concordância evidente, a autora revela que de um total de 478 contextos favoráveis à ocorrência de sujeito nulo, 138 apagamentos foram identificados, gerando uma porcentagem de 29% de ocorrência de categoria vazia. Neste momento do estudo, Duarte também salienta uma porcentagem sobre as formas verbais de primeira pessoa do singular com ausência de desinência número-pessoal, ou *zero*. Neste sentido, segundo a autora, de 153 contextos, 37 desses foram identificados como evidenciadores de sujeito nulo, gerando uma porcentagem de 24% de ocorrência de categoria vazia.

No que diz respeito à primeira pessoa do plural, Duarte também realiza uma divisão entre os desempenhos das formas com e sem desinências flexionais evidentes. Para as formas verbais, com morfologia flexional evidente, a autora revela que de 53 contextos favoráveis à omissão de elemento sujeito, em 15 desses foram identificados apagamentos, gerando uma média de 28% de



ocorrência de categoria vazia. Já em se tratando da forma verbal sem a desinência de concordância *-mos*, o estudo revelou que de 67 contextos, 3 foram efetivos em ocorrências de sujeitos nulos, viabilizando uma média de 9% de ocorrência de categoria vazia nesses contextos, sendo essa a menor média das primeiras pessoas pronominais. Tais números podem ser mais bem compreendidos com o auxílio dos exemplos, onde a presença de flexão plural viabiliza nitidamente o sujeito nulo, enquanto que a forma flexional *zero*, consequência do uso da forma *a gente*, em detrimento ao pronome *nós*, não permite tal realização:

(19)

Aí, **cv** fomos pra uma cidade seis horas ao Norte.

(20)

Agora **a gente** 'tá brigado'. Tem duas semanas que **a gente** nem se fala.

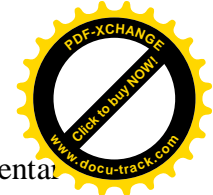
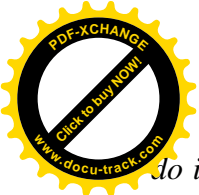
(21)

Eu acho que em um ano **a gente** se separa se **a gente** se casar.

(Duarte, 1995)

No que tange a terceira pessoa, Duarte (1995) revela que seria nesse contexto onde os índices de ocorrência de sujeitos nulos seriam os mais elevados em seus estudos. Partindo da terceira pessoa do singular, a autora revela que dos 419 contextos favoráveis ao apagamento de sujeito, 165 evidenciam essa omissão de material fonético, proporcionando uma média de 39% de ocorrência de categoria vazia. A terceira pessoa do plural, por sua vez, ofereceria uma média mais baixa, porém, ainda bem acima das médias de primeira e segunda pessoa. Neste caso, de 127 contextos favoráveis à ocorrência de sujeito nulo identificados pela autora, 44 apagamentos foram revelados, gerando uma média de 35% de ocorrência de categoria vazia. Tal constatação levaria Duarte a afirmar mais uma vez que as terceiras pessoas seriam mais resistentes ao processo de mudança sofrido pelo PB, pois essas possuiriam um referente externo, além do AGR enfraquecido, para realizar os seus resgates.

Ao analisar o comportamento do sujeito nulo em PB de acordo com os tempos verbais, Duarte chegou a mais constatações. De acordo com a autora, o tempo *pretérito perfeito* seria aquele que favoreceu mais ao apagamento de sujeito. Cerca de 39% das orações com verbos conjugados nesse tempo possuíam sujeito nulo. Esse índice razoável fez com que a autora considerasse uma certa resistência das desinências de primeira e terceira pessoas do singular ao processo de enfraquecimento paradigmático sofrido pela língua, nesse tempo. Ao considerar o tempo *presente*



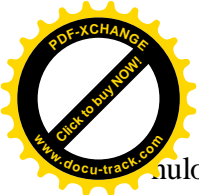
do *indicativo*, Duarte garantiria que esse se equivaleria ao tempo *pretérito imperfeito*, ao apresentar o desgate paradigmático e, conseqüentemente, um menor índice de apagamento de sujeito. A autora também destaca a ausência total de ocorrência de sujeitos nulos, em todas as pessoas, no tempo *pretérito mais-que-perfeito*, além do quase desaparecimento por completo desse fenômeno no tempo *futuro simples*, possuindo somente três ocorrências dentre todos os contextos favoráveis oferecidos pelo *corpus* de pesquisa.

Duarte ressalta, ainda o comportamento do sujeito nulo nos tempos do modo *subjuntivo*. Neste modo, a média de ocorrências chegou à cerca de 20% do total de contextos favoráveis. Em tempos compostos e no futuro perifrástico, onde as locuções verbais são visualizadas, não há uma mudança significativa nos índices. Para a autora, o que ainda prevaleceu na obtenção dos sujeitos nulos foi a influência do tempo em que se encontrava o verbo auxiliar, com uma preferência visível pelo *pretérito perfeito*.

Baseando-se em tal amostragem, Duarte propôs um panorama diferenciado do primeiro, revelado por Figueiredo Silva, sobre o caráter do sujeito nulo. Para a autora, todos os sujeitos nulos do português do Brasil possuem caráter *pronominal*. Em outras palavras, Duarte atesta que todas as categorias vazias na língua possuem a especificação que identifica um *pro*. Considerando os paradigmas verbais do PB e os contextos de realizações de categorias vazias, a autora relata que, na realidade, o que está ocorrendo não é uma eliminação do sujeito nulo pronominal, ou a existência de somente sujeitos nulos de caráter de *variável* ou *anafórico*, como defende Figueiredo Silva. O que existe é um sistema *pro-drop* defectivo, segundo a autora. Para ela, a identificação do sujeito nulo *pronominal* se tornou cada vez mais restrita pelo fato do paradigma flexional verbal ter sofrido um enfraquecimento, ou mais precisamente, um empobrecimento na representação morfológica do traço de pessoa nos verbos. Tal fato veio a dificultar a identificação dessas categorias vazias na língua.

A influência desse enfraquecimento morfológico na realização e identificação da categoria vazia sujeito, ressaltada por Duarte, baseia-se nas considerações de Roberts (1993a), sobre o enfraquecimento do paradigma flexional e sua conseqüência na perda da uniformidade funcional do mesmo. Essa relação, segundo Roberts, baseia-se na proposta de que mesmo que haja o enfraquecimento de um paradigma verbal somente em algumas pessoas, tal fenômeno provoca a diminuição de ocorrências de sujeitos nulos em todas as pessoas, até mesmo naquelas em que ainda há morfologia distintiva. Segundo Duarte, isso justificaria a diminuição das ocorrências de sujeito nulo de primeira pessoa, por exemplo.

Ainda em se tratando da relevância do enfraquecimento de paradigmas verbais e as ocorrências de sujeitos nulos, segundo Roberts (1993a), haveria a possibilidade de se estudar o fenômeno de apagamento de sujeito por intermédio de um novo sistema de licenciamento de sujeito



aulo, evidenciado por ele. Para o autor, esse novo sistema compreenderia duas noções relacionadas à AGR. Em outras palavras, haveria dois tipos distintos de *riqueza* envolvendo AGR, se diferenciando neste sentido uma da outra. Esses dois tipos diferentes de *riqueza* seriam, como na maioria das propostas feitas anteriormente, responsáveis pelo licenciamento do apagamento do material fonético na posição de sujeito.

Tais *riquezas* se encontrariam apresentadas da seguinte maneira: i. *Riqueza funcional*; ii. *Riqueza formal*. A riqueza de caráter *funcional* estaria relacionada com as terminações *zero*, representantes das pessoas pronominais em um dado paradigma. Essa relação, entre esse tipo de flexão e a pessoa pronominal, somente poderia ser concretizada se, segundo o autor, a terminação *zero* fosse representante, minimamente, de uma pessoa no paradigma. Para Roberts, quando um paradigma possui tal característica *funcional* em AGR, o mesmo seria identificado pelo traço [+pronominal] e permitiria também o que o autor chama de *sincretismo*, ou seja, a identificação pronominal por intermédio de uma terminação *zero*. Porém, quando há mais de um *sincretismo* em um paradigma, há a necessidade do preenchimento com sujeito lexical, como se pode notar nos exemplos abaixo, com a auxílio do paradigma verbal do *Presente do Subjuntivo* em italiano:

(22)

parl -i -Ø (1s)

parl -i -Ø (2s)

parl -i -Ø (3s)

parl -i -amo (1pl)

parl -i -ate (2pl)

parl -i -no (3pl)

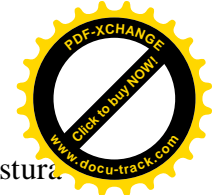
Nota-se facilmente que ao se atribuir uma terminação zero à representação pessoal nesse paradigma, surge uma dificuldade bem evidente. Não haveria como identificar o sujeito, no caso de seu apagamento, pois haveria a mesma terminação sendo responsável pela identificação de três pessoas pronominais distintas, a saber, (1s), (2s) e (3s). Tal postura impediria essa omissão de sujeito, obrigando, ao invés disso, o seu preenchimento:

(23)

Io parl -i -Ø

Tu parl -i -Ø

Lui; Lei parl -i -Ø



Já a *riqueza* de caráter *formal* estaria mais associada, pelo menos em parte, à postura encontrada em Jaeggli & Safir (1989), baseando-se na idéia de paradigma morfológicamente *uniforme*, apresentando uma terminação distinta para cada pessoa pronominal. Porém, nos paradigmas detentores dessa *riqueza formal*, não haveria a possibilidade dos *sincretismos*, além do impedimento de se deter terminações *zero*. Línguas como o italiano, em seu *Presente do Indicativo*, por exemplo, possuiriam tal característica *formal*. Já o chinês, diferenciando-se da proposta de *uniformidade* de Jaeggli & Safir, não se enquadraria no grupo de línguas detentoras dessa *riqueza formal*, por não possuir terminações identificadoras de pessoas pronominais.

Roberts também observaria que em línguas onde o sujeito nulo é licenciado haveria a possibilidade de ocorrência de um outro fenômeno associado ao de apagamento, denominado *alçamento verbal*²⁰. Esse fenômeno estaria relacionado à possibilidade de mover o verbo para o nóculo de IP. Além disso, o autor estabeleceria uma relação entre a impossibilidade do verbo de se movimentar para o nóculo flexional e as terminações flexionais. Línguas com terminações flexionais empobrecidas ao longo de sua história não possuiriam I^{-1} , ou seja, não possuiriam AGR^{-1} , nem T^{-1} . Baseando-se nisso, o autor evidenciaria um parâmetro que pudesse dar conta desse movimento. Tal proposta de parâmetro dividiria as línguas em dois grandes grupos.

O primeiro grupo seria aquele identificado como possuidor de I^{-1} , ou seja, grupo especificado positivamente para o *alçamento verbal*. Nesse grupo seriam encontradas línguas que permitiriam o movimento verbal para IP, além de possuírem distinção morfológica entre as terminações de singular e as terminações de plural, como se pode notar abaixo, com exemplos do francês:

(24)

Singular:

parl -e (1s)

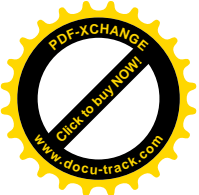
parl -es (2s)

parl -e (3s)

Terminações:

(-e; -es; -e)

²⁰ *Verb raising*.



Plural:

parl -ons (1pl)

parl -ez (2pl)

parl -ent (3pl)

Terminações:

(-ent; -ez; -ons)

O segundo grupo seria aquele que não possuiria o I^{-1} , ou seja, seria o grupo especificado negativamente para o *alçamento verbal*. Nesse grupo seriam encontradas línguas que não poderiam permitir o movimento verbal, além de não possuírem distinção morfológica relevante entre as terminações que compunham as formas verbais no singular e as formas verbais no plural, como se pode notar por intermédio dos exemplos do inglês:

(25)

Singular:

speak -Ø (1s)

speak -Ø (2s)

speak -s (3s)

Terminações:

(-Ø; -Ø; -s)

Plural:

speak -Ø (1pl)

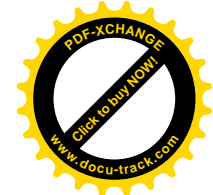
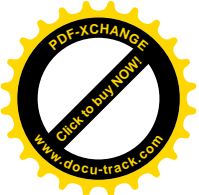
speak -Ø (2pl)

speak -Ø (3pl)

Terminações:

(-Ø; -Ø; -Ø)

Ao observar a associação do tratamento dado ao fenômeno evidenciado como *alçamento verbal*, relacionando esse com as propriedades do nóculo de AGR e com a noção de *uniformidade* morfológica, sendo esses três fatores encarados como fundamentais para se compreender a condição de licenciamento do sujeito nulo, Roberts (1993a) realizaria a seguinte síntese:



(26)

Condição de licenciamento de sujeito nulo:

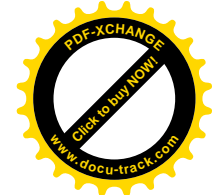
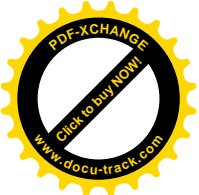
pro seria formalmente licenciado se fosse regido por um AGR^{-1} [+MU], onde [+MU] significaria a existência de uma marca de concordância para cada pessoa e ausência de terminações zero.

Retornando aos estudos em PB, para Duarte (1995), o português do Brasil possui alguns comportamentos distoantes das outras línguas que compartilham com o ele o status de língua *pro-drop*. Segundo a autora, primeiramente, os contextos onde o sujeito nulo é mais improdutivo em PB são semelhantes aos contextos onde, em outras línguas consideradas também *pro-drop*, o sujeito nulo ocorre obrigatoriamente. Baseando-se nisso, a autora ressalta que não há, segundo ela, contextos de ocorrência obrigatória de sujeito nulo em PB. Por fim, a autora destaca que mesmo sendo evidente a necessidade cada vez maior de um referente para se identificar o sujeito nulo nas sentenças, isso não é suficiente para a caracterização dessa categoria vazia como *não-pronominal*. Tal postura encontrada na língua seria uma indicação sim, segundo ela, de um processo de transição pelo qual passa o português do Brasil, como já havia sido apontado em seu trabalho anterior. Tal processo transitório consiste da passagem na língua de um sistema *pro-drop* para um sistema não *pro-drop*, o que promove a identificação de propriedades encontradas tanto em línguas que permitem o sujeito nulo pronominal, quanto em línguas que não possuem tal disponibilidade.

Um outro trabalho importante na compreensão do comportamento do sujeito nulo na língua portuguesa, já citado em partes por esta pesquisa devido a sua contribuição ao estudo presente, baseia-se nas constatações feitas por Novaes, em seus estudos sobre as representações mentais do sujeito no português do Brasil. Para tanto, o autor utilizou-se de um *corpus* de fala espontânea, estruturado com a ajuda de transcrições de entrevistas de rádio e televisão feitas por ele. De acordo com Novaes (1996), baseando-se em estudos preliminarmente citados neste trabalho, o fenômeno do sujeito nulo seria decorrência da ação de dois fatores: *parâmetro pro-drop* e o *parâmetro tópico-zero*. O primeiro parâmetro estaria relacionado ao conjunto de propriedades abaixo:

(27)

- a. sujeito pronominal;
- b. inversão do sujeito;
- c. violação aparente do filtro *that-trace*;



- d. movimento verbal;
- e. reestruturação;
- f. movimento de infinitivo.

Já o segundo parâmetro estaria relacionado às seguintes propriedades:

(28)

- a. sujeito nulo com caráter de variável;
- b. anáfora de ligação discursiva;
- c. estrutura tópico-comentário.

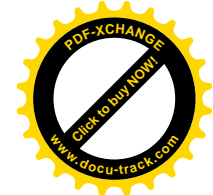
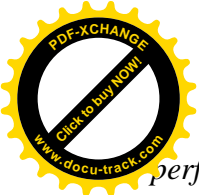
Segundo Novaes (1996), o português brasileiro é uma língua que detém sujeito nulo especificado como *pronominal*. Porém, ao analisar os dados de sua pesquisa sobre a representação mental do sujeito nulo na língua, o autor constatou que o número de ocorrências de sujeitos apagados era inferior ao número de ocorrências de sujeitos evidentes. Outra constatação baseou-se na distribuição dos sujeitos nulos, em relação ao *tempo* e *pessoa pronominal*. Em se tratando do *tempo*, primeiramente, Novaes encontrou a tendência predominante de preenchimento em relação ao apagamento de sujeito, com exceção do tempo futuro. Nele, a taxa de sujeitos nulos foi maior do que nos outros tempos, como mostram os exemplos citados pelo autor:

(29)

- a. São perguntas que **cv** faremos depois da edição Repórter CBN.
- b. **cv** Daremos prioridade à Escola Pública tradicional.

(Novaes, 1996)

Em se tratando dos outros tempos analisados, Novaes garante que o preenchimento foi maior do que o apagamento de sujeito. Contudo, a tendência ao favorecimento de apagamento em relação ao tempo estaria disposta seguindo a ordem apresentada por ele: Primeiramente o *pretérito*



perfeito, logo em seguida o *pretérito imperfeito* e, por fim, o *presente do indicativo*.

Considerando o fator *pessoa pronominal*, Novaes constatou que em todas as ocorrências de sujeito nulo no tempo futuro, o verbo encontrava-se conjugado na primeira pessoa do plural, como foi visto nos exemplos acima.

Na maior parte das ocorrências de sujeito nulo no tempo *pretérito perfeito*, Novaes assegura que os verbos encontravam-se conjugados na primeira pessoa do singular, como o mesmo evidenciou com exemplos, reproduzidos abaixo (No exemplo b., somente a primeira categoria vazia serve para ilustrar tal consideração):

(30)

- a. Aliás, **cv** tive a ocasião de agradecer em mil novecentos e sessenta e alguma coisa, ...

- b. Quando ele foi no Brasil, **cv** conversei com ele, mas **cv** não acredito que ele fez uma coisa dessa.

(Novaes, 1996)

Ainda no *pretérito perfeito*, Novaes garante que de todas as ocorrências de sujeito nulo, somente uma detinha como referente um pronome pessoal de segunda pessoa, como mostra o exemplo extraído de seu trabalho abaixo:

(31)

Falante A:

Mas você não começou na kart?

Falante B:

Eu comecei. **cv** Comecei no kart.

Falante A:

cv Começou na bicicleta que eu sei. Como é que foi a da bicicleta.

(Novaes, 1996)

Para Novaes (1996), pelo fato da flexão de segunda pessoa não ser mais diferenciada da terceira pessoa singular, da primeira pessoa plural (sujeito representado por *a gente*) e da terceira pessoa do plural (sujeito representado por *pessoal*), a recuperação do conteúdo da categoria vazia



torna-se prejudicada. Por isso, segundo o autor, a identificação desse sujeito nulo depende do contexto. Por fim, em relação ao *pretérito perfeito*, o autor defende que as ocorrências de sujeitos nulos com verbos conjugados na terceira pessoa sofrem da mesma dependência do contexto para recuperação de seus conteúdos como a segunda pessoa. Tal panorama deve-se à mesma consequência de empobrecimento flexional do paradigma verbal visto acima. Os exemplos a seguir auxiliam na observação do fato ocorrido:

(32)

a. ... fazer como Prost fez, que brigou até o último dia que ele saiu da Fórmula Um com o Senna, **cv** escreveu um livro falando mil coisas, botando tudo pra fora do Senna disse daquilo outro, depois, **cv** vai lá no dia do enterro.

b. Quanto ao um outro aspecto que você falou, quer dizer, que o pessoal de São Gonçalo, me parece, foi, reclamou, que foi mal atendido, eu gostaria até de saber aonde **cv** foi mal atendido porque isso aí é absolutamente peremptório que...

(Novaes, 1996)

No que diz respeito ao *pretérito imperfeito*, Novaes revela que das ocorrências de sujeito nulo nesse tempo, a maioria dos verbos encontrava-se conjugado na primeira pessoa. Em se tratando de *número*, Novaes elucida que a maior parte das primeiras pessoas faziam parte do singular, como ilustra o exemplo baseado em seus dados:

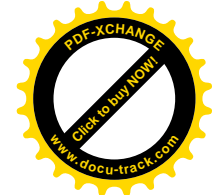
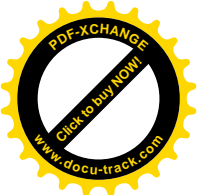
(33)

a. ... eu viajei muito e **cv** tava contando aqui aos nossos amigos que eu abri o Caribe.

b. O turismo internacional sob dois prismas: o exportativo, a saída de brasileiros que hoje em grande número, não obstante, crise, recessão, etc, seguem viajando bastante e reconhecidos como um dos melhores gastadores, melhores consumidores nas viagens internacionais e **cv** queria te ouvir também no que tange ao turismo receptivo. Primeiro, o chamado exportativo, a saída de brasileiros.

(Novaes, 1996)

Nesse caso, Novaes (1996) aponta também para o contexto como única estratégia para a recuperação dos conteúdos dos sujeitos omitidos. Tal fato seria consequência, segundo ele, do paradigma verbal desse tempo, empobrecido em número de flexões distintas:



(34)

eu ia

você ia

ele ia

a gente ia / nós íamos

vocês iam

o pessoal ia / eles iam

(Novaes, 1996)

Ainda nesse tempo, foram identificadas ocorrências de sujeitos nulos na terceira pessoa. Porém, da mesma forma como ocorreu com as formas de primeira pessoa, Novaes defende que esses sujeitos deveriam apelar para o contexto, no intuito de recuperar seus conteúdos.

No tempo *presente*, Novaes revela que o comportamento do sujeito nulo é muito semelhante ao comportamento de apagamento do *pretérito perfeito*. A maioria das ocorrências de sujeito nulo encontra-se em sentenças com verbos conjugados na primeira pessoa. Isso fez com que, segundo o autor, o resgate do conteúdo do sujeito omitido fosse feito por intermédio da flexão, devido a sua especificidade:

(35)

a. **cv** Sou rubro-negro doente.

b. Então, com é que **cv** podemos controlar, como é que o mercado, como é que a EMBRATUR, como é que as próprias associações podem controlar uma coisa dessas. Não há maneira. Então...

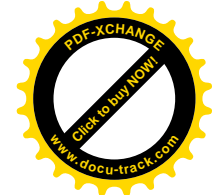
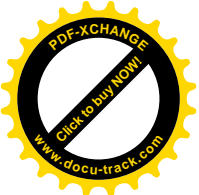
(Novaes, 1996)

No entanto, de acordo com Novaes, a única ocorrência de segunda pessoa nesse tempo demonstra que a flexão verbal não é suficiente para recuperar o conteúdo do sujeito nulo:

(36)

Falante A:

Dr. Jorge Bittar, faltou dizer qual é o seu time de predileção.



Falante B:

cv Sou rubro-negro doente.

Falante A:

Então cv está de alma lavada, porque o Flamengo teve uma importante vitória contra o Botafogo. Pode ser até que...

(Novaes, 1996)

Baseando-se nesse panorama, Novaes (1996) defende que os sujeitos nulos apresentados nos dados seriam compatíveis com os dois conjuntos de propriedades descritas. Em outras palavras, o português do Brasil, considerando os dados apresentados, seria compatível tanto com o *parâmetro do sujeito nulo* quanto com o *parâmetro tópico zero*.

O autor também analisou as ocorrências das propriedades que configuram cada parâmetro. Em se tratando da propriedade *inversão verbal*, Novaes atesta que em nenhum dos dados analisados por ele tal propriedade foi encontrada, mesmo considerando que essa é tida como uma das características do parâmetro *pro-drop* mais importantes. Segundo o autor, relevando considerações de estudos anteriores, sentenças em que o sujeito está em posição invertida em relação ao verbo e o objeto encontra-se foneticamente realizado, são interpretadas como agramaticais no português do Brasil. Essa interpretação é oriunda do bloqueio exercido pelo complemento, impedindo a atribuição de caso *nominativo* ao sujeito pós-verbal, como se pode ver no exemplo a seguir, citado por Novaes:

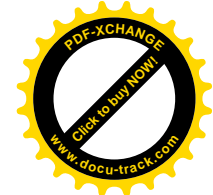
(37)

a.*Escreveu a carta Maria.

b. *Alugou esta casa uma moça.

(Novaes, 1996)

Em relação à propriedade constituída pela *violação do filtro that-trace*, Novaes atesta que em nenhum momento constatou ocorrências dessa característica nos dados avaliados por ele. Porém, o autor confirma que essa violação é possível em português do Brasil, em uma variedade culta da língua:



(38)

[_{CP} Quem_i] você acha [_{CP} que **cv**_i virá na tua festa]?

(Novaes, 1996)

No que diz respeito ao *movimento verbal*, Novaes atesta que esse ocorre em Português do Brasil. Utilizando advérbios de modo para realizar testes sobre essa propriedade, baseando-se na constatação de que esses seriam gerados na posição de adjunção à esquerda de VP, o autor obteve o seguinte quadro para investigação:

(39)

- a. * O João completamente *acabou* o seu trabalho.
- b. O João *acabou* completamente o seu trabalho.
- c. *As crianças cuidadosamente *acabaram* suas tarefas.
- d. As crianças *acabaram* cuidadosamente suas tarefas.

(Novaes, 1996)

Segundo ele, as sentenças consideradas agramaticais indicam que o movimento do verbo é obrigatório. Ao analisar seus dados, Novaes constatou tal realização:

(40)

- a. ... e principalmente se ele souber *recorrer* adequadamente.

(Novaes, 1996)

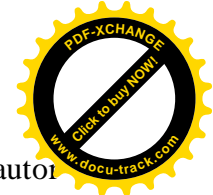
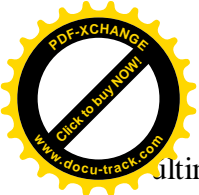
Novaes também atesta algumas ocorrências onde o movimento parece não ser permitido, como se pode ver no dado abaixo:

(41)

- a. Você automaticamente *deixa* de ter o turismo familiar.

(Novaes, 1996)

De acordo com sua proposta, porém, Novaes garante que ocorrências semelhantes a esse



último exemplo não constituiriam uma contra-evidência de movimento verbal em PB. O autor explica que o advérbio *automaticamente* possui caráter mais temporal do que modal propriamente. Por isso, esse seria gerado em uma posição acima de VP, e não na posição adjungida a este nóculo.

Em sentenças com *quantificadores*, Novaes revela que essas somente poderiam representar uma não obrigatoriedade aparente de *movimento verbal* na língua, se as mesmas fossem interpretadas como elemento situado na mesma posição de um advérbio. Tal constatação se dá pelo fato do *quantificador* à esquerda poder ser interpretado tanto como elemento adjungido à VP quanto parte do sintagma nominal sujeito. Nos exemplos abaixo, citados pelo autor, as letras (a.), (c.) e (e.) correspondem às sentenças que indicariam o movimento verbal, enquanto que as letras (b.), (d.) e (f.) indicam o *quantificador* como integrante do sintagma nominal sujeito:

(42)

- a. Meus amigos *são* todos felizes.
- b. Meus amigos todos *são* felizes.
- c. Meus amigos *amam* todos Maria.
- d. Meus amigos todos *amam* Maria.
- e. Essas camisas *estão* todas ruins.
- f. Essas camisas todas *estão* ruins.

(Novaes, 1996)

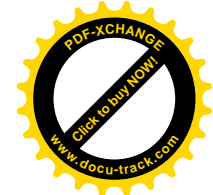
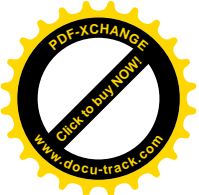
A propriedade conhecida com *reestruturação*, a título de recordação, pode se manifestar na língua, segundo Novaes (1996), de três maneiras distintas:

(43) **Movimento longo de objeto.**

Le nuove case si cominceranno di costruire.

As novas casas ser começaram de construir

‘As novas casas começaram a ser construídas’.



(44) **Seleção de auxiliar.**

Piero *ha/è* voluto com noi.

‘Piero é querido com nós’.

‘Piero é querido por nós’.

(45) **Clitic Climbing.**

Gianni *lo* voglio fare.

‘Giani, ele vai fazer’.

‘Gianni vai fazê-lo’.

De acordo com o autor, a *seleção de auxiliar* é um fenômeno que não ocorre em língua portuguesa. Já o *movimento longo de objeto*, segundo o mesmo, pode ocorrer em PB somente com verbos auxiliares, além dos verbos *poder* e *começar*. Porém, como o próprio autor revela, a produtividade desse fenômeno na língua é extremamente baixa. O *clitic climbing* ainda ocorre em sentenças marginais do PB considerado contemporâneo, como apresenta Novaes por intermédio dos exemplos abaixo, mesmo não sendo encontrada nenhuma sentença no *corpus* analisado:

(46)

a. Ela não *me* quer ver.

b. Ela nunca *me* vai entender.

c. Ela *te* pode ajudar.

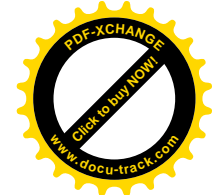
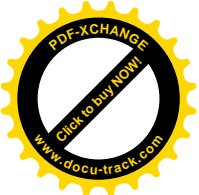
(Novaes, 1996)

A propriedade *movimento de infinitivo*, segundo Novaes, pode ocorrer em português do Brasil. Porém, nenhum dado analisado pela sua pesquisa apresentou tal postura. Contudo, para autor, relevando o caráter inerentemente negativo de advérbios como *nunca*, *jamais* e *nunca mais*, tal realização poderia ser visualizada, como nos exemplos dispostos a seguir:

(47)

a. João prometeu não **fazer** *nunca/jamais* isso.

b. *João prometeu não *nunca/jamais* **fazer** isso.



- c. João decidiu não **viajar** *nunca/jamais*.
- d. *João decidiu não *nunca/jamais* **viajar**.
- e. João resolveu não **escrever** *nunca/jamais* a tese.
- f. *João resolveu não *nunca/jamais* **escrever** a tese.

(Novaes, 1996)

Já em se tratando das propriedades que compõem o parâmetro tópico zero, Novaes defende que o sujeito nulo com caráter de *variável* já teria sido constatado ao se analisar as ocorrências de sujeitos apagados dependentes do contexto. A *anáfora de ligação discursiva* seria uma propriedade não encontrada na língua. Segundo o autor, a ausência dessa característica do *parâmetro tópico zero* na se deve à presença de AGR em PB e a ausência de uma palavra no léxico que poderia vir a exercer tal função.

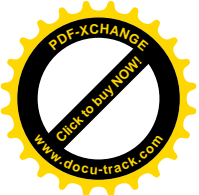
A última característica do parâmetro que favorece o tópico, *estrutura tópico-comentário*, segundo Novaes, também é encontrada na língua portuguesa. O exemplo seria assim apresentado:

(48)

- a. *Aquele fogo*, felizmente o Corpo de Bombeiros chegou logo.

(Novaes, 1996)

Por fim, Novaes (1996), se baseando nas constatações feitas ao longo de sua pesquisa, na influência de movimento das palavras *qu-* e na referencialidade dos sujeitos nulos de orações encaixadas, apresenta um quadro representacional de sujeito nulo, em relação às pessoas pronominais, para a língua portuguesa, falada no Brasil. Segundo ele, os sujeitos nulos de primeira pessoa em PB não se mostram sensíveis ao movimento de palavras *qu-*, além de apresentarem referência autônoma quando figuram em orações subordinadas. Já os sujeitos nulos de segunda e terceira pessoas mostram-se sensíveis ao movimento de palavras *qu-* e, ao serem encontrados na posição de sujeito de orações subordinadas, detêm caráter correferente em relação ao sujeito da oração principal, ou possuem referência arbitrária. Tal evidência, para o autor, indicaria que os sujeitos nulos em PB poderiam ser representados mentalmente de duas maneiras distintas. Enquanto que o sujeito nulo de primeira pessoa apresenta caráter pronominal, os sujeitos nulos de segunda e terceira pessoas apresentam caráter de *variável*.



Tal constatação sobre o preenchimento de material fonético em detrimento ao apagamento, como é citada por Novaes inicialmente, também é identificada em trabalhos oriundos de outros ramos da Linguística. Por exemplo, na área da Sociolinguística, com Naro (1981). Nesse estudo, Naro evidencia que existe uma tendência baseada na fala real do português do Brasil, oposta a que consiste na expectativa de ocorrência de sujeitos explícitos somente para compensar a ausência de concordância. Ou seja, sua verificação constatou a ocorrência de um número maior de realizações com sujeitos explicitamente preenchidos quando os verbos detinham marca de plural evidenciada do que em situações onde os verbos não possuem essa marca. Tal constatação se baseou em uma amostra, composta por relatos de 17 estudantes:

- 1- Eles falaram. (Construção mais recorrente)
- 2- Eles falam. (Construção mais recorrente).
- 3- Eles falou. (Construção menos recorrente).
- 4- Eles fala. (Construção menos recorrente).

Segundo Naro & Scherre (2007), a presença de certo pronome sujeito plural seria favorecida se houvesse, na oração, um verbo detentor da marca de plural. Sua conclusão, então, consistiu em assegurar que havia uma tendência à redundância na concordância do português do Brasil, onde a marca de plural era vista tanto no pronome quanto no verbo, divergindo do que esperava se encontrar, ou seja, uma espécie de compensação, ao preencher a posição de sujeito devido ao empobrecimento do paradigma verbal.

Tal conclusão diverge do que é defendido por Speas, já que para ela, uma língua com concordância forte permite o apagamento do sujeito pronominal. Já Naro afirma que o português, por ser uma língua rica morfologicamente, preenche mais o sujeito, pelo menos nos dados analisados por ele.

Uma outra pesquisa, realizada na década de noventa, também confirmou tal hipótese. Segundo Oliveira & Silva (1996), estudos feitos com um *corpus*²¹ composto por 64 gravações, da década de 80, oriundas de 64 falantes escolarizados, resultaram em um parecer próximo ao encontrado por Naro alguns anos antes. Segundo essa pesquisa, a utilização de verbos sem a marca de concordância de plural explícita desfavorece o sujeito explícito, ou seja, verbos sem concordância de número não viabilizam sujeito explícito. Em contrapartida, verbos com marca de concordância de plural explícitas, de maneira relativa, favoreceram o aparecimento do sujeito explícito. Tais resultados, de acordo com Oliveira & Silva (1996), corroboram para a constatação da tendência redundante, caracterizada por estruturas do tipo *eles falam / eles falaram*, em detrimento a

²¹ Amostra *Censo*.

estruturas *eles falaØ / eles falouØ*:

(49)

Dados da pesquisa de Oliveira & Silva (1996):

Fatores	Frequência de sujeito explícito	Peso Relativo
Verbo com plural explícito	1054 / 1439 = 73%	0,55
Verbo sem plural explícito	214 / 375 = 57%	0,31
Total	1268 / 1814 = 70%	

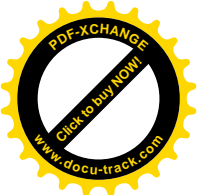
Tabela de resultados - Uso de sujeito pronominal de terceira pessoa plural *eles / elas* na fala de 64 falantes do Rio de Janeiro com um a onze anos de estudos (Amostra *Censo*) em função da presença de desinência plural nos verbos.

(Oliveira & Silva, 1996)

Partindo dos panoramas oferecidos por esses trabalhos, pode-se observar que todas as considerações feitas pelos autores, mesmo apresentando diferentes escopos para investigar um único fenômeno, não questionam a possibilidade de ocorrência de sujeito nulo em português brasileiro. No entanto, torna-se necessário marcar que esse fenômeno, como constatado por todos os trabalhos, é menos recorrente que o preenchimento da posição de sujeito.

Ao se observar o caráter do elemento nulo, as divergências entre os pontos de vista tornam-se ainda mais visíveis. Utilizando-se de argumentos diferenciados, mas, partindo sempre da relação evidente entre concordância e o fenômeno de apagamento, além de certas propriedades do *parâmetro do sujeito nulo*, os autores defenderam posturas diferenciadas ao caracterizar a categoria vazia sujeito em PB. Essa foi interpretada tanto como *pronominal*, sendo identificada como *pro*, quanto como *variável*, estando ligada a um tópico no discurso.

Uma outra diferenciação identificada reside na variação de panoramas gerais dados ao fenômeno de apagamento de sujeito para o português do Brasil. Enquanto alguns autores consideram a língua como detentora de somente um dos tipos de categoria vazia, como Duarte (1993, 1995), favorável ao caráter *pronominal*, e Figueiredo Silva (1994), favorável somente ao caráter de *variável* da categoria vazia, outros panoramas evidenciados por outros autores se mostraram mais diversificados.



Considerando o primeiro caso, Duarte, por exemplo, ao observar o apagamento de elemento na posição de sujeito, baseou-se principalmente na especificação da morfologia de concordância para constatar o caráter *pronominal* do sujeito nulo encontrado em seu *corpus*. Já Figueiredo Silva observou que a ausência de certas propriedades em língua portuguesa, características de línguas detentoras do *parâmetro do sujeito nulo*, além da agramaticalidade de certas sentenças, que serviriam como indicadores do caráter de *variável* da categoria vazia em português do Brasil.

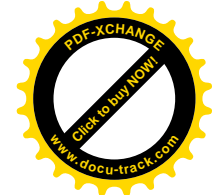
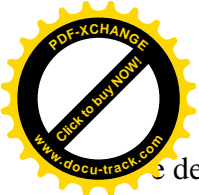
Neste sentido ainda, são encontrados os trabalhos de Naro (1981), Oliveira & Silva (1996) e Naro & Scherre (2007), que se basearam mais na questão da morfologia verbal do que nas propriedades da língua portuguesa. Esses, no entanto, não apresentam de maneira explícita a caracterização do tipo da categoria vazia *variável* como sendo aquela pertinente ao português do Brasil. Contudo, ao observarem a relação entre o preenchimento da posição de sujeito e a existência de morfologia de concordância explícita no verbo, os autores constatam um fato caracterizador da interpretação da categoria vazia. Ao analisar o seu *corpus*, os autores observaram que o sujeito preenchido ocorria justamente em contextos onde os verbos eram possuidores de morfologia de concordância evidente e especificada. Já contextos onde os os verbos não possuíam morfologia de concordância especificada, o sujeito era mais facilmente apagado. Como na ausência de morfologia, a categoria vazia se torna mais dependente de estratégias discursivas para ser identificada. Por isso, tais sujeitos nulos, desses contextos, possuiriam, somente, caráter de *variável*.

Já Novaes (1996) identificou como sendo uma postura mais adequada propor um panorama variado, em se tratando da identificação e caracterização do sujeito nulo. Inicialmente, o autor, ao considerar tanto os sujeitos nulos *pronominais* quanto os *variáveis*, observou as propriedades relacionadas a esses, que identificaram os dois parâmetros peculiares aos dois tipos de apagamento argumental na língua, a saber, *parâmetro do sujeito nulo* e o *parâmetro do tópico zero*. Em outras palavras, ao observar, por meio das ocorrências de apagamento de sujeito, a presença de certas propriedades dos dois parâmetros, o autor defendeu a existência das duas naturezas de categoria vazia em português brasileiro.

No que diz respeito ao apagamento de elemento na posição de sujeito de acordo com as pessoas pronominais, os trabalhos citados que proporam um panorama desse critério não encontraram muitas discrepâncias nos índices de ocorrência que diferenciaram as três especificações pessoais. A terceira pessoa, interessantemente, foi aquela que apresentou maior tendência ao apagamento, com a primeira e a segunda pessoa revezando na segunda posição.

Em se tratando da relação entre os tempos verbais, o tempo presente se mostrou o menos favorável ao fenômeno de apagamento de sujeito. O tempo passado e o tempo futuro se mostraram mais pertinentes ao mesmo.

No próximo capítulo, será iniciada a apresentação de alguns estudos que buscaram observar



e descrever o mesmo fenômeno do sujeito nulo em hebraico moderno.

CAP 3. SUJEITO NULO EM HEBRAICO MODERNO.

Antes da apresentação das discussões que envolvem o fenômeno do sujeito nulo em hebraico, entende-se que há a necessidade de duas considerações rápidas e sucintas, porém primordiais, relacionadas a peculiaridades históricas e gramaticais.

No âmbito histórico, a língua hebraica moderna, utilizada como objeto de estudo para esta pesquisa, apresenta um processo de desenvolvimento que, no estágio em que se encontra hoje pode ser considerado como normal, pelo fato da mesma já ser utilizada como língua de uso corrente e diário, em Israel. Mas, ao longo dos anos que constituíram o período entre a segunda diáspora e a emancipação do Estado de Israel, no fim da década de 50, a língua hebraica deixou de ser utilizada, deixou de ser falada, restringindo-se somente à sua versão escrita, em textos religiosos. Por isso, o sistema lingüístico que caracteriza a gramática do hebraico é relativamente novo, por ter mais ou menos o mesmo tempo do país Israel, além de possuir marcas na fala de contribuições da sua versão escrita, que serviu de base para uma verdadeira construção do idioma falado, feita por gramáticos competentes, há 60 anos atrás.

Dentre as peculiaridades gramaticais, encontra-se o sistema verbal da língua semítica. Isso se deve ao fato da classe gramatical verbal na língua hebraica ser permeada por características determinantes para o pleno entendimento do favorecimento ao apagamento, revelado pelo idioma semítico, principalmente em se tratando dos paradigmas flexionais de concordância. Partindo desse fato, será evidenciado abaixo um breve resumo da gramática verbal do hebraico moderno.

3.1 Gramática verbal do hebraico.

O sistema verbal hebraico possui uma estruturação básica diferente do sistema verbal do português. Na língua semítica, segundo Uveleer & Bronznick (1994), existem sete construções verbais, cada uma com sua especificidade. Tais construções, ao serem apresentadas na língua, respeitam padrões organizacionais que levam em consideração, diferentemente do português, que releva somente a morfologia para formar suas conjugações (-ar para primeira conjugação; -er para segunda conjugação e -ir para terceira conjugação), critérios como o semântico (Intensidade e causatividade) e de voz da sentença (Ativa e passiva), além do morfológico. Tais construções estão assim dispostas:

Tabela I – Quadro organizacional de construções verbais hebraicas:

Construções ativas	Construções passivas
Construção Paal	Construção Nif'al
Construção Piel	Construção Pual
Construção Hif'il	Construção Huf'al
Construção reflexiva	
Construção Hit'pael	

O critério de voz sentencial organiza as construções em três grupos distintos:

- i. Construções ativas;
- ii. Construções passivas;
- iii. Construção reflexiva. As construções ativas são equivalentes semanticamente, pelo menos a princípio, com as três construções passivas. A construção reflexiva na possui outra construção equivalente a ela.

O critério estritamente semântico organiza as construções por intermédio da atribuição de significado aos verbos. Em outras palavras, cada construção possui um rótulo semântico, um significado característico que a identifica e, por consequência, identifica todos os verbos pertencentes a ela. Tal significado, importante na organização das construções, é atribuído, segundo Uveeler & Broznick (1994), por intermédio de informações relacionadas à *intensidade* da ação verbal e à *causatividade*.

Em português do Brasil, o critério semântico de *intensidade* não é relevante para organizar os verbos em conjugações específicas, bem como a *causatividade*. Para ilustrar tal comparação, em se tratando da *intensidade*, toma-se, inicialmente, o verbo *andar* em PB. Supondo que o mesmo critério utilizado na língua semítica pode ser aplicado também em português do Brasil, tal raciocínio poderia ser desenvolvido.

Considerando a existência de uma ação mais intensa do que *andar*, se chega ao verbo *correr*. Ou seja, se considera que a ação de *andar* seria uma maneira de se locomover de maneira menos acentuada em velocidade e ritmo em comparação ao ato de *correr*. Esse sim, por sua vez, seria um ato que caracteriza locomoção mais rápida, em ritmo mais acelerado.

Porém, tal critério organizacional perderia seu valor ao se observar verbos como *falar*. Seguindo o mesmo raciocínio do primeiro par verbal, obtem-se o verbo *gritar*. Esses dois verbos



possuem uma gradação significativa, relevando o caráter comunicacional, mas pertencem a mesma conjugação, demonstrando a irrelevância do significado de *intensidade* para os verbos em português do Brasil.

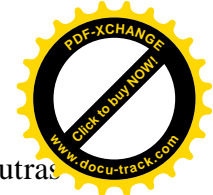
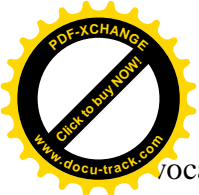
Em hebraico, as construções ativas, e suas respectivas passivas, possuem uma gradação de intensidade de significado, para a maioria dos verbos, formando, desta forma, mais um critério organizacional. Por exemplo, o verbo *lilmod*, pertencente a primeira construção ativa *Paal*, que significa *estudar*, pode receber uma gradação significativa, sendo encontrado também na construção ativa intensiva *Piel*, mas agora como *lelamed*, que significa *ensinar*. Em hebraico, o conceito de estudo está intimamente ligado ao conceito de ensino, pois tal relação se baseia na idéia de que o ato de ensinar seria o ato de estudar mais intenso, ou seja, ao ensinar você estaria aprendendo e, conseqüentemente, estudando.

A *causatividade*, como salientado anteriormente, também serve como critério semântico para organizar construções verbais em hebraico. Tal informação é apresentada na língua por intermédio de uma construção específica em que se encontra conjugado um verbo. Por exemplo, o verbo *ligdol* (*Crescer*), pertencente à construção ativa simples *Paal*, ao ser conjugado na construção ativa causativa *Hif'il*, torna-se o verbo *lehag'dil* (*Fazer alguém crescer*), apresentando a idéia de causatividade expressa pela construção específica.

Outros pontos co-participativos para a formação e organização das construções, como transmissão de raiz tri-consonantal influenciando no significado verbal, verbos com significados diferentes do que a construção prescreve, construções inativas para o uso verbal e a não equivalência de intensidade entre verbos que compartilham as mesmas raízes, porém sediados em construções diferentes, não são, sob a ótica desta pesquisa, de fundamental relevância para a compreensão do fenômeno do licenciamento do sujeito nulo. Além disso, outro ponto a não ser relevado, seria o que é direcionado para noção intrincada de aspecto verbal hebraico, que não estaria ligada diretamente ao sistema organizacional das construções (Considerando que a proposta aspectual em hebraico é feita relevando não somente paradigmas flexionais, como também locuções verbais e, em alguns casos, como o do *subjuntivo*, estruturas sintáticas pré-estabelecidas).

Um outro segmento da gramática, esse sim de extrema importância, é a parte destinada aos tempos verbais e seus morfemas de concordância característicos. Em língua hebraica, a conjugação de verbos nos tempos é o resultado de um combinado das raízes verbais, anexadas aos morfemas característicos de cada construção e aos morfemas de concordância temporais e número – pessoais. Outro fator relevante para a conjugação verbal em hebraico é o sistema de vocalização, que age por intermédio das desinências das construções e das desinências de concordância.

Cada construção possui uma vocalização e afixos característicos. Tais afixos, geralmente, são representados conjuntamente à raiz verbal somente no tempo *presente do indicativo*. Tal



Vocalização varia de tempo para tempo, porém, essa variação é restrita a cada construção. Em outras palavras, cada uma das sete construções apresentará uma variação específica de vocalização, de acordo com o tempo em que se encontra determinado verbo conjugado. No tempo *pretérito perfeito* e no tempo *futuro do presente*, tais afixos das construções são omitidos, na maioria dos casos, permanecendo somente os afixos temporais e número – pessoais, além da vocalização respectiva à construção que sedia o verbo conjugado. Os paradigmas morfológicos, nesses tempos, são ricos, possuindo uma forma desinencial para cada pessoa, com exceção de certas pessoas no tempo *futuro*. Isso já não ocorre no tempo *presente*, onde os afixos característicos temporais e número – pessoais são reduzidos em quantidade. Na realidade, nesse tempo, não há marca morfológica verbal para pessoa, o que provoca uma diminuição no número de desinências em seu paradigma.

Visando a melhorar o entendimento dessa proposta conjugacional, que envolve afixos e vocalização, o verbo *lilmod* (*Estudar*) foi tomado como auxiliador para a realização dessa tarefa. A identificação verbal para cada construção pode ser feita já na forma nominal do verbo de *infinitivo*. O verbo *lilmod* possui uma vocalização que, transliterada, seria representada por *i – o*. Tal vocalização identifica esse verbo como sendo da construção *Paal*. Tal identificação acarreta uma série de considerações, não só morfológicas, como também sintáticas e semânticas. Contudo, como já foi dito, não é intuito deste trabalho pesquisar e descrever o comportamento geral do verbo hebraico, e sim, observar e discutir em que de fato essa categoria gramatical pode contribuir no entendimento do sujeito nulo, na língua semítica.

No que diz respeito à estruturação verbal, o verbo *lilmod*, no tempo *presente do indicativo*, recebe os afixos característicos de sua construção, vocalização específica de tempo e construção, além de afixos temporais e de número, já que não há marca morfológica de pessoa nesse tempo. Na verdade, como já foi feita referência, o que recebe afixos e vocalização específicos é a raiz do verbo, e não a forma nominal *infinitiva*. A raiz do verbo em questão seria representada, então, pela estrutura *l-m-d*. As raízes verbais, como na maioria das palavras em hebraico, possuem três consoantes. No entanto, existem raízes compostas por quatro ou duas consoantes.

Quando ocorre de um verbo possuir duas ou quatro consoantes em sua raiz, segundo Glinert (1994), tal vocábulo é considerado *irregular*. Tal irregularidade morfológica, contudo, não influencia no licenciamento do sujeito nulo.

Voltando à conjugação do verbo *lilmod*, que é considerado regular por deter três consoantes na raiz, sua forma no tempo *presente do indicativo* ficaria desta maneira:

Tabela II - Conjugação de um verbo regular (*lilmod*) no tempo presente do indicativo:

Raiz verbal: <i>l-m-d</i>		
Masculina / Singular	1.p, 2.p, 3.p	<i>l-o-m-e-d</i> <u>Ø</u>
Feminina / Singular	1.p, 2.p, 3.p	<i>l-o-m-e-d</i> <u>et</u>
Masculina / Plural	1.p, 2.p, 3.p	<i>l-o-m-d</i> <u>im</u>
Feminina / Plural	1.p, 2.p, 3.p	<i>l-o-m-d</i> <u>ot</u>

Tabela de conjugação verbal II:

- i- Em itálico, a raiz verbal;
- ii- Em negrito, a vocalização característica de tempo e construção;
- iii- Em sublinhado, sufixos modo – temporais / número.

É interessante que seja ressaltado que há um empobrecimento do número de desinências de concordância em tempo *presente*, ao se comparar o número de pronomes com o número de formas verbais. Outro fato relevante é a existência do traço de gênero nesses afixos. A desinência indicadora de plural masculino *-im*, por exemplo, é diferente da desinência de plural feminino *-ot*. Isso se deve ao fato dos pronomes, nas segundas e nas terceiras pessoas, singular e plural, possuírem diferenciação de gênero, masculino e feminino. A primeira pessoa verbal é representada, sempre, sem afixo indicador de número – pessoa, sendo identificada por intermédio da vocalização, nessa construção específica.

Tal paradigma enxuto ocorre igualmente para todas as sete construções, com verbos regulares e irregulares. Porém, essa diminuição de afixos, originando quatro formas verbais, é característica única e exclusivamente do tempo *presente*, não ocorrendo em outros tempos, como se pode ver com o mesmo verbo conjugado, agora, no *pretérito perfeito*:

Tabela III - Conjugação de um verbo regular (*lilmod*) no tempo pretérito perfeito:

Raiz verbal: <i>l-m-d</i>			
1.p. Masc.Fem.Sing	<i>l-a-m-a-d-ti</i>	1.p. Masc.Fem.Plur	<i>l-a-m-a-d-nu</i>
2.p. Masc.Sing	<i>l-a-m-a-d-ta</i>	2.p. Masc.Plur	<i>l-e-m-a-d-tem</i>
2.p. Fem.Sing	<i>l-a-m-a-d-t</i>	2.p. Fem.Plur	<i>l-e-m-a-d-tem</i>
3.p. Masc.Sing	<i>l-a-m-d-Ø</i>	3.p. Masc.Plur	<i>l-a-m-d-u</i>
3.p. Fem.Sing	<i>l-a-m-d-ah</i>	3.p. Fem.Plur	<i>l-a-m-d-u</i>

Tabela de conjugação verbal III:

i- Em itálico, a raiz verbal;

ii- Em negrito, a vocalização característica de tempo e construção;

iii- Em sublinhado, sufixos modo - temporais / número – pessoais.

Certas mudanças tornam-se evidentes entre os paradigmas verbais que compõem *presente* e *pretérito*. A primeira diferença, e a mais acentuada, é a discrepância em número de formas verbais nesse tempo, em comparação ao tempo *presente*. Enquanto que no primeiro tempo eram somente quatro formas, em tempo *passado*, o número se eleva para dez formas verbais. Esse paradigma viabiliza uma maior especificidade do sujeito, já que existe um morfema para cada pessoa gramatical, com exceção das segundas pessoas do plural, masculina e feminina. Outra diferenciação consiste na mudança de vocalização. A passagem do padrão predominante *o – e* de *presente* para *a – a* de *pretérito* é clara. O morfema *zero*, para número – pessoa, anteriormente atribuído a primeira, segunda e terceira pessoas do singular *presente*, é agora, no *pretérito perfeito*, atribuído a terceira pessoa masculina singular.

A iniciativa de se manter os afixos delimitados somente na forma de sufixos agregados à raiz verbal é mantida. Contudo, em se tratando do tempo *presente*, a construção (*Paal*), caracteriza-se por não possuir afixos peculiares. Sua identificação fica restrita, nesse tempo, à vocalização. No entanto, outras construções já possuem afixos, delimitados por prefixos agregados à raiz verbal, que caracterizam a construção a qual pertence o verbo, além dos afixos normais modo – temporais e de número. Tal proposta pode ser vista por intermédio do verbo *lelamed* (*ensinar*), conjugado no *presente do indicativo* :

Tabela IV - Conjugação de um verbo regular (*lelamed*) no tempo presente do indicativo:

Raiz verbal: <i>l-m-d</i>		
Masculina / Singular	1.p, 2.p, 3.p	<u>me</u> - <i>l-a-m-e-d</i> \emptyset
Feminina / Singular	1.p, 2.p, 3.p	<u>me</u> - <i>l-a-m-e-d-et</i>
Masculina / Plural	1.p, 2.p, 3.p	<u>me</u> - <i>l-a-m-d-im</i>
Feminina / Plural	1.p, 2.p, 3.p	<u>me</u> - <i>l-a-m-d-ot</i>

Tabela de conjugação verbal IV:

- i- Em itálico, a raiz verbal;
- ii- Em negrito, a vocalização característica de tempo e construção;
- iii- Em sublinhado, prefixos característicos da construção *Piel* e sufixos *modo* – temporais / número.

No tempo *futuro do presente*, ocorre o mesmo número de formas verbais do *pretérito perfeito*. Contudo, os afixos agora além de serem agregados posteriormente à raiz verbal, surgem também antes dela, como prefixos. Esse panorama pode ser observado com auxílio da tabela conjugacional apresentada abaixo:

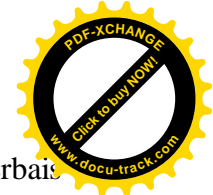
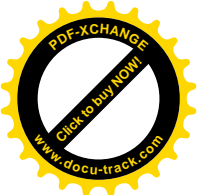
(5)

Tabela V - Conjugação de um verbo regular (*lilmod*) no tempo futuro do presente:

Raiz verbal: <i>l-m-d</i>			
1.p.Masc.Fem.Sing	<u>e</u> - <i>l-m-a-d</i>	1.p. Masc.Fem.Plur	<u>ni</u> - <i>l-m-a-d</i>
2.p. Masc.Sing	<u>ti</u> - <i>l-m-a-d</i>	2.p. Masc.Plur	<u>ti</u> - <i>l-m-d-u</i>
2.p. Fem.Sing	<u>ti</u> - <i>l-m-d-i</i>	2.p. Fem.Plur	<u>ti</u> - <i>l-m-d-u</i>
3.p. Masc.Sing	<u>ye</u> - <i>l-m-a-d</i>	3.p. Masc.Plur	<u>ye</u> - <i>l-m-d-u</i>
3.p. Fem.Sing	<u>ti</u> - <i>l-m-a-d</i>	3.p. Fem.Plur	<u>ye</u> - <i>l-m-d-u</i>

Tabela de conjugação verbal V:

- i- Em itálico, a raiz verbal;
- ii- Em negrito, a vocalização característica de tempo e construção;
- iii- Em sublinhado, prefixos característicos da construção *Paal*, prefixos e sufixos *modo* – temporais / número – pessoais.
- iv. Os prefixos de futuro são compostos por uma consoante (Invariável) e vogais temáticas (Variáveis, de acordo com a construção conjugada ou tipo verbal, sendo esse dividido em regular e irregular).



Vale salientar, ainda com relação ao tempo verbal destacado acima, as formas verbais representantes da segunda pessoa masculina singular e da terceira pessoa feminina singular, além das segundas e terceiras, masculinas e femininas, do plural, por possuírem afixos semelhantes. Tais formas verbais compartilham os mesmos morfemas indicadores de concordância (prefixo *ti-* para segunda e terceira pessoas do singular, e complexos formados pelos prefixos e sufixos *ti-*; *-u*, para as segundas pessoas do plural, e *i-*; *-u*, para as terceiras pessoas do plural).

Essa explicação geral do sistema verbal, principalmente no que diz respeito às diferenciações entre tempos e seus paradigmas desinenciais, mostram-se relevantes ao ser considerada a relação íntima entre a projeção AGRP na árvore sintática e uma morfologia rica. Acredita-se que essa apresentação inicial auxiliará no processo descritivo que será iniciado a partir de agora.

3.2 Estudo sobre sujeito nulo hebraico.

Ao ser considerada, inicialmente, uma estrutura oracional em *tempo presente*, no modo indicativo, em língua hebraica, certas observações podem ser feitas²²:

(6)

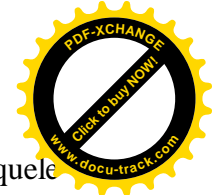
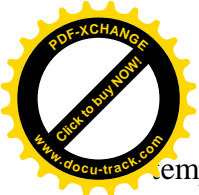
Ani lomed ivrit.

eu estudar-pres-m.s hebraico

‘Eu estudo hebraico’.

Essa oração, semelhante ao português, possui o sujeito estrutural preenchido, surgindo anteriormente ao verbo. Como foi visto no paradigma verbal da seção anterior, contudo, existe um empobrecimento da morfologia de concordância de pessoas gramaticais, que ocasiona a diminuição de formas verbais distintas. Tomando por base a postura de Jeaggli & Safir (1989), o paradigma verbal hebraico em tempo *presente* não é *uniforme*, já que não é constituído de formas derivadas para todas as pessoas gramaticais, como também não é constituído de formas não derivadas, compostas somente pelas raízes verbais. Pelo fato do hebraico possuir o paradigma de concordância desse tempo muito empobrecido, em relação aos dos demais tempos, e por isso ser impedido, aparentemente, de apagar sujeito nesse contexto temporal, a língua possui o *status* de intermediária ou mista, de acordo com o *parâmetro do sujeito nulo*. A obrigatoriedade de preenchimento nesse

²² Siglas: Pres.- Presente; Pass.- Passado; Fut.- Futuro; p.- Pessoa; m.- Masculina; f.- Feminina; s.- Singular; pl.- Plural.



tempo e a morfologia residual promovem um panorama na língua semítica semelhante àquele identificado em inglês:

(7)

a. **Ani** lomed ivrit.

eu estudar-pres-m.s-∅ hebraico

‘Eu estudo hebraico’.

b. **pro* lomed ivrit.

Estudar-pres-m.s-∅ hebraico

‘*(Eu,Tu,ele) estud-o;-as;-a hebraico’.

Tal paradigma enfraquecido obriga em hebraico no tempo *presente*, como no inglês, o preenchimento, pelo menos na maioria dos contextos oracionais, da posição de sujeito estrutural com um pronome. Caso isso não aconteça, não haveria a possibilidade de identificação do sujeito, como pode se ver abaixo:

(8)

Ata lomed ivrit.

tu estudar-pres-m.s hebraico

‘Tu estudas hebraico’.

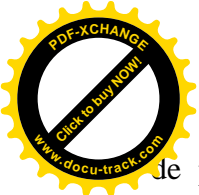
(9)

Hu lomed ivrit.

ele estudo-pres-m.s hebraico

‘Ele estuda hebraico’.

Vainikka & Levy (1995) atestam que o hebraico é uma língua que não possui marca verbal



de pessoa no tempo *presente do indicativo*, o que ocasionaria a necessidade da presença de pronomes sujeitos. Em Horesh (2003), também há essa confirmação, de acordo com a terceira de suas três generalizações:

“No tempo presente, um sujeito preenchido é obrigatório nas três pessoas gramaticais”.

Segundo o mesmo Horesh (2003), tal generalização, dentre outras, já aparece em vários trabalhos anteriores. Muitos autores, como Borer (1986; 1989), Vainikka & Levy (1995; 1999) e Vainikka & Levy (1999-2000), assinalam essa postura. Para Berman (1990), ao observar que a variação de oportunidades de apagamento de argumento depende, principalmente, do tempo em que o verbo se encontra conjugado, existe uma escala de contextos para sujeitos *pro-drop* em hebraico que varia entre os valores *mais obrigatório* e *mais opcional*.

Desta forma, se pode assegurar que o comportamento da língua hebraica, pelo menos no tempo *presente*, é o de uma língua considerada de caráter [- *pro-drop*], ou seja, não licenciadora do sujeito nulo.

Contudo, em tempo *passado*, ou mais precisamente no *pretérito perfeito*, a língua comporta-se de maneira distinta do que é observado em tempo *presente*, no que tange ao seu caráter [+/- *pro-drop*]. De acordo com os paradigmas conjugacionais apresentados na seção de número 3.1 deste capítulo, o paradigma verbal hebraico é rico no tempo *passado*, ou seja, possui, praticamente, uma desinência número – pessoal para cada pessoa gramatical apresentada. Segundo Vainikka & Levy (1995), o hebraico é uma língua *pro-drop* nesse tempo:

(10)

a. **Ani** lamad-ti ivrit.

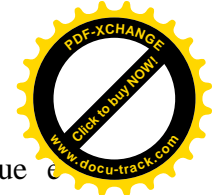
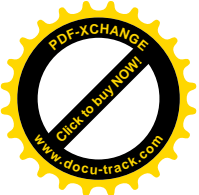
Eu estudar-pass-1.p.s hebraico

‘Eu estudei hebraico’.

b. *pro* lamad-ti ivrit.

Estudar-pass-1.p.s hebraico

‘Eu estudei hebraico’.



Segundo Glinert (1994), a gramática e o uso da língua hebraica prescrevem que é obrigatório o apagamento do sujeito pronominal no tempo *passado*, já que há morfemas de concordância verbal que representariam esses sujeitos. Isso também evitaria orações redundantes em marcação de sujeito, como foi visto em exemplos acima, ou como nestes evidenciados por Horesh (2003):

(11)

a. Axal-**ti**.

Comer-pass-1.p.s

‘Eu comi’.

b. **Ani** axal-**ti**.

Eu comer-pass-1.p.s

‘Eu comi eu’.

(12)

a. Axal-**t**.

como-pass-2.p.f.s

‘Tu comeste’. (Você comeu)

b. **At** axal-**t**.

tu-fem comer-pass-2.p.f.s

‘Tu comeste tu’. (Você comeu você)

(Horesh, 2003)

Para Rizzi (1986), a capacidade de tornar optativa a presença de um NP, que no caso é representado pelo pronome pessoal, é licenciada sintaticamente, baseando-se na possibilidade efetiva de identificação, na oração, do referente desse NP. Tal referente seria, por sua vez, a desinência de concordância verbal. Porém, segundo Vainikka & Levy (1995), na verdade, nem

todas as pessoas gramaticais, representadas pelos pronomes pessoais primeiramente, detêm seu NP omitido, mesmo possuindo morfemas verbais referentes, como seria o caso das terceiras pessoas, à princípio. Primeiramente, Vainikka & Levy consideram, em uma tabela, três traços semânticos relacionados aos pronomes pessoais, sendo os dois primeiros os mais importantes:

(13)

Tabela de traços de número – pessoais:

1sg.	2sg.	3sg.	1pl.	2pl.	3pl.
[+falante]	[-falante]	[-falante]	[+falante]	[-falante]	[-falante]
[-ouvinte]	[+ouvinte]	[-ouvinte]	[-ouvinte]	[+ouvinte]	[-ouvinte]
[-plural]	[-plural]	[-plural]	[+plural]	[+plural]	[+plural]

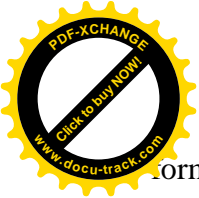
(Vainikka & Levy, 1995).

De acordo com sua pesquisa, os traços [+/- falante] e [+/- ouvinte] são gerados pelas primeiras e segundas pessoas. Esse fato promove o que as autoras chamam *strongly referential*, onde tais traços detêm o caráter de serem as únicas referências para um sujeito NP, caso esse seja omitido. As primeiras pessoas, por possuírem a configuração [+falante, -ouvinte], e as segundas pessoas, por possuírem a configuração [-falante, +ouvinte], apresentam essa referencialidade fortemente marcada em sua morfologia verbal pelo fato de deterem apontamentos positivos em suas configurações de traço. Segundo as autoras, isso permitiria que tais traços ocupassem a posição de sujeito, por intermédio da morfologia gerada por eles. As terceiras pessoas, do singular e do plural, por sua vez, não possuem traços que promovam *strongly referential*, devido as suas configurações serem [-falante, -ouvinte]. Por isso, nessas pessoas, não haveria o apagamento do sujeito NP.

Para Vainikka & Levy, os traços das primeiras e segundas pessoas, em hebraico, seriam gerados na posição [Spec,VP], e não em V, subindo posteriormente para a posição [Spec,AGRP], ocupando o que seria o sítio de aterrisagem do NP sujeito, tornando desnecessário o preenchimento da posição com o último e, com isso, viabilizando o sujeito nulo.

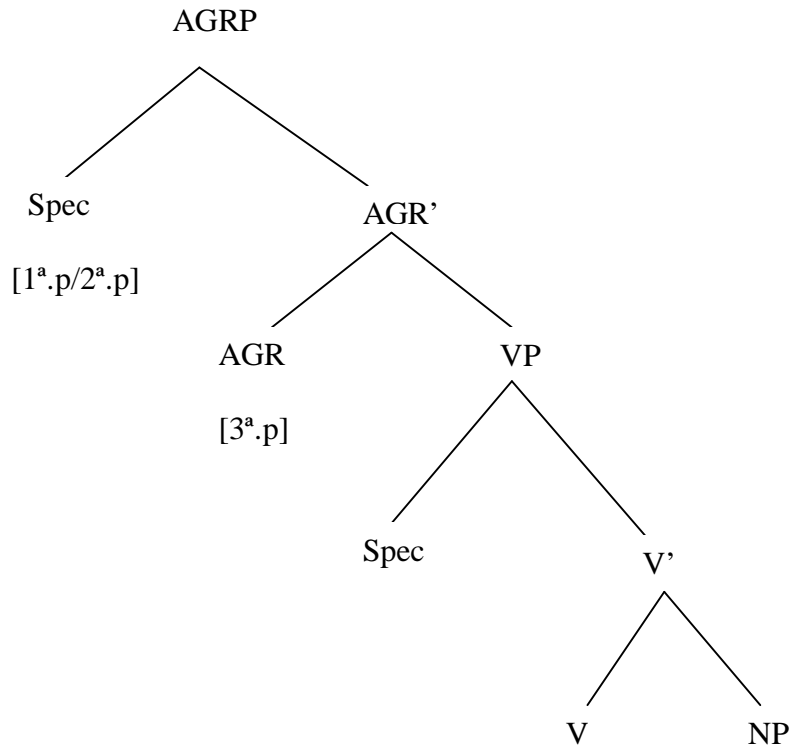
Por outro lado, os traços das terceiras pessoas são gerados em AGR²³, ao invés de serem gerados na posição que seria a de sujeito. Desta forma, a posição de [Spec, AGRP] permaneceria desocupada para o preenchimento obrigatório com o NP sujeito, devido à fraca referencialidade da morfologia nesse contexto pessoal. A árvore sintática, com essa disposição, ficaria da seguinte

²³ Para Vainikka & Levy (1995), o nódulo de AGR faz parte da árvore sintática.



forma, segundo as autoras:

(14)



(Vainikka & Levy, 1995)

As próprias autoras já atestavam tal proposta ao apresentar um quadro onde se revelava as pessoas pronominais que detinham a capacidade de serem omitidas, de forma obrigatória ou opcional, devido a presença de um morfema de concordância verbal referente:

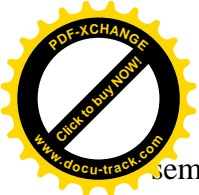
(15)

Tabela de sujeito NP: Obrigatório S vs. Opcional (S).

	1sg.	2sg.	3sg.	1pl.	2pl.	3pl.
Hebraico / passado e futuro	(S)	(S)	S	(S)	(S)	S
Hebraico / presente	S	S	S	S	S	S

(Vainikka & Levy, 1995)

De acordo com o quadro apresentado pelas autoras, fica atestado o que já havia sido observado aqui para o tempo *presente*, ou seja, qualquer pessoa gramatical figurante na oração terá



sempre que ser representada pelo NP, que no caso estudado, são os pronomes pessoais no caso reto, ocasionando sujeito sempre pleno. A tabela acima também revela um panorama geral de como seria a variação contextual pronominal, no que diz respeito à obrigatório ou à opcional de preenchimento de sujeito. Em se tratando das terceiras pessoas, nota-se que o preenchimento é considerado pelas autoras obrigatório, devido a sua fraca referencialidade. Porém, para as primeiras e segundas pessoas gramaticais, o preenchimento não se dá de forma obrigatória, mas de forma opcional:

(16)

a. **Hu** lamad ivrit.

ele estudar-pass-3.p.m.s= \emptyset hebraico

‘Ele estudou (ele) hebraico’.

b. **pro* lamad ivrit.

Estudar-pass-3.p.m.s = \emptyset hebraico

‘*(Ele) estudou hebraico’.

Em Horesh (2003), encontra-se nas suas duas primeiras generalizações um posicionamento semelhante, como pode se ver abaixo:

“Em tempo passado e tempo futuro, pro-drop é opcional para 1^a e 2^a pessoa”.

“Em tempo passado e tempo futuro, um sujeito preenchido é obrigatório para 3^a pessoa”.

Segundo Vainikka & Levy (1995), outra língua que possui um comportamento semelhante ao hebraico, nessa divisão de *obrigatoriedade* e *opcionalidade*, é o *Standard Finnish*, ou finlandês Padrão. Nele, segundo as autoras, encontra-se a mesma variação, entre opção e obrigação, no momento de se preencher o sujeito de verbos conjugados, em uma disposição pessoal muito semelhante do que foi apresentado por elas para a língua hebraica:

(17)

a. **pro* nousi junaan

andar-pass-3.p.m.s=∅ trem

‘(Ele) andou de trem’.

(18)

a. Nousi-n junaan.

Andar-pass-1.p.s trem

‘Eu andei de trem’.

(Vainikka & Levy, 1995).

O que se pode atestar é que o hebraico se aproxima do português, no tempo *passado*, mais precisamente no *pretérito perfeito*, por deter uma variedade de afixos verbais de concordância suficiente para promover o apagamento do sujeito pronominal. Contudo, a língua semítica afasta-se da língua românica ao necessitar, de forma obrigatória, do preenchimento da posição de sujeito com o pronome pessoal, especificamente quando esse é concordante de um verbo conjugado na terceira pessoa, seja ela singular ou plural. Isso se deve a uma espécie de ligação tênue entre o pronome sujeito de terceira pessoa e o seu morfema verbal representante, pois tal desinência contém determinados traços semânticos que não favorecem uma relação mais direta entre ambos. Em outras palavras, o sujeito contaria com um marca de concordância representativa no verbo que pudesse fazer referência direta a ele, viabilizando, assim, seu apagamento. Tal proposta, segundo Vainikka & Levy (1995), torna-se dificultada no hebraico, em se tratando de terceiras pessoas pronominais de *passado* e *futuro*, pois tais não possuem ligação, principalmente fonológica e semântica, como foi visto anteriormente, com seus afixos representantes:

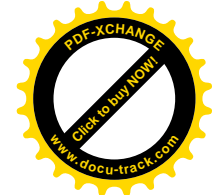
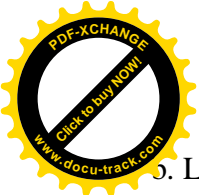
(19)

a. Lamad-**ti**

estudar(Pass)-1.p. singular.

‘Eu estudei’.

aní = 1.p^a pronominal do singular.



5. Lamad-ta

estudar(Pass)-2.p. singular.

‘Tu estudaste’.

ata = 2.p^a pronominal masculina do singular.

c.Lamad-Ø

estudar(Pass)-3.p. singular.

‘(Ele) estudou’.

hu = 3.p^a pronominal masculina do singular.

(20)

a. Lamad-**nu**

estudar(Pass)-1.p. plural.

‘Nós estudamos’.

anarrnu = 1.p^a pronominal do plural.

b. Lemad-**tem**

estudar(Pass)-2.p. plural.

‘Vós estudastes’. (Vocês estudaram)

atem = 2.p^a pronominal masculina do plural.

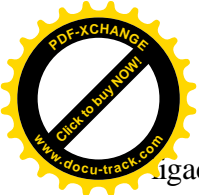
c. Lamd-**u**

estudar(Pass)-3.p. plural.

‘(Eles) estudaram’.

hem = 3.p^a pronominal masculina do plural.

As terceiras pessoas pronominais femininas também passam pelo mesmo problema de



ligação com os afixos verbais. As primeiras e segundas pessoas femininas, singulares e plurais, contudo, possuem uma referencialidade forte com seus afixos verbais.

Para Vainikka & Levy (1995), línguas que permitem a omissão de todas as pessoas gramaticais geram os traços de [+/-ouvinte] e [+/-falante] em todos os seus afixos verbais na posição de sujeito, ou seja, na posição de [Spec, VP]. Segundo elas, o espanhol é uma língua que permite o apagamento de terceira pessoa por possuir esse tipo de comportamento:

(21)

a. **Juan** habla mucho.

b. *pro* habla mucho.

(Vainikka & Levy, 1995)

Em se tratando do tempo *futuro* na língua hebraica, observa-se a mesma riqueza morfológica já antes vista no tempo *passado*. Existem afixos para cada pessoa gramatical, masculina e feminina. Tal equivalência, segundo Glinert (1994) e Uveleer & Bronznick (1994), viabilizaria o apagamento do sujeito pronominal:

(22)

a. **Ani e-**Imad ivrit.

Eu 1.p.s-estudar-fut. hebraico

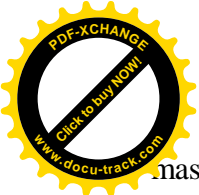
‘Eu (eu) estudarei hebraico’.

b. *pro e-*Imad ivrit.

1.p.s-estudar-fut. hebraico

‘(Eu) estudarei hebraico’.

Segundo Borer (1989), no entanto, o sujeito preenchido com a primeira pessoa pronominal do singular, no hebraico tipicamente falado, é normalmente presente nesse tempo. Para Vainikka e Levy (1995), isso se deve pelo fato da pronúncia do prefixo do verbo, indicador de primeira pessoa singular *e-*, ser confundido com a pronúncia do prefixo do verbo indicador de terceira pessoa



masculina singular *ye-*. Para elas, a distinção fonética entre os dois morfemas verbais é obliterada pelos falantes, com ambas as pessoas sendo pronunciadas *ye*²⁴:

(23)

a. *ye-lmad*.

3.p.m.s-estudar-fut.

‘Ele estudará hebraico’.

b. **Aní ye-lmad*.

Eu 3.p.m.s-estudar-fut.

‘*Eu estudará hebraico’. (Eu estudarei hebraico)

Outro apontamento interessante, em se tratando da impossibilidade de apagamento do sujeito estrutural, é encontrado em Horesh (2003). Para ele, o tempo *futuro*, especificado aqui como o *futuro do presente*, comporta-se de uma maneira mais ambígua do que se espera, diminuindo, assim, o uso do sujeito nulo. Tal decréscimo no uso se dá pelo fato do prefixo verbal, indicador de segunda pessoa masculina singular ser idêntico ao prefixo verbal indicador de terceira pessoa feminina singular. Com isso, a necessidade do preenchimento de sujeito torna-se quase que inevitável:

(24)

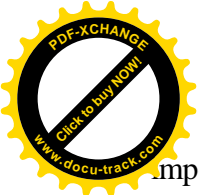
a. *ti-lmad*.

(tu;Masc/ela;Fem)-estudar-fut.

‘(Tu)/(ela) estud-(arás; Masc.)/(ará;Fem.)’.

Assim, torna-se visível que o hebraico volta a possuir um comportamento diferenciado no tempo *futuro*, se for comparado à língua portuguesa, variante brasileira. Enquanto que o português do Brasil viabiliza o apagamento do sujeito pronominal nesse tempo, o hebraico apresenta certas restrições de natureza morfológica e fonética ao apagamento de sujeito. Na fala, o que se vê é a

²⁴ A vocalização dos prefixos de futuro pode mudar. Tal mudança é originada pela troca de construções conjugadas neste tempo ou pelo tipo verbal, sendo este dividido em regular e irregular.



impossibilidade do apagamento do sujeito de primeira pessoa singular, pois o afixo verbal representante desse se confunde com o afixo de terceira pessoa masculina do singular, já que o primeiro afixo é pronunciado da mesma forma que o segundo, impedindo a referencialidade inicial proposta pelo morfema de concordância. Outro aspecto do paradigma morfológico que impossibilita o apagamento de sujeito é a semelhança entre os prefixos de segunda masculina singular e terceira feminina singular. A nível morfológico e fonético, não há diferenciação entre esses dois prefixos. Por isso, para que o sujeito possa ser identificado com eficiência, há a necessidade do preenchimento da posição de sujeito com um NP, que no caso seria representado pelo pronome pessoal do caso reto.

Uma outra exposição que se faz relevante para esse estudo sobre sujeito nulo em hebraico trata do comportamento de verbos impessoais em sentenças simples, já que são esses os únicos contextos oracionais passíveis de apagamento de elemento na posição de sujeito, com verbo conjugado em terceira pessoa, desconsiderando contexto de orações encaixadas, sendo essas subordinadas ou coordenadas. De acordo com o *Princípio da Projeção Estendida*, ou *EPP*, a posição de sujeito na estrutura sintática, ou seja, a posição de especificador do nó flexional IP, deve ser estruturalmente preenchida. Porém, em determinados contextos, geralmente onde estejam dispostos verbos não detentores de traço pessoal, o preenchimento dessa posição por um pronome pessoal torna-se inviável. Contudo, em certas línguas, como o inglês e francês, existem pronomes *expletivos* que figuram nessa posição, além do *there*, que segundo Haegeman (1999), funciona também como expletivo:

(25)

It rains.

Expletivo chove

‘Está chovendo’.

(26)

Il pleut.

Expletivo chove

‘Está chovendo’.

It seems that John is intelligent.

Expletivo parece que João é inteligente

‘Parece que o João é inteligente’.

(28)

There arrived a car.

Expletivo chega-passado um carro

‘Chegou um carro’.

Em hebraico, não há um pronome expletivo específico, que possa figurar nessa posição, permitindo, por conta disso, a omissão do elemento sujeito nesses contextos restritos. O que ocorre é algo de semelhante ao português, onde o *pro* surge para preencher, em grande parte das ocorrências, a posição de sujeito estrutural. De acordo com Shlonsky (1987), em alguns contextos, há em hebraico o preenchimento da posição de sujeito por uma *syntactically active*, ou seja, uma atividade sintática, porém, foneticamente nula. Tal realização pode ser observada abaixo, com uma estrutura da língua hebraica sendo comparada, inicialmente, com o português do Brasil e, após isso, a mesma sendo comparada com uma estrutura do inglês:

(29)

a. Kar.

∅ frio

‘*pro* Está frio’.

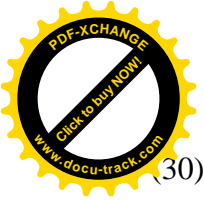
b. Kar.

cold

‘**It**’s cold’.

‘Está frio’.

(Shlonsky, 1987).



(30)

a. Higi-a rakevet.

Ø chegou trem

'**pro** Chegou um trem'.

b. Higi-a rakevet.

Ø arrives train

'**There** arrived a train'.

'Chegou um trem'.

(Shlonsky, 1987)

Em outros casos, como relata o próprio Shlonsky (2007), o pronome demonstrativo *ze*, que significa *este* ou *esse*, pode desempenhar tal função expletiva, como se pode acompanhar no exemplo abaixo:

(31)

a. ze (lo) kashe le-daber rusit.

Expletivo (neg) difícil falar russo

'**pro** (Não) É difícil falar russo'.

b. ze (lo) kashe le-daber rusit.

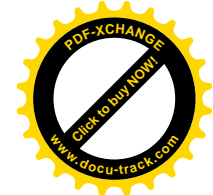
It (neg) difficult to-speak russian

'**It** is(n't) difficult to speak Russian'.

'Não é difícil falar russo'.

(Shlonsky, 2007)

Nesse mesmo trabalho, o autor apresenta um outro panorama sobre o fenômeno de sujeito nulo na língua hebraica. Segundo Shlonsky (2007), o hebraico moderno pode ser considerado uma *língua de sujeito nulo parcial*. Para o autor, tal consideração é motivada por três assimetrias na



distribuição do pronome sujeito nulo. As assimetrias são:

(32)

- a. Assimetria de referencialidade;
- b. Assimetria pessoal;
- c. Assimetria temporal;

A *assimetria de referencialidade* defende que em língua hebraica, sujeitos nulos *não-referenciais* podem ocorrer em todos os contextos temporais. Para ilustrar essa consideração, Shlonsky apresenta exemplos de sentenças simples, detentoras de sujeitos nulos *não-referenciais*, no tempo presente, com (33a), (33b) e (33c), e no tempo passado, com (34a), (34b) e (34c), independentemente se tais sentenças são afirmativas ou negativas:

(33)

- a. (lo) kar.

Pro (neg) frio

‘Não está frio’.

- b. (lo) dofkim b-a-delet.

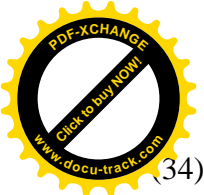
Pro (neg) bater-pres.-masc.pl em-a porta

‘Alguém (não) bate / está batendo na porta’.

- c. (lo) ma’arirrim et ha truma shelá.

Pro (neg) apreciar-pres.-masc.pl acusativo a contribuição dela

‘Pessoas (não) apreciam / estão apreciando a contribuição dela’.



(34)

a. (lo) haya kar.

Pro (neg) ser-pass.frio

‘(Não) Estava frio’.

b. (lo) dafku b-a-delet.

Pro (neg) bater-pass.-m.p em-a porta

‘Alguém (não) bateu na porta’.

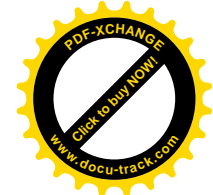
c. (lo) he'erirru et ha truma shelah.

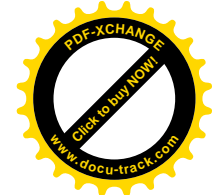
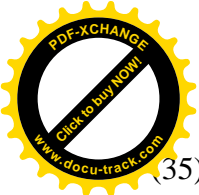
Pro (neg) apreciar-pass.-m.p acusativo a contribuição dela

‘Pessoas (não) apreciaram a contribuição dela’.

(Shlonsky, 2007)

A *assimetria pessoal* trata da relação entre sujeito nulo *referencial* e as flexões de concordância. Segundo tal assimetria, sujeitos nulos referenciais são permitidos somente quando representados pelas flexões de primeiras e segundas pessoas, tanto no singular quanto no plural. Neste sentido, Shlonsky se aproxima do que é defendido por Vainikka & Levy (1995) ou Horesh (2003), por exemplo. Contudo, seu ponto de vista afasta-se dos demais quando ele considera que há a possibilidade de se obter sujeitos nulos de terceira pessoa. Neste caso, o autor defende que isso só é possível quando ocorrem contextos sentenciais na língua onde a categoria vazia é precedida por um antecedente acessível a ela, tornando-a um sujeito nulo *co-referencial*. Tais contextos seriam os de orações encaixadas, onde a categoria vazia encontra-se na posição de sujeito da segunda oração. Os verbos, nesses contextos, encontram-se dispostos em duas combinações distintas. Na primeira combinação, os verbos, tanto na oração principal, quanto na oração encaixada, encontram-se no tempo *passado*. Já na segunda combinação, somente o verbo da oração principal encontra-se no tempo *passado*, enquanto que o da oração encaixada encontra-se no tempo *futuro*. Ao analisar os sujeitos nulos *co-referenciais* de terceira pessoa, Shlonsky apresenta algumas sentenças, sendo que as cinco primeiras sentenças possuem a primeira combinação e as duas últimas a segunda combinação:





(35)

a. Dani kibel mi-Dafna ve-Rina matana yafa arrarei she syem et ha-doktorat.

Dani_i receber-pass-3.p.m.s de-Dafna e-Rina presente bonito depois que **pro**_i terminar-pass-3.p.m.s acusativo o-doutorado

‘Dani recebeu um presente fino de Dafna e Rina depois de ter terminado o doutorado’.

b. Dafna ve-Rina natn-u le-Dani matana yafa arrarei she siyem et haa-doktorat.

Dafna e-Rina dar-pass-3 p.p para-Dani_i presente bonito depois que **pro**_i terminar-pass-3.p.m.s acusativo o-doutorado

‘Dafna e Rina deram ao Dani um presente fino antes de ter terminado o doutorado’.

c. Dafan nishk-a et Dani biglal she siyem et ha-doktorat.

Dafan bejar-pass-3.p.f.s acusativo Dani_i porque que **pro**_i terminar-pass-3.p.m.s acusativo o-doutorado

Dafna beijou Dani porque (ele) terminou o seu doutorado’.

d. Lifney shvu’ayim Dani rrakar et Dafna ve-arrarei rramesh dakot matsah ota ashema.

Antes duas-semana Dani_i interrogar-pass-3.p.m.s acusativo Dafna e-depois cinco minutos **pro**_i encontrar-pass-3.p.m.s dela culpada

‘Há duas semanas atrás, Dani interrogou Dafna e depois de cinco minutos, (ele) encontrou sua culpa’.

e. Lifney shvu’ayim Dafna nerrkera al-yedey Dani, ve-arrarei rramesh dakot nimts’ea ashema.

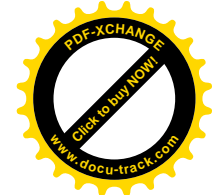
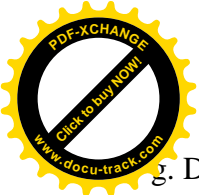
Antes duas-semana Dafan_i interrogar-passiva-pass-3.p.f.s acusativo por Dani e-depois cinco minutos **pro**_i encontrar-passiva-pass-3.p.f.s dela culpada

‘Há duas semanas atrás, Dafna foi interrogada Dani, e depois de cinco minutos (ela) foi descoberta como culpada’.

f. Hem kivu she y-elrru há-bayta mukdam.

Eles_i esperar-pass-3.p.p que **pro**_i 3.p.p-ir-fut. casa cedo

‘Eles esperaram que (eles) fossem para casa cedo’.



g. Dafna ve-Rina nishk-u et Dani kedey she y-sayem et ha-doktorat.

Dafna e-Rina bejjar-pass-3.p.p acusativo Dani para que *pro*_i 3.p.m.s-terminar-fut acusativo o-doutorado

‘Dafna e Rina bejjaram Dani para que (ele) terminasse seu doutorado’.

(Shlonsky, 2007)

Segundo Ariel (1990, 2001) e Gutman (1999, 2004), a acessibilidade do antecedente para a categoria vazia é de fundamental importância para que haja o apagamento do sujeito da encaixada, permitindo também que a sentença seja interpretada como gramatical. Para os autores, um dos principais fatores que determinam essa acessibilidade da categoria vazia de terceira pessoa ao antecedente é um potencial de *saliência discursiva* atribuído a esse antecedente. Shlonsky, apropriando-se desse posicionamento, apresenta um exemplo onde o apagamento do sujeito da encaixada é considerado agramatical pelo fato de seu antecedente não ser, segundo ele, suficientemente saliente discursivamente:

(36)

a. *Lifney shvu’ ayim Dafna nerrkera al-yedey Dani, ve-arrarei rramesh dakot mats’a ota ashema.

Antes duas-semana Dafna interrogar-pass.-3.p.f.s acusativo por Dani e-depois cinco minutos *pro*_i encontrar-passiva-3.p.m.s dela culpa

‘Há duas semanas atrás, Dafna foi interrogada Dani e depois de cinco minutos, (ele) descobriu sua culpada’.

(Shlonsky, 2007)

A terceira e última assimetria é aquela que trata da influência do tempo verbal na ocorrência de sujeito nulo *pronominal*. A *assimetria temporal* baseia-se na premissa de que sujeitos referenciais nulos são possíveis somente nos tempos passado e futuro, excluindo completamente tal possibilidade no tempo presente. Neste sentido, além de utilizar-se de exemplos de orações simples para ilustrar tal consideração, como encontramos nos outros autores citados anteriormente, Shlonsky ressalta tal impossibilidade ao apresentar a seguinte sentença, sendo esse um contexto semelhante ao do exemplo (35b):

(37)

a. *Dafna ve-Rina notnot le-Dani matana yafa kol pa'am she mefarsem ma'amar rradash.

Dafna e-Rina dar-3.p.p para-Dani_i presente bonito todo tempo que *pro*_i publicar-pres-m.s. artigo novo

'Dafna e Rina dão ao Dani um presente fino toda vez que (ele) publica / está publicando um novo artigo'.

Para Shlonsky, no exemplo acima, onde a categoria vazia encontra-se também na oração encaixada e o seu antecedente encontra-se na oração principal, não há como interpretar tal estrutura como gramatical. Essa impossibilidade reside no fato da categoria vazia não poder ser relacionada ao antecedente, por causa da ausência do traço pessoal no verbo conjugado em tempo *presente*, na oração *subordinada*. Segundo Shlonsky, o verbo *mefarsem* (Publico/as/a), como qualquer outro verbo no tempo presente, não possui especificação de pessoa. Para autor, essa impossibilidade é resultado do caráter morfológico dos verbos nesse tempo. Segundo ele, no *presente*, os verbos são como *participios*, morfológicamente, e, por isso, esses não poderiam receber um traço pessoal, presumivelmente pelo fato dos mesmos possuírem características nominais, como o exemplo abaixo demonstra:

(38)

Dani lovesh sveder.

Dani vestir+pres.-ms suéter

'Dani está vestindo suéter'.

(Shlonsky, 2007)

Além disso, haveria duas outras questões por detrás dessa agramaticalidade no apagamento. Primeiramente, Shlonsky defende que nenhum sujeito nulo na língua hebraica possui especificação pessoal intrínseca, independente do tempo e pessoa ao qual ele está relacionado. Isso, a princípio, permitiria somente a evidência de sujeitos nulos, de caráter pronominal, do tipo *não-referencial*. No entanto, o autor propõe uma explicação para tal consideração, sendo essa a segunda questão.

A outra questão consiste no fato do autor considerar que, para a língua hebraica, haveria três tipos de nóculo TP. O primeiro seria restrito às estruturas negativas, construídas com o elemento de negação *eyn*, sendo o nóculo entitulado T_{eyn}. O segundo nóculo seria natural de estruturas conjugadas nos tempos *passado* e *futuro*, conhecido como T_{P&F}. O último seria destinado às orações com verbos conjugados no tempo *presente*, denominado T_{Pres}. Aqui, será relizado somente o comentário que diz respeito aos dois últimos nóculos, por serem considerados os mais pertinentes à



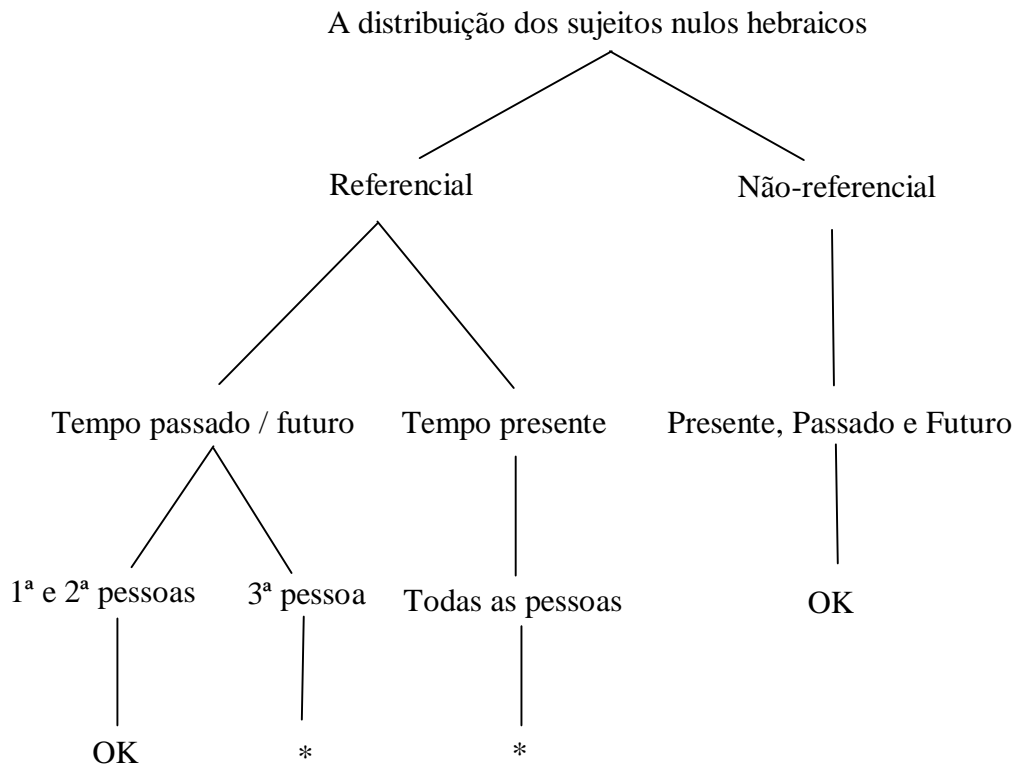
pesquisa a que se propõe este trabalho.

Para Shlonsky, a categoria vazia *pro*, pelo fato de não deter informação pessoal em sua configuração, necessita buscar em um antecedente ou *controlador* sua referência. Associado a isso, o autor também defende que toda atribuição de traço que modifica o conjunto de traços de um *pro* requer uma modificação paralela no conjunto de traços do nóculo T. Desta forma, com *pro* sendo modificado em sua configuração, por receber de seu antecedente ou *controlador* a especificação pessoal, o nóculo T também deve ser modificado pela adição ou cópia do traço de pessoa oriundo da categoria vazia, pelo menos em certos contextos.

Nos tempos passado e futuro, em orações encaixadas, o *pro* torna-se co-indexado com o seu antecedente, adquirindo sua especificação pessoal. Tal especificação promove uma mudança na configuração no nóculo $T_{P\&F}$, tornando-o igualmente especificado para o traço pessoal da categoria vazia. Com isso, o *pro* torna-se licenciado e a gramaticalidade da sentença é identificada. Já em orações simples, com a ausência de antecedente expresso, o *pro* é licenciado via *controle*, onde o papel de *controlador* é exercido pela flexão verbal.

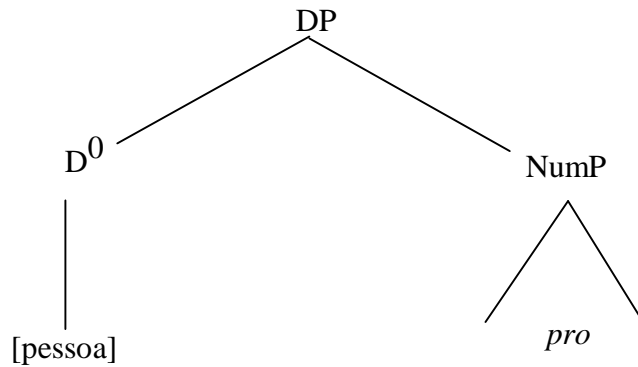
No tempo presente, tal realização não ocorre. Em orações encaixadas, o *pro* recebe a identificação pessoal de seu antecedente, porém, não há a especificação paralela no nóculo T_{Pres} . Devido a esse fato, o nóculo T_{Pres} não licencia a categoria vazia, confirmando a agramaticalidade da sentença. Em orações simples, sem a presença de um antecedente expresso, o nóculo T_{Pres} também não permite o licenciamento de *pro*.

Por fim, Shlonsky apresenta um esquema onde são revelados os principais contextos de ocorrência de sujeitos *referenciais* e *não-referencias*, de acordo os fatores tempo e pessoa, onde não é considerado os sujeitos nulos de terceira pessoa *co-referenciais*, das orações encaixadas, sendo essas *subordinadas*:



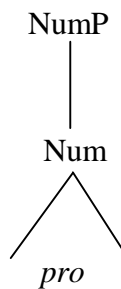
Uma outra contribuição para o desenvolvimento da teoria sobre o apagamento de sujeito em língua hebraica moderna reside na configuração interna do que seria essa categoria vazia. Baseando-se nas considerações de Rizzi (1986), sobre os variados tipos de *pro*, que relevaria os diferentes graus de especificação de traços (número;pessoa) de cada uma das diferentes gradações dessa categoria vazia, Shlonsky (1997) propôs uma alternativa para se compreender, de maneira mais detalhada, em que consistia essa variação. Neste sentido, o autor viria a propor que os diferentes tipos de *pro*, na realidade, difeririam em suas estruturas internas e, conseqüentemente, nas especificações de traços requeridas por cada estrutura específica. Tais estruturas, como em Rizzi, seriam responsáveis pela distribuição também dos tipos de *pro*.

Para o autor, a estrutura básica do *pro* seria aquela semelhante a de um DP, onde D^0 seria núcleo e a localidade detentora dos traços responsáveis em determinar as referências desse DP. Além disso, haveria também, nessa estrutura, um NP nulo (ou NumP). Segundo Shlonsky, em um *pro* cujo caráter fosse reconhecido como *referencial*, o DP deteria uma estrutura completa e seu D^0 deteria os traços pessoais, como se pode observar no exemplo abaixo:



Já um *pro* cujo caráter fosse identificado como *não-referencial*, seria representado por um DP incompleto, sem D⁰ e, conseqüentemente, sem o traço identificador de pessoa. Tal estrutura pode ser vista abaixo:

(41)

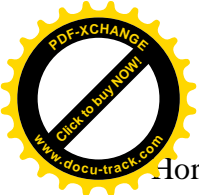


Segundo Shlonsky, o terceiro tipo de *pro*, de acordo com a proposta de Rizzi - sujeito nulo cuja configuração seria a de *co-referencial* – possuiria uma estrutura DP detentora de um núcleo D⁰ associado a traços semânticos.

Partindo dessas considerações, da mesma forma como ocorreu com os estudos sobre o fenômeno de apagamento em língua portuguesa do Brasil, se pode observar que existem alguns pontos convergentes na teoria que merecem ser elucidados. Inicialmente, observa-se que o fenômeno de apagamento de elemento na posição de sujeito é presente na língua hebraica. Contudo, ao se analisar os contextos de ocorrência, nota-se que esse é menos recorrente que o preenchimento.

Um outro dado importante, referente ao comportamento do apagamento de sujeito em hebraico, reside no caráter da categoria vazia de sujeito. Todos os trabalhos citados que discutem essa especificação são unânimes em garantir que todo elemento apagado na posição de sujeito na língua semítica possui caráter *pronominal*, ou seja, a categoria vazia detém configuração de *pro*.

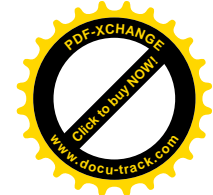
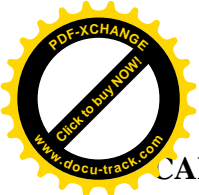
Além disso, de acordo com os estudos na língua semítica, diferentemente do português do Brasil, no entanto, o hebraico se mostra mais regular e homogêneo na sua distribuição do sujeito nulo por tempo e pessoa. Em se tratando do tempo, os estudos como Vainikka & Levy (1995),



Horesh (2003) e Shlonsky (2007), por exemplo, atestam que o *presente* seria aquele impedido da possibilidade de realização do apagamento de sujeito, como defendem os dois primeiros, ou pertinente somente em certos contextos pessoais e oracionais, como Shlonsky garante ocorrer com os expletivos nulos. Em outras palavras, o tempo *presente* seria o menos favorável ao apagamento de elemento na posição de sujeito. O tempo *passado*, juntamente com o tempo *futuro*, para esses autores, no entanto, seriam mais favoráveis à ocorrência de tal fenômeno, devido a uma maior especificação dos seus paradigmas morfológicos verbais, detentores de marca pessoal evidente. O tempo *presente*, ao contrário disso, não possuiria marca morfológica para pessoa.

Em se tratando da relação entre fenômeno de apagamento e pessoa pronominal, os estudos atestam que, diferentemente do que ocorre em língua portuguesa, a terceira pessoa é aquela que possui mais impedimentos ao apagamento, ora pelo tempo em que ela se encontra, ora pela ausência de traços pessoais fortes, como defendem Vainikka & Levy (1995) para a morfologia em tempo *passado* e *futuro*. A primeira e a segunda pessoa, contudo, são aquelas que possuem menos impedimentos para que ocorra apagamento de sujeito.

Sendo assim, com esse fechamento realizado, será apresentada abaixo a metodologia que orientou a coleta, depuramento e análise dos dados considerados por esta pesquisa, visando confrontar o que for encontrado nas realizações de fala espontânea, que compõem o *corpus* deste trabalho, com as considerações feitas acima. Considerações essas que serviram de descrição tanto para o fenômeno em português do Brasil, quanto para o identificado em hebraico moderno.



CAP 4. METODOLOGIA.

Neste capítulo, serão apresentadas as premissas metodológicas que serviram de orientação para a estruturação e desenvolvimento desta pesquisa, bem como aquelas que servirão de base para a análise dos dados provenientes das línguas escolhidas para o estudo. Portanto, com o intuito de evidenciar de forma clara e objetiva tais premissas, serão apresentados, a seguir, os tópicos principais que, segundo a ótica deste trabalho, resumem, de maneira precisa e direta, os princípios metodológicos que o permeiam. São eles: i. Modelo teórico utilizado pela pesquisa; ii. Objeto de estudo; iii. Objetivo de estudo; iv. Hipóteses; v. Caráter metodológico de coleta de dados; vi. Natureza dos dados; vii. Metodologia de análise.

Sendo assim, após essa breve introdução ao panorama que revela os pontos metodológicos deste trabalho, torna-se viável, a partir de agora, a apresentação de cada um dos princípios citados acima.

4.1 Modelo teórico utilizado pela pesquisa.

A presente pesquisa se apoiou em duas etapas transcorridas pela *Teoria gerativa* para estruturar todas as suas considerações. No entanto, alguns trabalhos de cunho sociolinguísta foram utilizados como referência. Mesmo assim, as premissas creditadas por esta pesquisa baseiam-se nas considerações chomskianas sobre o inatismo da linguagem, além de todas as outras noções envolvidas com o cerne desse conceito, como a consideração que trata da existência de uma faculdade mental da linguagem, por exemplo. Mais precisamente, este trabalho apóia-se metodologicamente - não somente nas considerações sobre a fundamentação teórica, mas também no que tange à análise dos dados coletados - nas premissas de Chomsky (1981), sobre a universalidade dos mecanismos linguísticos inatos que estruturam as representações sintáticas nas línguas e sobre a variação dessas representações entre as línguas. Em outras palavras, a pesquisa desenvolvida aqui se baseia no modelo conhecido como *Teoria de Princípios e Parâmetros*, bem como nas considerações posteriores a ele, feitas pelo próprio Chomsky, sobre a atuação dos *Princípios de economia* na estruturação das representações linguísticas, que, juntas, tornaram-se conhecidas como o *Programa Minimalista*.

4.2 Objeto de estudo.

O objeto de estudo desta pesquisa será extraído de contextos, previamente estabelecidos, encontrados por meio de coleta em fontes de fala espontânea, em duas línguas específicas, a saber,



O português brasileiro e o hebraico moderno, falado atualmente no estado de Israel. Tais línguas, no entanto, não foram escolhidas ao acaso, mas sim, devido as suas peculiaridades e semelhanças no que diz respeito ao comportamento da categoria vazia que figura na posição de sujeito. Portanto, o objeto de estudo deste presente trabalho, que está sendo desenvolvido aqui, consiste no comportamento da categoria vazia que figura na posição de sujeito, em contextos oracionais específicos, provenientes das duas línguas.

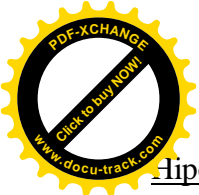
4.3 Objetivo de estudo.

O objetivo inicial desta pesquisa consiste em traçar as semelhanças compartilhadas entre a língua portuguesa do Brasil e a língua hebraica moderna. Tais semelhanças serão observadas por intermédio de um fenômeno que, segundo a bibliografia citada aqui, é presente e, em certos contextos, é bem evidente nas duas línguas. Esse fenômeno, consiste na possibilidade de apagamento de um elemento sintático na posição de sujeito de uma oração, seja ela simples ou composta. Em sentenças simples, a categoria vazia residiria na posição de sujeito oracional, enquanto que em sentenças compostas, a categoria vazia residiria na posição de sujeito da oração subordinada ou coordenada. Portanto, por intermédio das constatações oriundas das ocorrências de apagamento de sujeito é que será construído um quadro comparativo entre as duas línguas estudadas aqui.

Um segundo objetivo que também pode ser evidenciado neste item baseia-se na tentativa de comprovação, mediante dados de língua hebraica, de que existiria uma categoria vazia, de caráter específico, em certas orações que se encontram em tempo *presente*. Em outras palavras, com exceção das orações simples, nesse tempo, com verbos conjugados em terceira pessoa, que possuem sujeitos nulos pronominais *não-referenciais*, segundo Shlonsky (2007), a categoria vazia nessas estruturas, em outras pessoas, além de orações encaixadas de terceira, possuiria caráter de *variável*. Contudo, tal idéia será mais bem revelada no próximo ponto metodológico, sendo esse a parte que trata das hipóteses apresentadas pela pesquisa.

4.4 Hipóteses.

Por meio de estudos prévios feitos sobre o comportamento das categorias vazias em língua portuguesa do Brasil e língua hebraica moderna e as conseqüentes reflexões sobre os mesmos, algumas hipóteses podem ser levantadas. Tais hipóteses encontram-se desta forma organizadas:



Hipótese 1 – O português do Brasil e o hebraico moderno apresentam, de acordo com uma amostragem sobre sujeitos preenchidos e nulos, uma postura favorável à não omissão de elementos na posição de sujeito;

Hipótese 2 – O hebraico moderno, assim como o português do Brasil, apresenta sujeitos nulos de caráter *pronominal* e de caráter de *variável*;

4.5 Caráter metodológico de coleta de dados.

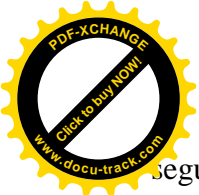
No que tange ao caráter da metodologia de coleta dos dados para serem avaliados e analisados, entendeu-se que uma postura quantitativa, a princípio, deveria ser adotada. No entanto, esta pesquisa também compreende a diferença, no que diz respeito à proporção quantitativa, dos dados avaliados por este trabalho, quando comparada a outras amostragens, de outras pesquisas, já realizadas. Além disso, algumas restrições no que diz respeito ao aproveitamento dos dados acabaram por limitar o quadro comparativo entre as línguas em relação ao tempo. Tais restrições e o tempo em questão serão considerados nos dois próximos itens deste capítulo.

Portanto, o principal intuito pretendido pela pesquisa ao considerar dados de língua viva foi o de evitar um equivocado julgamento de gramaticalidade, que poderia ser feito pelo pesquisador, ao conceber as estruturas que fazem parte de cada um dos idiomas. No caso específico de língua hebraica, tal necessidade se tornou ainda maior, já que a mesma foi estudada e não adquirida pelo pesquisador, fazendo-se necessária, por conta disso, a busca por fontes de fala espontânea da língua semítica. Tal postura última foi tomada também para com a língua portuguesa, falada no Brasil, mesmo tendo sido a última adquirida pelo pesquisador.

4.6 Natureza dos dados.

Os dados utilizados por esta pesquisa, que serviram de base para as considerações e campo para as constatações sobre o fenômeno de apagamento de sujeito em língua portuguesa e língua hebraica, foram extraídos de fontes específicas e seguiram restrições de aproveitamento igualmente estabelecidas, ou seja, as restrições que ditaram a validade para um dado na pesquisa valiam para as duas línguas em comum.

Tratando primeiramente da origem dos dados e suas características, essas consistem em entrevistas de fala espontânea. Tais entrevistas, tanto as em língua portuguesa quanto as em língua hebraica, foram conseguidas na Internet, através do site da radio sbs, sendo esse www.radio.sbs.com. As entrevistas em língua portuguesa foram realizadas no período entre a



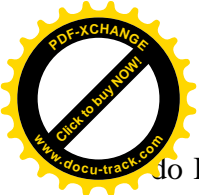
segunda metade do ano de 2006 e a segunda metade do ano de 2007. Todos os participantes eram falantes nativos de português brasileiro, que moravam no Brasil e que possuíam nível de escolaridade variando entre graduação e pós-graduação. O período total de gravação girou em torno de uma hora e meia, ou mais precisamente, 01:38:21s, totalizando um conjunto de seis entrevistas e sete participantes, já que uma das entrevistas foi dividida em dois momentos, um para cada entrevistado.

As entrevistas em língua hebraica foram realizadas no período entre o ano de 2006 e o ano de 2007. Todos os participantes eram falantes nativos de hebraico moderno, moradores de Israel e possuidores de escolaridade também razoável, variando entre graduação e pós-graduação. O período total de gravação girou em torno de, como foi feito em português, uma hora e meia, ou mais precisamente, 01:32:12s, totalizando um conjunto de seis entrevistas e seis entrevistados.

As entrevistas ainda possuem mais uma característica que as divide em dois tipos, a saber, *entrevistas não presenciais* e *entrevistas presenciais*. Certas entrevistas, tanto em língua portuguesa, quanto em língua hebraica, foram realizadas por telefone, onde o diálogo entre entrevistador e entrevistado se desenrolava. Outras entrevistas possuíam caráter presencial, onde entrevistador e entrevistado dialogavam dentro do estúdio da rádio. Tamanha especificação ao tratar das entrevistas passa a fazer sentido ao se considerar a localização da rádio sbs. Tal rádio se situa na Austrália, e não em nenhum dos dois países onde as duas línguas estudadas são faladas. Porém, tal fato não impediu o aproveitamento dos dados, sob a ótica deste trabalho.

As entrevistas realizadas por telefone não influenciaram nos dados dos informantes relevantes, ou entrevistados, pelo fato desses se encontrarem no Brasil ou Israel no momento em a entrevista ocorria. No caso de entrevistas com a presença do entrevistado no estúdio da rádio, o mesmo não se encontrava como residente na Austrália, o que o eliminaria. Porém, tal entrevistado se encontrava de passagem pelo país, participando de shows ou de palestras e convenções em universidades.

Já no que diz respeito às restrições que auxiliaram na escolha dos dados, certos fatores foram fundamentais para realizar tal filtragem. Tais fatores se encontram divididos entre aqueles que possuem caráter *extra-lingüístico* e aqueles que possuem caráter *intra-lingüístico*. Os fatores *extra-lingüísticos* determinantes para a validade dos dados foram a *fala do entrevistado* e *país de residência*. Somente dados provenientes da fala dos entrevistados foram considerados, pelo fato dos entrevistadores morarem fora de seus países (Brasil e Israel) há muito tempo, devido a motivos de localização da rádio acima citados e, por conta disso, apresentarem provavelmente certo grau de influência da língua do país em que vivem (Austrália) em sua língua materna, bem como por motivos de nacionalidade, pois em alguns casos de entrevistas em português, alguns entrevistadores eram de outros países, como portugueses de Portugal, ou como australianos, falantes de português

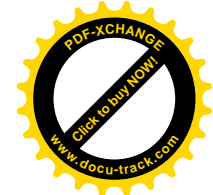
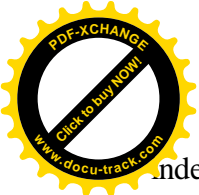


do Brasil como segunda língua. No que diz respeito ao segundo fator, que também tem relação com os entrevistados, ao se considerar somente a fala desses, buscou-se evidenciar estruturas oriundas de um português que é falado aqui no Brasil, nativo, e não um português falado em uma comunidade brasileira na Austrália, onde provavelmente se situa o campo de atuação da fala dos entrevistadores brasileiros.

Neste sentido, há duas ressalvas a se fazer. Primeiramente, tais restrições *extra-lingüísticas* limitaram de maneira mais contundente o aproveitamento dos dados em língua hebraica, em comparação ao grau de influência das mesmas em língua portuguesa. Isso justifica, mais à frente, ao se considerar a organização metodológica de análise de dados, a diferença na média total de dados relevantes das línguas, com uma visível superioridade, por parte do português brasileiro, em números finais.

Relacionada aos fatores citados acima, encontra-se uma questão de natureza lingüística. Tal questão trata da desconsideração do tempo *futuro* como tempo relevante para análise. Pelo fato de se desconsiderar os dados dos entrevistadores, o índice de ocorrências de estruturas sintáticas que poderiam configurar contextos favoráveis à identificação de sujeitos nulos em tempo *futuro* foi mínimo nas duas línguas. Seguindo o comprometimento de buscar as estruturas nos dados de fala espontânea, entendendo que essas podem favorecer e embasar as reflexões sobre o fenômeno do sujeito nulo, sendo esse aliado à postura de tratar de forma semelhante as duas línguas estudadas, haveria a necessidade de um uso excessivo de julgamento de gramaticalidade por parte do pesquisador para que houvesse, ainda que de forma bem prematura e inicial, uma amostragem minimamente significativa no que diz respeito aos contextos favoráveis ao fenômeno, que podem ser encontrados nessas duas línguas. Em se tratando de língua hebraica, especificamente, tal tarefa se torna mais difícil por motivos anteriormente relatados, como a não aquisição da língua. Em outras palavras, por mais que tal lacuna nos dados pudesse ser preenchida por julgamentos de gramaticalidade em português do Brasil, a realização do mesmo na língua semítica se tornaria, sob a ótica desta pesquisa, pelo menos inviável.

Em se tratando dos fatores *intra-lingüísticos*, as restrições se baseiam em considerações dos autores e observações feitas sobre o comportamento das duas línguas no que diz respeito às suas estruturas sintáticas. A postura utilizada como norteamento desses fatores consiste na uniformidade dos dados e na possibilidade de comparação das estruturas nas diferentes línguas, propiciada por tal uniformidade. Em outras palavras, tais restrições foram eleitas para promover uma comparação mais efetiva entre os dados de língua portuguesa e língua hebraica, sem maiores discrepâncias. Neste sentido, as sentenças seriam eliminadas do *corpus* organizado por esta pesquisa se apresentassem as seguintes restrições: i. Verbo no infinitivo; ii. Verbo no infinitivo flexionado; iii. Verbo no imperativo; iv. Verbos com erro de concordância; v. Sujeito expletivo; vi. Sujeito



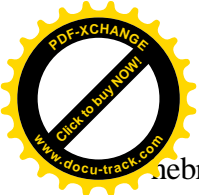
indefinido ou indeterminado.

As noções como *modo* e *aspecto* verbal foram desconsideradas como relevantes, no sentido de indentificação como fatores de especificação de tempo. Em outras palavras, o espectro que será apresentado sobre o comportamento do sujeito nulo nas duas línguas será, de acordo com o tempo, dividido em *presente* e *passado*, já que o futuro, por motivos relacionados a sua amostragem, não participará dessa comparação. A especificação de *gênero* para os verbos em língua hebraica foi mantida, pelo fato dessa ser relevante, no âmbito da língua semítica, para a realização de sujeitos nulos.

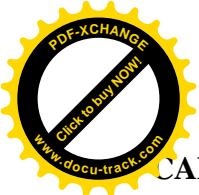
4.7 Metodologia de análise.

No que diz respeito à metodologia de análise de dados, os mesmos seguirão uma organização em sua apresentação e estudo. Inicialmente, será apresentada uma amostragem geral da média de sujeitos preenchidos e nulos nas línguas. Depois, serão apresentados os dois principais tempos desta pesquisa, sendo esses o tempo *presente* e o tempo *passado*. Cada tempo será subdividido nas pessoas, seguidas ainda por uma divisão entre sujeitos preenchidos e nulos. De acordo com as pessoas que serão apresentadas, serão evidenciadas também as estruturas sintáticas às quais elas pertencem, sendo essas orações *simples* e orações *compostas*, sendo essas últimas *subordinadas* e *coordenadas*. As três primeiras etapas descritas, como tempo, pessoa e tipo de sujeito, serão caracterizadas estatisticamente, em números de ocorrências e percentuais de ocorrência. Entendeu-se nesta pesquisa que o tipo de estrutura sintática merece também um levantamento numérico específico, já que o tipo de oração pode influenciar diretamente na identificação do tipo de categoria vazia. No que diz respeito à ordem das línguas a serem apresentadas, a organização basear-se-á sempre na seguinte disposição: Primeiramente, serão feitas as considerações sobre língua portuguesa. Após isso, virão as considerações pertinentes à língua hebraica. Tal seqüência respeitará a divisão por tempo. Em outras palavras, ao ser apresentado um tempo determinado, esse será subdividido nas pessoas pronominais. Feito isso, serão feitas todas as considerações sobre português do Brasil naquele contexto temporal específico. Somente após terminadas as considerações dessa língua inserida nesse esquema, é que serão iniciadas as considerações sobre o hebraico moderno, respeitando a organização apresentada para língua portuguesa.

Por fim, os dados serão discutidos de acordo com as posturas apresentadas pela *Teoria de Princípios e Parâmetros* e *Programa Minimalista*. Tal avaliação sob a ótica dessas teorias visa confrontar as considerações identificadas nas mesmas com os dados oferecidos pelo *corpus*, na tentativa de se sustentar a defesa sobre as semelhanças comportamentais entre português do Brasil e



hebraico moderno além de, principalmente, buscar a confirmação da proposta em que o caráter da categoria nula em posição de sujeito seria *variável*, em contextos específicos da língua semítica. Além disso, ainda nessa discussão, os resultados oferecidos pelo *corpus* serão comparados com aqueles apresentados pela literatura citada nos primeiros capítulos, visando um confronto de panoramas propostos pelas pesquisas anteriores e pelo o que será apresentado por este trabalho.



CAP.5 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA REALIZAÇÃO DO SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO HEBRAICO MODERNO.

Neste capítulo, como já foi citado anteriormente, será apresentada a amostragem obtida por esta pesquisa, baseada em um *corpus* de fala espontânea, composto por entrevistas em português do Brasil e hebraico moderno. Tal *corpus*, como também já foi evidenciado no capítulo anterior, possui trechos de fala nas duas línguas, identificados em dois tempos pré-estabelecidos como relevantes por esta pesquisa, a saber, tempo *presente* e tempo *passado*.

Feita essa breve introdução, a apresentação da amostragem se inicia abaixo.

5.1 Média geral das línguas.

Como foi defendido anteriormente, a língua portuguesa, falada no Brasil, e a língua hebraica possuem comportamento *pro-drop*, ou seja, as duas permitem o apagamento do elemento na posição de sujeito da oração, com esse sendo representado por uma categoria vazia *pronominal*, além dos estudos que também garantem a natureza *variável* do sujeito nulo para o PB. Contudo, tanto o português do Brasil, quanto o hebraico moderno, apresentaram, de acordo com os dados, sendo esses oriundos do tempo *presente* e do tempo *passado*, uma forte tendência ao preenchimento de sujeito. Em outras palavras, ao se realizar uma média de ocorrências de contextos favoráveis ao preenchimento ou apagamento de sujeito, pertinentes a esta pesquisa, considerando o somatório de todos os dados relevantes, constatou-se que o número de ocorrências de sujeito preenchido é maior do que o número de ocorrências de sujeito nulo, nas duas línguas estudadas. Isso confirma a primeira hipótese evidenciada no capítulo anterior, que tratava da tendência de preenchimento nas línguas favoráveis à omissão de sujeito.

Os contextos favoráveis ao preenchimento ou apagamento de sujeito analisados nas línguas foram baseados nas restrições citadas no capítulo metodológico para serem definidos. Em outras palavras, um contexto foi considerado favorável, sob a ótica desta pesquisa, se esse não possuísse nenhuma das restrições evidenciadas no capítulo quatro, além de ser constituído, minimamente, por um *sintagma verbal*, possuindo esse sujeito preenchido ou omitido. Assim, foram identificados como contextos favoráveis todas as orações que possuíam verbo conjugado em tempo *presente* ou *passado* e em alguma pessoa pronominal, além de apresentarem a posição de sujeito suscetível ao preenchimento ou ao apagamento do elemento nela situado.

Retornando à média geral de ocorrências, tal panorama pode ser observado por intermédio da tabela abaixo:

<u>Média geral de ocorrências</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de contextos favoráveis</u>
Português do Brasil	647	284	931
Hebraico moderno	385	195	580

De acordo com a tabela acima, observa-se que o número de ocorrências de sujeitos preenchidos é superior ao número de ocorrências de sujeito nulo nas duas línguas, sendo que a superioridade em português do Brasil, nesses termos, alcança mais que o dobro de ocorrências de sujeitos nulos na língua. Nessa tabela, não estão sendo especificados os fatores tempo, pessoa pronominal e tipo de oração em que ocorrem preenchimentos ou omissões de sujeito. Os exemplos abaixo ilustram a primeira amostragem, apresentando dados de sujeitos preenchidos e nulos nas duas línguas, nos dois tempos estudados:

(2)

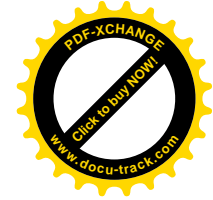
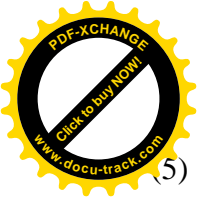
- a. **Eu** sinto isso na Austrália.
- b. **Cv** não sei se existe uma fórmula, assim.

(3)

- a. **Eu** nasci no Rio de Janeiro.
- b. **Cv** fiquei muito feliz porque era um show só no Opera House.

(4)

- a. **Ani** omeret larr.
Eu dizer-pres-f.s para-tu-feminino
'Eu digo para você'.
- b. **Ani**_i roshev. **Cv**_i lo novearr.
Eu pensar-pres-s.m. não gritar-pres-m.s
'Eu penso. Não grito'.



(5)

a. **Ani** hay-ti ba-bayt.

Eu ser,estar-pass-1.p.s em casa

‘Eu estava em casa’.

b. **Cv** lo Ray-ti.

Não ver-pass-1.p.s

‘Cv Não vi’.

Tal superioridade pode ser mais bem identificada com o levantamento percentual das ocorrências:

(6)

<u>Percentual geral de ocorrências</u>	<u>Percentual de sujeitos preenchidos</u>	<u>Percentual de sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de contextos favoráveis</u>
Português do Brasil	69%	31%	100%
Hebraico moderno	66%	34%	100%

Com a tabela acima, torna-se possível observar que em língua hebraica, o índice percentual de apagamento, mesmo sendo inferior ao índice percentual de preenchimento, é mais significativo do que em língua portuguesa, sendo 34% de ocorrências de sujeitos apagados para a língua semítica contra 31% de ocorrências de sujeitos apagados para a língua portuguesa. Já em se tratando dos índices de preenchimento de sujeito, nota-se a situação inversa à primeira. O português do Brasil apresentou índice percentual de preenchimento superior àquele observado na língua semítica, oferecendo cerca de 69% dos dados com sujeitos preenchidos contra 66% dos dados oferecidos pelo hebraico.

Partindo disso, serão apresentadas, a seguir, as considerações sobre os tempos e, por consequência, as pessoas pronominais, além de seus contextos oracionais que compõem tal amostragem geral.

5.2 Tempo presente.

O tempo *presente*, nas duas línguas estudadas, apresentou comportamento semelhante. Em outras palavras, esse tempo, tanto no português do Brasil, quanto no hebraico moderno, mostrou-se

mais favorável ao preenchimento do que ao apagamento de sujeito. Em se tratando especificamente da língua hebraica, a consideração sobre a possibilidade de apagamento em tempo *presente*, por si só, já merece uma discussão mais aprofundada, pelo fato da literatura garantir, de maneira muito restrita, em se tratando dos contextos permissíveis, a omissão de sujeito. Por isso, no item da análise que tratará das sentenças de língua hebraica em tempo *presente*, as devidas considerações serão propostas sobre a observação do sujeito nulo nesse tempo.

Feita ressalva sobre a língua semítica, a apresentação dos dados sobre esse tempo pode ser iniciada pela língua portuguesa.

5.2.1 Tempo presente: Português do Brasil.

O tempo *presente* em língua portuguesa, falada no Brasil, mostrou-se como sendo um contexto onde a tendência ao preenchimento se faz mais visível. Tal panorama pode ser observado por intermédio da tabela abaixo, que traz o número de ocorrências dos sujeitos nesse tempo:

(7)

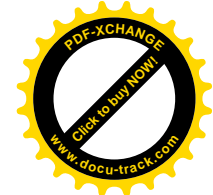
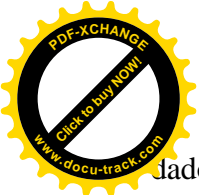
<u>Média de ocorrências</u> <u>(Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Português do Brasil	388	185	573

O que se pode observar é que de acordo com a disposição acima, o número de ocorrências de sujeitos preenchidos é significativamente maior que o número de ocorrências com sujeitos nulos. Tal superioridade de sujeitos preenchidos sobre nulos ultrapassa o dobro de ocorrências do último. Essa superioridade pode ser constatada também por intermédio de uma tabela percentual:

(8)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>(Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Português do Brasil	68%	32%	100%

A tabela demonstra que a superioridade numérica do índice de preenchimento é consideravelmente maior, girando em torno de 68% dos contextos favoráveis, quando esse é comparado ao índice de apagamento de sujeito, que apresentou percentual com cerca 32% dos



dados relevantes nesse tempo.

Ao se considerar o tempo *presente* dividido nas pessoas pronominais, nota-se também uma superioridade dos índices de preenchimento por pessoa em relação aos índices de apagamento, com exceção da terceira pessoa plural. Tal pessoa, no entanto, será estudada mais à frente. Partindo das primeiras pessoas, tanto singular, quanto plural, observa-se a seguinte apresentação dos índices de ocorrência:

(9)

<u>Média de ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	150	52	202
Plural	51	19	70

Nota-se que os números de ocorrências das primeiras pessoas, tanto singular quanto plural, demonstram uma maior tendência ao preenchimento de sujeito, em relação ao apagamento. Na primeira pessoa do singular, a diferença entre os tipos preenchido e nulo alcança quase que o dobro do número de ocorrências do primeiro em relação ao segundo (cento e cinquenta para cinquenta). Esse distanciamento entre os índices já não ocorre ao se considerar a primeira pessoa do plural (cinquenta e um para dezenove). No que diz respeito à primeira pessoa plural ainda, o número de ocorrências abrange sentenças tanto com o pronome *nós* omitido, quanto com o sintagma nominal *a gente* omitido. Os exemplos abaixo ilustram esse comportamento do sujeito nulo de primeira pessoa, nesse tempo:

(10)

a. **Eu** acho duro a vida de imigrante.

b. **Cv** Não sei.

(11)

a. **Nós três** somos artistas solo.

b. **Cv** Vamos lá.

(12)

- a. A **gente** sabe muito.
- b. A gente_i tá inserido e **cv_i** tem que continuar.

Uma tabela com os percentuais torna tal constatação mais clara:

(13)

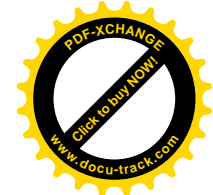
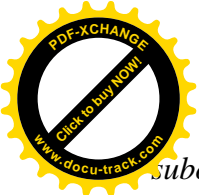
<u>Percentual/ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	74%	26%	100%
Plural	73%	27%	100%

A tendência ao preenchimento se apresenta de maneira semelhante na primeira pessoa, tanto singular, quanto plural. Na primeira pessoa singular, o índice de preenchimento alcança 74% dos dados relevantes da amostragem, enquanto a primeira pessoa plural apresenta um índice de 73% de preenchimento nos contextos de ocorrência. No que diz respeito ao tipo de oração nesse tempo, o seguinte panorama pode ser observado, onde a especificação na tabela (singular) ou (plural) indica em que número se encontra o elemento na posição de sujeito, seja ele explícito ou omitido, e a especificação (Simples) ou (Composto) indica se a sentença é formada por uma única oração ou por mais de uma, sendo ela *subordinada* ou *coordenada*:

(14)

<u>Ocorrências 1ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simples (singular)	149	44	193
Composta (singular)	1	8	9
Simples (plural)	51	17	68
Composta (plural)	0	2	2

De acordo com a tabela acima, além das ocorrências de sujeitos preenchidos em orações simples e a não ocorrência de sujeitos preenchidos plurais em estruturas compostas, observa-se uma única ocorrência de sujeito preenchido singular de oração composta, que no caso seria uma



subordinada. Esse dado encontra-se abaixo evidenciado:

(15)

Eu acho que é um dos músicos que **eu** tenho um sonho, assim, de fazer literalmente, fazer de fato alguma coisa junto.

Já em se tratando das ocorrências das categorias vazias, distribuídas pelos tipos de orações, observa-se o seguinte comportamento. O número de ocorrências de sujeitos nulos em orações simples é muito mais elevado do que aquele encontrado em orações compostas.

Ao se analisar o tipo de oração juntamente com o tipo de categoria vazia que figura na posição de sujeito, outras posturas podem ser descobertas. Primeiramente, em se tratando do contexto sintático que considera as orações *simples*, os sujeitos nulos de primeira pessoa, singular e plural, de acordo com a amostragem, demonstraram caráter *pronominal*, como se observa em (16a) e (16b), para sujeitos nulos de primeira pessoa singular, e (17a) e (17b), para sujeitos nulos de primeira pessoa plural. Em outras palavras, as categorias vazias apresentam configuração pertinente ao *pro*, pelo fato de sempre poderem ser identificadas por intermédio da flexão verbal unicamente:

(16)

- a. **Cv** Acho que a relação da gente se aprofundou e sobreviveu muito bem.

- b. **Cv** Não tenho nenhum problema.

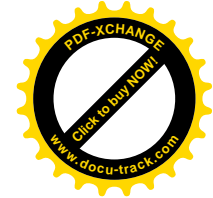
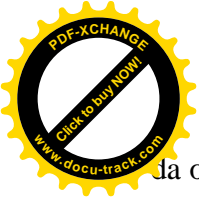
(17)

- a. **Cv** Vivemos a libertinagem.

- b. E quando o indivíduo arrisca a própria vida para matar, matando-se, **cv** chegamos ao extremo da, do desequilíbrio mental.

No *corpus* estudado, não foram encontradas sentenças do tipo *simples* com o sintagma nominal *a gente* omitido. Em outras palavras, todas as dezessete ocorrências de sujeito nulo de orações *simples*, com especificação de plural, possuíam o verbo flexionado na primeira pessoa do plural, em tempo *presente*, sugerindo que o elemento apagado seria o pronome *nós*.

Em estruturas *compostas*, observa-se um quadro com um menor número de ocorrências de sujeitos nulos. Considerando as oito ocorrências de elementos nulos no singular, todas se apresentaram em estruturas *coordenadas*, ou seja, o elemento nulo encontra-se na posição de sujeito



da oração *coordenada*:

(18)

- a. Eu_i dou aulas de canto e **cv**_i tenho também um prazer vivo porque eu tô dentro da música.
- b. Então, eu_i tento, **cv**_i interpreto alguma coisa, mas **cv**_i não sou um cantor.

Neste sentido, nota-se que o sujeito das coordenadas mantém o seu caráter *pronominal*. Igualmente ao que ocorre nas orações *simples*, que possuem *pro* do tipo *referencial*, essas categorias dos exemplos acima podem ser identificadas pela flexão verbal, suficientemente específica, apresentando, desta forma, configuração *pronominal*, ou seja, *pro*, do tipo *referencial*.

Ao se observar as ocorrências de estruturas *compostas* plurais, nota-se o menor índice apresentado para sujeito nulo. Outro ponto importante reside no fato de que todas as duas ocorrências de sujeitos nulos representam o apagamento do sintagma nominal *a gente*, e não do pronome *nós*. Na fala espontânea, a troca do pronome pessoal *nós* pelo sintagma *a gente* é bem recorrente, ocasionando a mudança flexional de *nós fazemos* para *agente faz*, por exemplo. Neste sentido, quando ocorre o apagamento do elemento na posição de sujeito, surge um impedimento de resgate pela flexão, já que o verbo *faz* possui a mesma forma que o verbo conjugado na terceira pessoa singular, como se pode observar nos exemplos abaixo, com a oração *subordinada* (19a) e com a oração *coordenada* (19b), sendo essa última resgatada do exemplo (12b):

(19)

- a. A gente_i vê, quem tá de fora, assim, da Austrália, **cv**_i vê sempre imagens da Opera House como referência, assim.
- b. A gente_i tá inserido e **cv**_i tem que continuar.

Não há possibilidade de se identificar a pessoa dessa categoria vazia somente via flexão, já que o verbo *vê* pode estar relacionado ao sintagma *a gente*, como também ao pronome pessoal de terceira singular *ele/ela*, ou até mesmo ao pronome de tratamento *você*. Porém, tal categoria pode ser identificada por intermédio de um antecedente. Ao apelar para essa estratégia para obter interpretação na língua, a primeira pessoa plural *a gente*, ao ser omitida, é representada por um *pro*, do tipo *co-referencial*. Em outras palavras, esse sujeito nulo é resgatado com o auxílio de um antecedente.

Ao se considerar a segunda pessoa, singular e plural, certas discussões podem ser

promovidas. Inicialmente, partindo do número total de ocorrências em tais pessoas, que abrange, como representantes de segunda pessoa singular, não somente o pronome pessoal *tu*, como também o vocábulo *você*, observar-se o seguinte comportamento:

(20)

<u>Média de ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	23	0	23
Plural	1	0	1

Nota-se, a princípio, que não foi identificado nenhum caso de apagamento de sujeito quando esse fazia referência à segunda pessoa, tanto no singular quanto no plural. Tal panorama pode indicar, inicialmente, mais uma vez, a tendência ao preenchimento em relação ao apagamento do elemento na posição de sujeito da oração:

(21)

- a. **Você** ouve muita referência da música brasileira também na música que é feita fora daqui.
- b. **Você** vê o Brasil de fora, né?

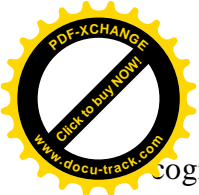
(22)

Vocês têm que ter um orgulho fenomenal porque ele é fenomenal.

No entanto, a não ocorrência de apagamento de sujeitos nesse contexto pessoal, na amostragem analisada por esta pesquisa, de forma alguma deve ser interpretada como um impedimento de apagamento de sujeitos de segunda pessoa na língua portuguesa do Brasil.

Em capítulos anteriores, foram elucidados trabalhos que tratam desse tipo de ocorrência, como os relatos de Duarte (1993, 1995) e o de Novaes (1996), atestando a possibilidade de apagamento de sujeito de segunda pessoa.

Porém, como foi dito no início da análise da pessoa em questão, essa tabela pode indicar uma forte tendência ao preenchimento. A indicação dessa forte tendência, no entanto, não necessariamente implicaria na defesa aqui da completa extinção do fenômeno de apagamento de segunda pessoa em português do Brasil. Mas, tais números podem estar sinalizando para uma redução drástica das ocorrências nesse contexto pessoal. Tal fato seria plenamente possível em ser



cogitado, por meio do enfraquecimento do paradigma flexional da língua portuguesa, que iguala a segunda pessoa singular e a segunda pessoa plural com as demais pessoas, com exceção da primeira pessoa singular, como foi evidenciado por Costa & Figueiredo Silva (2006), no capítulo dois. A tabela percentual dos números de ocorrência nesse contexto auxilia na ilustração de tal argumentação:

(23)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	100%	0%	100%
Plural	100%	0%	100%

No que diz respeito ao tipo de oração, onde figura o sujeito de segunda pessoa, o seguinte panorama pode ser observado:

(24)

<u>Ocorrências 2ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	23	0	23
Composta (singular)	0	0	0
Simple (plural)	1	0	1
Composta (plural)	0	0	0

Ao se analisar os índices apresentados, nota-se que todos os casos de preenchimento de sujeito se deram em contextos de orações *simples*. Além disso, todas as vinte e três ocorrências de sujeitos preenchidos em orações *simples*, do tipo singular, possuíam o vocábulo *você* como elemento na posição de sujeito. Nenhuma das sentenças pesquisadas possuía o pronome pessoal *tu* como sujeito da oração.

Tal comportamento promove a redução no paradigma flexional, ocasionando a interpretação da categoria vazia relacionada a essa pessoa como *variável*. Isso se dá pelo fato da impossibilidade de sua identificação ser feita via morfologia de concordância, tendo em vista os sujeitos preenchidos nas orações abaixo, respectivos à segunda pessoa singular, concordantes com verbos que compartilham da mesma morfologia que os verbos conjugados em terceira singular:

(25)

- a. **Você** (Ele/ Ela) verifica, assim, coisas, assim, assustadoras, né?
- b. **Você** (Ele/Ela) acredita.

O único caso de preenchimento de sujeito em orações *simples*, do tipo plural, ocasiona a mesma impossibilidade de identificação da categoria vazia, caso ela ocorra, via flexão verbal. Isso se deve ao fato da forma verbal servir não somente ao sujeito *vocês* como também a um sujeito representado por *você*, *ele*, *ela*, *eles* e *elas*. Tal consideração pode ser visualizada abaixo, com o auxílio do exemplo (26), sendo esse um resgate do exemplo (22):

(26)

Vocês (Você/ Ele/ Ela/ Eles/ Elas) tem que ter um orgulho fenomenal porque ele é fenomenal.

Assim, a categoria vazia de segunda pessoa plural, quando representada pelo vocábulo *vocês*, possui o mesmo caráter da categoria vazia de segunda pessoa singular. Em outras palavras, ao se omitir o elemento sujeito de segunda pessoa plural, representado por *vocês*, a categoria vazia que representa esse constituinte apagado deve ser interpretada como uma *variável*, ligada a um tópico do discurso, quando tal ocorrência é promovida em uma oração *simples*.

A terceira pessoa apresenta, em tempo *presente*, um padrão invertido de índices de ocorrência de sujeitos preenchidos e nulos, de acordo com certos contextos pessoais e oracionais. Tal consideração será mais bem detalhada abaixo, ao se analisar os tipos de oração em que as categorias vazias representantes dessa pessoa ocorrem²⁵. A amostragem inicial, com os índices que serão discutidos neste item, encontra-se evidenciada na tabela abaixo:

(27)

<u>Média de ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	153	103	256
Plural	10	11	21

Ao se considerar os dados inseridos na tabela, nota-se que somente a terceira pessoa singular possui comportamento semelhante às outras pessoas, detendo um número de ocorrências de sujeitos

²⁵ Orações *simples* ou *compostas*, sendo as últimas divididas em *subordinadas* e *coordenadas*.



preenchidos maior do que o número de ocorrências de sujeitos nulos, sendo cento e cinquenta e três de contextos preenchidos contra cento e três de nulos. A terceira pessoa plural, por sua vez, apresenta uma inversão nesse panorama, revelando uma leve superioridade numérica de contextos detentores de sujeitos nulos, sendo esses onze no total, contra dez contextos detentores de sujeitos preenchidos:

(28)

a. **Ela** tem muito prestígio.

b. ... e que tem esse olhar do Brasil, não só com o filme “Brasileirinho”, mas “Moro no Brasil”, que é um outro filme_i dele. **Cv** Fala muito sobre cultura afro, a cultura, a nossa cultura tão importante, né?

(29)

a. **Eles** reproduzem muito bem, ao vivo, os arranjos.

b. Isso, para mim, são valores_i que **cv_i** me orientam muito, dentro da minha vida, assim.

Tal panorama pode ser mais bem visto com o auxílio da tabela de percentual a seguir:

(30)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	60%	40%	100%
Plural	48%	52%	100%

Percebe-se que enquanto a superioridade do percentual de preenchimento de terceira pessoa singular é evidente, girando em torno de 60%, com 40% para o índice de apagamento, essa superioridade não pode ser considerada no âmbito da terceira plural, onde se nota um índice de 52% de ocorrências favoráveis ao apagamento, contra 48% de ocorrências favoráveis ao preenchimento.

No que diz respeito ao tipo de oração, onde figura o sujeito de terceira pessoa, o seguinte panorama pode ser observado:

(31)

<u>Ocorrências 3ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	153	11	164
Composta (singular)	0	92	92
Simple (plural)	10	0	10
Composta (plural)	0	11	11

Nota-se, através da tabela, que o maior índice de preenchimento (cento e cinquenta e três ocorrências) encontra-se em orações *simples*, com o sujeito na terceira pessoa singular. Já no que diz respeito às onze ocorrências de sujeito nulo nesse contexto, parte dessas sentenças pode ser visualizada logo abaixo:

(32)

Um deles é o Rubi_i, que é um músico que se classificou no Prêmio Visa. Ganhou júri popular. Cv_i
Tem uma voz maravilhosa.

(33)

O trabalho_i é uma mistura disso, porque tem uma herança de, do rock. Isso aparece no disco. Mas cv_i também tem um lado da influência, porque é um disco brasileiro.

Ao se visualizar esses exemplos, onde figuram categorias vazias de terceira pessoa, percebe-se que há a necessidade de identificação dessa por intermédio de um antecedente, já que a morfologia flexional não é específica o suficiente para tanto. Neste sentido, de acordo com o *corpus* apresentado, as terceiras pessoas necessitam de um elemento introduzido no discurso prévio, para que elas possam ser identificadas. Por isso, os sujeitos nulos das terceiras pessoas também possuiriam, como as segundas pessoas, configuração de *variável*, e *não-pronominal*, em tempo *presente*, pelo menos nesses contextos de *orações simples*.

Não foram identificadas ocorrências com elemento nulo, em orações *simples*, com sujeito plural. Contudo, uma sentença, das dez identificadas com essa configuração, possui um sujeito expresso que não o pronome pessoal *eles/as*. Uma das sentenças detinha o sintagma nominal *o pessoal* como sujeito explícito, como se pode observar abaixo:

O pessoal tem essa vontade.

Neste sentido, o sintagma *o pessoal* promove a mesma necessidade de se deter um antecedente no discurso para que ele seja identificado, caso seja omitido. Isso se deve à simplificação implementada à morfologia de concordância do verbo pela sua utilização como sujeito das orações, ao invés do pronome pessoal de terceira *eles/as*. Neste caso, igualmente aos demais de terceira plural, observa-se que o sujeito, ao ser omitido, deve ser representado por uma categoria vazia de caráter *não-pronominal*, ou seja, *variável*, ligada a um tópico no discurso.

Ao se observar contextos de orações *compostas*, do tipo singular e plural, e os sujeitos nulos, nota-se que a categoria vazia busca sua referência em um antecedente, mas, agora situado na oração principal.

Desta forma, torna-se claro que a configuração das categorias de terceira pessoa, nesse contexto sentencial específico, é *pronominal*, do tipo *co-referencial*. Tais realizações podem ser conferidas a partir dos exemplos retirados do *corpus* e apresentados abaixo, onde o exemplo (35) possui um sujeito nulo de terceira pessoa singular e os exemplos (36a) e (36b) possuem sujeitos nulos de terceira pessoa plural, ligados a um antecedente intra-sentencial:

(35)

a. Um povo tão querido_i que **cv**_i tem muito pouca relevância.

(36)

a. ... o espiritismo é uma ciência que estuda a origem, a natureza, destinos dos espíritos e as relações_i que **cv**_i existem entre o mundo corporal e o mundo espiritual.

b. ... e sobre tudo, a crença na pluralidade dos mundos_i que **cv**_i gravitam no cosmus, ...

Em nenhum dos exemplos avaliados por esta pesquisa foram identificadas ocorrências onde a categoria vazia, de terceira pessoa, em orações *compostas*, nesse tempo específico, encontrava-se relacionada a um elemento situado fora da sentença. Neste sentido, tal categoria, devido ao empobrecimento paradigmático da morfologia de concordância, também não poderia ser resgatada por intermédio da flexão. Por conta disso, ao apelar para a identificação fora da sentença e não para o antecedente intra-sentencial ou a morfologia de concordância, o elemento nulo possuiria caráter de *variável*, e *não-pronominal*, como o exemplo proposto abaixo pode elucidar:

(37)

Ele_i quer que $cv^{*i/j}$ (Ela, você, a gente, o pessoal, Maria) faça isso.

Outra consideração relacionada à terceira pessoa consiste na ausência de sujeitos preenchidos, no singular ou plural, em orações do tipo *compostas*. Tal panorama pode estar relacionado com a possibilidade de ambigüidade interpretativa e, a conseqüente agramaticalidade, gerada por uma sentença que possui a posição de sujeito de uma oração subordinada, por exemplo, preenchida:

(38)

- a. * Ele_i pediu para que ele_i fizesse isso.
- b. * Eles_i pediram que eles_i parassem com isso.

5.2.2 Tempo presente: Hebraico moderno.

O tempo *presente* em língua hebraica, como foi visto em alguns estudos relatados no capítulo três, a princípio, não permite o apagamento de sujeito. Já segundo estudo recente de Shlonsky (2007), os sujeitos de terceira pessoa, em orações simples, com verbos *impessoais*, em tempo *presente*, poderiam ser omitidos, sem causar agramaticalidade.

Ao se analisar o *corpus* desta pesquisa, foi identificada, inicialmente, a possibilidade de apagamento de sujeito, no tempo em questão. No entanto, foram identificados contextos pessoais e sintáticos diferentes, nos quais o sujeito nulo foi licenciado, do que foi previsto pela literatura citada no capítulo três, incluindo o próprio apontamento de Shlonsky.

Ao se comparar os índices gerais de preenchimento com os de apagamento, porém, nota-se que há uma postura favorável bem marcada ao primeiro tipo de comportamento. No entanto, mesmo sendo uma realização pouco recorrente nesse tempo, a possibilidade de apagamento de sujeito torna-se uma relevante constatação, que será apresentada de acordo com o desenvolvimento das discussões sobre as ocorrências de omissão de sujeito de acordo com as pessoas pronominais e tipos de oração. Tal panorama pode ser observado por intermédio da tabela abaixo, que traz o número de ocorrências dos sujeitos nesse tempo:

<u>Média de ocorrências</u> <u>(Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Hebraico moderno	278	49	327

Nota-se que de acordo com tal disposição, o número de ocorrências de sujeitos preenchidos é significativamente maior do que o número de ocorrências que apresentam sujeitos nulos. Neste sentido, a diferença numérica na língua semítica é maior do que aquela encontrada em português do Brasil. Tal superioridade ultrapassa o quadruplo de ocorrências de sujeitos preenchidos para os sujeitos nulos. Essa superioridade pode ser constatada também por intermédio de uma tabela percentual:

(40)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>(Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Hebraico moderno	85%	15%	100%

A tabela demonstra que a superioridade numérica do índice de preenchimento é bem maior, girando em torno de 85% dos contextos favoráveis, quando esse é comparado ao índice de apagamento de sujeito, que apresentou percentual com cerca de 15% dos dados relevantes nesse tempo.

Ao se considerar o tempo *presente* e as pessoas pronominais, nota-se também uma superioridade dos índices de preenchimento por pessoa em relação aos índices de apagamento. Tal superioridade apresenta-se em todas as pessoas, tanto no feminino quanto no masculino. Partindo das primeiras pessoas, tanto singular, quanto plural, observa-se a seguinte disposição de números de ocorrência:

<u>Média de ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	33	1	34
Feminino/Singular	47	1	48
Masculino/Plural	27	0	27
Feminino/Plural	0	0	0

A tendência ao preenchimento é evidente em todas as quatro formas pronominais. Abaixo seguem alguns exemplos que refletem tal panorama:

(42)

Ani roah.

eu ver-pres-f.s

‘Eu vejo’.

(43)

Ani iodea.

Eu saber-pres.-m.s

‘Eu sei’.

(44)

Ani makir.

Eu conhecer, reconhecer, observar-pres-m.s

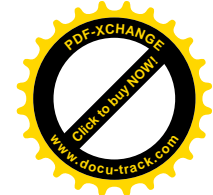
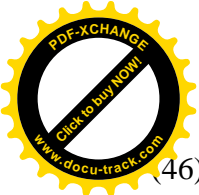
‘Eu reconheço’.

(45)

Anarrnu lo rotsim et kol

Nós não querer-pres-m.p partícula tudo, todo(s), toda(s)

‘Nós não queremos tudo’.



(46)

Anarrnu ossim et kol.

Nós fazer-pres-m.p partícula tudo, todo(s), toda(s)

‘Nós fazemos tudo’.

(47)

Anarrnu makirim otam.

Nós conhecer-pres-m.p eles

‘Nós os conhecemos’.

Observando essas proporções em uma tabela percentual, o panorama de apagamento em primeira pessoa, nesse tempo, torna-se mais claro:

(48)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	97%	3%	100%
Feminino/Singular	98%	2%	100%
Masculino/Plural	100%	0%	100%
Feminino/Plural	0%	0%	0%

De acordo com a tabela, os percentuais de sujeitos preenchidos de todas as pessoas, com exceção da primeira pessoa feminina plural, ultrapassaram os 90% de ocorrências, do total de ocorrências relacionadas a cada pessoa. Outro fato interessante reside nas pessoas, masculina e feminina, plurais. Essas duas pessoas não apresentaram ocorrências de apagamento de sujeito na amostragem, enquanto que a primeira pessoa masculina plural apresentou, em 100% dos casos de ocorrência de contextos favoráveis, a opção pelo preenchimento. Tal fato pode colaborar com a proposta que defende a idéia de não apagamento do elemento na posição de sujeito nesse tempo, já constatada em Vainikka & Levy (1995), Horesh (2003) e, para primeira pessoa, em Shlonsky (2007), por exemplo.

Além disso, tal fato poderia indicar uma tendência ao preenchimento mais acentuada para as primeiras pessoas plurais, quando comparadas às primeiras pessoas singulares. Mesmo assim, a principal observação que deve ser feita aqui se baseia na possibilidade de apagamento de sujeito em tempo *presente*, fato esse considerado como agramatical na língua pelos estudos realizados

anteriormente e discutidos aqui, mais precisamente no terceiro capítulo.

Tal agramaticalidade residia na impossibilidade de interpretação da categoria vazia, no que dizia respeito aos seus traços pessoais, já que o verbo conjugado no tempo *presente* em hebraico, como já é sabido, não possui flexão que designa pessoa.

Ao se analisar os contextos sintáticos em que ocorrem os sujeitos preenchidos e nulos, tem-se um novo panorama, apresentado logo abaixo:

(49)

<u>Ocorrências 1ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	80	2	82
Composta (singular)	0	0	0
Simple (plural)	27	0	27
Composta (plural)	0	0	0

De acordo com a tabela, somente as estruturas de orações do tipo *simple* apresentaram a posição de sujeito preenchida. Além disso, as duas únicas ocorrências de apagamento foram identificadas em sentenças com a configuração *simple*, com sujeito singular. Com isso, segundo a amostragem, em certos contextos específicos na língua, a realização do apagamento torna-se possível, como se pode observar com o auxílio do exemplo abaixo, onde a sentença (50a) apresenta um sujeito nulo de primeira pessoa feminina singular, em contexto de oração *simple*, e a sentença (50b), que já havia sido introduzida em (4b), apresenta um sujeito nulo de primeira pessoa masculina singular, também em contexto de oração *simple*:

(50)

a. Ani_i be-rravanah. Cv_i Lo pogueshet et ha-anashim.

Eu em/com lenço de cabeça. não encontrar-pres-f.s partícula os/as homens/pessoas

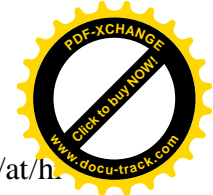
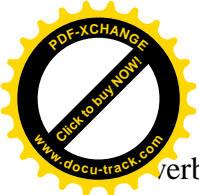
‘Eu estou com lenço na cabeça. Cv não encontro as pessoas’.

b. Ani_i roshev. Cv_i lo novearr.

Eu pensar-pres-m.s. não gritar-pres-m.s

‘Eu penso. Cv Não grito’.

Nos exemplos acima, a categoria vazia não pode ser interpretada por intermédio da flexão



verbal, já que essa é a mesma para as três primeiras pessoas femininas do singular (Ani/at/hogueshet – Eu/tu/ela encontro/as/a). Caso semelhante ocorre para as três primeiras pessoas masculinas do singular (Ani/ata/hu novearr – Eu/tu/ele grito/as/a). Em outras palavras, tal categoria vazia não possui caráter *pronominal* e, por conta disso, não pode ser interpretada via flexão.

Ao se observar o pronome pessoal antecedente *ani (eu)*, constata-se que tal categoria vazia possui um referente a quem recorrer para realizar a sua identificação na língua, já que a mesma obtém a sua interpretação nesse elemento inserido no discurso. Tal constatação, que vale igualmente para a primeira pessoa singular masculina, revela que essa categoria vazia, representante do sujeito nulo de primeira pessoa singular, em tempo *presente*, possui caráter de *variável*.

Já as sentenças *simples*, do tipo plural, não apresentaram nenhum sujeito nulo em suas estruturas, seguindo a tendência predominante no tempo *presente*. Em outras palavras, tais estruturas evidenciaram somente sujeitos preenchidos.

De acordo com a tabela de tipos oracionais, pôde-se observar também que nenhuma sentença do tipo *composta*, tanto com sujeitos preenchidos, quanto com sujeitos nulos, singular ou plural, foi identificada no *corpus*.

Em se tratando da segunda pessoa, com exceção do plural, a tendência ao preenchimento se mantém. Essa postura pode ser conferida na tabela oferecida abaixo, detentora do número de ocorrências nessa pessoa:

(51)

<u>Média de ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	10	1	11
Feminino/Singular	6	0	6
Masculino/Plural	0	0	0
Feminino/Plural	0	0	0

Inicialmente, pode-se observar que o número de ocorrências de sujeitos preenchidos é maior do que o número de ocorrências de sujeitos nulos. Além disso, não foram encontradas sentenças detentoras de sujeitos, preenchidos ou nulos, no plural. Alguns exemplos apresentam esse panorama de preenchimento:

(52)

a. **Ata** lo iodea ma zeh.

Você (tu masculino) não saber-pres-m.s o que isto,isso

‘Você não sabe o que é isso’.

b. **Ata** lo roeh et ha-tselem.

Você (tu masculino) não ver-pres-m.s partícula a-imagem, ídolo, cruz

‘Você não vê a imagem.’

c. **At** mekabelet et ha-mussag.

Você (tu feminino) receber-pres-f.s partícula a-conceito, idéia, função

‘Você compreende a idéia’.

d. **At** mekabelet et ha-impression.

Você (tu feminino) receber-pres-f.s partícula a-impressão

‘Você compreende a impressão’.

Em se tratando das pessoas que permitiram o apagamento de sujeito, a amostragem revelada em dados percentuais pode auxiliar nas observações:

(53)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	91%	9%	100%
Feminino/Singular	100%	0%	100%
Masculino/Plural	0%	0%	0%
Feminino/Plural	0%	0%	0%

Com o auxílio da tabela percentual, nota-se que o índice de preenchimento de sujeitos na primeira pessoa feminina singular é o mais elevado, alcançando 100% dos contextos relevantes, contra 91% de índice de preenchimento para essa mesma pessoa masculina. Essa mesma segunda pessoa singular masculina apresentou 9% de ocorrências de apagamento de sujeito. A primeira pessoa singular feminina vem logo em seguida, com um índice de preenchimento de 86%, contra 14% de apagamento de sujeitos com essa especificação pessoal.

Ao se analisar a tabela dos tipos oracionais, percebe-se com maior clareza o comportamento das categorias vazias de segunda pessoa, em tempo *presente*:

(54)

<u>Ocorrências 2ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	16	0	16
Composta (singular)	0	1	1
Simple (plural)	0	0	0
Composta (plural)	0	0	0

A tabela evidencia inicialmente que apenas as estruturas *simples*, do tipo singular, apresentaram elemento explícito na posição de sujeito. No entanto, nenhum sujeito apagado foi identificado nessa configuração sentencial.

Observa-se agora o único caso de apagamento, com a segunda pessoa masculina singular na sentença *composta*, do tipo *subordinada*:

(55)

Kol, kol davar she **cv** koreh la-nu ba-rraim, iesh la-nu.

Tudo, tudo coisa que chamar-m.s para-nós na-vida, ter para-nós

‘Qualquer coisa que (você masculino) invocar para nós, nós temos.

A categoria vazia que figura na sentença acima, diferentemente das terceiras de compostas que serão apresentadas a seguir, possui referente fora da sentença. Em outras palavras, o verbo *koreh* (*chamo/as/a*) faz referência a um elemento nulo, de segunda pessoa singular, inserido anteriormente no discurso, e não ao objeto da oração principal *kol davar* (*qualquer coisa*), de terceira pessoa singular. A categoria vazia de segunda pessoa não possui um antecedente visível na sentença e a sua interpretação não pode ser efetuada por intermédio da flexão verbal. A única maneira de interpretá-la é utilizando-se de uma estratégia discursiva, em que o antecedente, já inserido no discurso e conhecido pelos falantes, pode ser resgatado. Tal fato faz com que o sujeito nulo da oração (55) possua também caráter de *variável*. Ainda com relação à sentença acima, a entrevistada se referia a uma fala dela dirigida a um indivíduo do sexo masculino.

Por fim, ao se considerar as terceiras pessoas em língua hebraica, observa-se a mesma postura encontrada em outras pessoas, ou seja, uma maior tendência ao preenchimento do sujeito,

em detrimento ao seu apagamento. Esse quadro pode ser visualizado com o auxílio da tabela que apresenta as médias numéricas de ocorrências de sujeitos preenchidos e nulos nessa pessoa:

(56)

<u>Média de ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Presente)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	85	20	105
Feminino/Singular	31	10	41
Masculino/Plural	34	15	49
Feminino/Plural	5	1	6

Ao se observar os valores de ocorrência, algumas considerações podem ser feitas. Primeiramente, como já havia sido dito, há uma maior tendência ao preenchimento de sujeito em detrimento ao seu apagamento em todas as pessoas, comportamento esse diferente do encontrado em português do Brasil, onde a terceira plural apresentou um leve favorecimento ao apagamento.

Uma outra consideração que pode ser feita diz respeito às terceiras pessoas plurais, no âmbito restrito do *corpus* de língua hebraica. Somente nessas pessoas plurais, em tempo *presente*, foram encontradas sentenças que apresentaram não somente o preenchimento como também o apagamento da posição de sujeito. Nas segundas pessoas plurais, como ressaltado anteriormente, não foram encontrados dados para ilustrá-las. Nas primeiras pessoas plurais, somente sentenças detentoras da especificação masculina plural foram identificadas no *corpus*. Abaixo, seguem alguns exemplos dessa amostragem:

(57)

Af errad lo iodea be-diuk.

Ninguém saber-pres-m.s ao certo

‘Ninguém sabe ao certo’.

(58)

Hi omeret kmo she katav-ti sham.

Ela dizer-pres-f.s que escrever-pass-1.p.s lá

‘Ela diz como que eu escrevi lá’.

(59)

Hem marrnissim oto.

Eles introduzir-pres-m.pl ele

‘Eles o introduziram.

Tal amostragem, por sua vez, pode ser mais bem compreendida com o auxílio de uma tabela percentual, composta pelos fatores pessoais considerados nesse momento:

(60)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Presente)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	81%	19%	100%
Feminino/Singular	75%	25%	100%
Masculino/Plural	69%	31%	100%
Feminino/Plural	84%	16%	100%

De acordo com a tabela, o levantamento percentual revela que as terceiras pessoas apresentam taxas percentuais elevadas para o preenchimento de sujeito. A terceira pessoa plural feminina possui o maior índice de preenchimento entre todas as outras variações de terceira pessoa, apresentando 84% desse percentual, seguida pela terceira pessoa masculina singular, com 81% percentual, terceira feminina singular, com 75%, e pela masculina plural, com 69%.

Tal fato corrobora com as considerações de alguns autores sobre o impedimento das terceiras pessoas de serem apagadas, em tempo algum, como defendem Vainikka & Levy (1995). Por outro lado, os índices de apagamento revelados estão também congruentes com a postura defendida por Shlonsky (2007), já que esses foram os maiores, em tempo *presente*, ao serem comparados com os índices de apagamento das outras pessoas.

Outro fato interessante consiste na não identificação de sujeitos *não-referenciais* na língua semítica, nesse tempo, sendo essa a única possibilidade interpretativa para uma categoria vazia, no *presente*, de acordo com Shlonsky (2007).

No que tange ao tipo oracional e, por conseqüência, ao tipo de categoria vazia que figura em cada oração, a tabela oracional revela o seguinte panorama:

<u>Ocorrências 3ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	115	1	116
Composta (singular)	1	29	30
Simple (plural)	39	1	40
Composta (plural)	0	15	15

De acordo com a tabela acima, nota-se que o contexto oracional com a especificação *simple* foi o mais favorável ao preenchimento de sujeito. Esse tipo de sentença, com especificação de singular, por exemplo, foi o mais favorável ao preenchimento da posição de sujeito, com cento e quinze ocorrências. No entanto, esse mesmo contexto pessoal e oracional apresentou uma ocorrência de sujeito nulo, como o exemplo abaixo evidencia:

(62)

a. Hu_i makpid. cv_i lo mekabel otam.

Ele irritar-pres-m.s, não receber-pres-m.s eles

‘Ele se irrita. Cv Não os recebe’.

As sentenças *simple*, do tipo plural, foram as segundas mais favoráveis, apresentando trinta e nove ocorrências de sujeito preenchido. Esse tipo de sentença também apresentou somente uma ocorrência de sujeito nulo, como se pode observar com o auxílio do exemplo abaixo:

(63)

Hem_i ssorrarrim et ha-neshamah. cv_i lo roim.

Eles conversar-pres-m.s partícula alma não ver-pres-m.pl

‘Eles conversam com a alma. (Eles) não a vêem’.

Nas duas sentenças acima, a categoria vazia busca sua identificação no antecedente, devido à impossibilidade de sua interpretação ser viabilizada por intermédio da flexão verbal, não especificada para pessoa. Por isso, tais categorias vazias não podem ser consideradas, tanto no singular, quanto no plural, como possuidoras do caráter *pronominal*, sendo interpretadas como *pro*. Essas seriam *variáveis*, ligadas a um tópico discursivo, sendo esse, na sentença (62), o pronome pessoal *hu* (ele) e na sentença (63) seria o pronome pessoal *hem* (eles).



Já em se tratando das sentenças do tipo *compostas*, com especificação plural, nenhuma apresentou sujeitos preenchidos na amostragem avaliada. Contudo, a única ocorrência de sujeito preenchido desse tipo sintático ocorreu em sua forma singular. No entanto, apesar de possuir a mesma referência pessoal, o verbo da oração *principal* encontrava-se conjugado em tempo *passado*, enquanto que o verbo do sujeito da oração *subordinada* encontrava-se no *presente*:

(64)

Aba_i amar she **hu**_i lo rotem.

Pai dizer-pass-3.p.m.s conjunção ele não julgar-pres-m.s

‘Papai disse que ele não está julgando’.

Porém, ao se observar as sentenças desse tipo oracional, mas com categorias vazias na posição de sujeito de terceira pessoa, nota-se vinte e nove ocorrências para as do tipo singular e quinze ocorrências para as do tipo plural. Os exemplos abaixo ilustram tal postura, onde o sujeito nulo figura em *orações coordenadas*:

(65)

a. Noar_i guea leasskim ve **cv**_i over aleihem.

Noé elevar-pass-3.m.s concordar, aceitar, consentir e passar-pres.m.s (obre-eles)

‘Noé procurou aceitar e está passando sobre eles’.

b. Hen_i ba-artsot rramot ve **cv**_i rramot ioter.

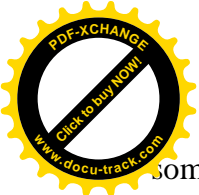
Elas nas-terras quentes e aquecer-pres-f.pl muito

‘Elas estão nas terras quentes e **cv** estão muito aquecidas’.

Em (65a) e em (65b), a categoria vazia da oração sindética aditiva se encontra ligada ao sujeito da oração assindética *Noar* (Noé) e *Hen* (*elas*). Devido a isso, as categorias vazias dos exemplos acima mantêm seu caráter *pronominal*. No entanto, a determinação *pro* que as identifica, como visto em casos semelhantes anteriormente citados, é do tipo *co-referencial*.

O comportamento desse tempo também corroborou para a confirmação da segunda hipótese evidenciada no capítulo anterior. Segundo ela, tanto categorias vazias de caráter *pronominal* quanto categorias vazias de caráter de *variável* poderiam ocorrer na língua semítica, da mesma forma como ocorre em português do Brasil, segundo Novaes (1996).

Em tempo *presente*, tal hipótese encontra amparo devido ao comportamento das categorias identificadas nas ocorrências acima. Tais ocorrências, além disso, confirmaram que essas categorias



somente possuem caráter *pronominal* quando se encontram ligadas a um antecedente, na mesma sentença, pois a morfologia flexional desse tempo impedia a retomada da mesma completamente, como ocorre em português do Brasil para a segunda e a terceira pessoa, também em tempo *presente*. Nesses casos, o sujeito nulo possui caráter *pronominal*, sendo identificado como um *pro*, do tipo *co-referencial*. Do contrário, em orações *simples*, tais categorias vazias possuiriam caráter de *variável*, onde as mesmas deveriam buscar o elemento que as auxiliasse em sua retomada com a ajuda de estratégias discursivas, sendo tal elemento identificado como um tópico discursivo.

5.3 Tempo passado.

O tempo *passado* apresentou posturas um pouco diferenciadas daquelas encontradas em tempo *presente*. Inicialmente, esse tempo, em português do Brasil, considerando números gerais, mostrou-se ainda mais favorável ao preenchimento do que ao apagamento de sujeito. Porém, já esse tempo na língua semítica mostrou-se mais favorável ao apagamento, em uma média geral. Em outras palavras, o mesmo tempo demonstrou comportamentos distintos, em se tratando do fenômeno de apagamento de sujeito, sendo mais propício ao preenchimento em língua portuguesa e menos propício em língua hebraica.

Tal fato, porém, será estudado de forma mais apurada nos próximos itens. Para tanto, seguindo a mesma disposição organizacional do tempo *presente*, as considerações envolvendo o tempo *passado* serão iniciadas tomando por base a língua portuguesa.

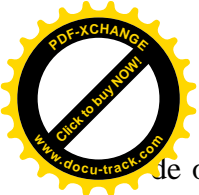
5.3.1 Tempo passado: Português do Brasil.

O tempo *passado*, em português do Brasil, mostrou-se como um contexto onde a tendência ao preenchimento se faz bem visível, mais até do que apresentou o tempo *presente*. Tal panorama pode ser observado por intermédio da tabela abaixo, que traz o número de ocorrências dos sujeitos no tempo em questão:

(66)

<u>Média de ocorrências</u> <u>(Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Português do Brasil	259	99	358

No contexto acima, o que se pode observar é que de acordo com essa disposição, o número



de ocorrências de sujeitos preenchidos é significativamente maior que o número de ocorrências que apresentam sujeitos nulos, fator esse que ocorreu também em tempo *presente*. Tal superioridade ultrapassa o dobro de ocorrências de sujeitos nulos. Tal panorama pode ser constatado também por intermédio de uma tabela percentual:

(67)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>(Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Português do Brasil	72%	28%	100%

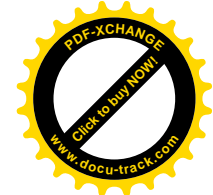
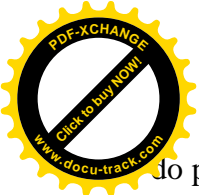
A tabela demonstra que a superioridade numérica do índice de preenchimento é consideravelmente maior, girando em torno de 72% dos contextos favoráveis. Tal panorama pode ser visualizado quando esse índice é comparado ao índice de apagamento de sujeito, que apresentou percentual com cerca de 28% dos dados relevantes nesse tempo. Essa postura é semelhante àquela encontrada no mesmo contexto, mas em tempo *presente*.

Ao se considerar o comportamento do tempo *passado*, o dividindo nas pessoas pronominais, nota-se também uma superioridade dos índices de preenchimento por pessoa em relação aos índices de apagamento, com exceção da segunda pessoa singular e terceira pessoa plural. Essas pessoas, no entanto, serão estudadas mais à frente, em seus devidos momentos. Partindo das primeiras pessoas, tanto singular, quanto plural, sendo esse último formado pelo *nós* e *a gente*, observa-se a seguinte disposição de números de ocorrência:

(68)

<u>Média de ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	136	36	172
Plural	21	6	27

Nesse contexto, nota-se que os números de ocorrências das duas primeiras pessoas demonstram uma maior tendência ao preenchimento de sujeito em detrimento ao apagamento, considerando o tempo *passado*. Na primeira pessoa do singular, a diferença entre os fatores preenchido/nulo alcança mais que o dobro do número de ocorrências de sujeitos nulos (cento e trinta e seis para trinta e seis). Essa diferença se mantém elevada ao se considerar a primeira pessoa



do plural (vinte e um para seis). Exemplos retirados do *corpus* ilustram tal realização:

(69)

a. **Eu** não fiz, assim, nenhum tipo de projeto especial para o público fora.

b. **Cv** Fiquei assim, muito feliz.

(70)

a. **Nós** vimos, por exemplo, que Bin Laden, durante muito tempo, segundo as narrações históricas, teria soldo dos Estados Unidos no Afeganistão.

b. **Cv** Éramos parceiros há dez, doze anos.

(71)

a. **A gente** não fez turnê.

b. A gente_i ouvia muita música clássica. **Cv_i** Ouvia muito MPB.

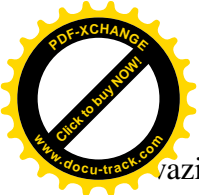
Com o auxílio de uma tabela com os percentuais, essa amostragem pode ser mais claramente visualizada:

(72)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	79%	21%	100%
Plural	77%	23%	100%

A tendência ao preenchimento se apresenta de maneira semelhante na primeira pessoa, tanto singular, quanto plural, com uma ligeira vantagem da primeira em relação à segunda, no confronto dos índices de preenchimento. Na primeira pessoa singular, o índice de preenchimento alcança 79% dos dados relevantes da amostragem, enquanto que a primeira pessoa plural apresenta um índice de 77% de preenchimento nos contextos de ocorrência. Tal postura é muito parecida com aquela encontrada nesse mesmo contexto, em tempo *presente*.

Ao se observar a tabela com os tipos oracionais, nota-se o comportamento das categorias



vazias de maneira mais detalhada:

(73)

<u>Ocorrências 1ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	136	33	169
Composta (singular)	0	3	3
Simple (plural)	21	6	27
Composta (plural)	0	0	0

Iniciando as discussões pelas orações *simples*, percebe-se que as do tipo singular apresentam a maior diferença entre os índices de preenchimento e apagamento de sujeito. Essa especificação oracional apresentou cento e trinta e seis ocorrências com sujeito explícito, de um total de cento e sessenta e nove ocorrências. Algumas das trinta e três ocorrências de sujeito nulo, com essa configuração oracional, podem ser observadas abaixo:

(74)

- a. **Cv** Tive aula durante três anos.
- b. **Cv** Fiz muitas coisas de música brasileira lá. Então, também **cv** senti muita saudade.

De maneira muito semelhante ao que é encontrado no tempo *presente*, os sujeitos nulos de primeira pessoa singular demonstram caráter *pronominal*. Nas sentenças acima, com verbos de primeira pessoa singular em orações *simples*, as categorias vazias apresentam configuração pertinente ao *pro*, pelo fato de sempre poderem ser identificados por intermédio da flexão verbal unicamente.

Em se tratando das orações *simples*, com sujeito plural, nota-se um comportamento semelhante, pelo menos quando o elemento omitido é o pronome pessoal *nós*. Assim, a categoria vazia pode ser identificada por intermédio da flexão verbal de concordância, evidenciando, por conta disso, seu caráter *pronominal*, sendo representada por um *pro*:

(75)

- a. **Cv** Mudamos para uma outra cidade.
- b. Em fazer um registro de autor, **cv** fizemos um disco juntos, um disco que todo mundo conhece.

Diferentemente do que ocorreu em tempo *presente*, em se tratando especificamente da primeira pessoa do plural, quatro das seis ocorrências ocorreram considerando a morfologia de primeira pessoa do plural. Contudo, pelo fato de ser recorrente na fala espontânea a troca do pronome pessoal *nós* pelo sintagma *a gente*, ocasionando a mudança flexional, como já foi discutido na apresentação da primeira pessoa em tempo *presente*, nota-se também a possibilidade de uma outra interpretação para o caráter para o sujeito nulo dessa pessoa plural. Tal postura pode ser identificada no exemplo abaixo:

(76)

- a. A gente_i não fez turnê. Então, eu nunca nem tinha cantado essas músicas ao vivo. **Cv_i** Tinha muita vontade de cantar...

De acordo com o exemplo, não há a possibilidade de se identificar a pessoa dessa categoria vazia via flexão, já que o verbo *tinha* pode estar relacionado ao sintagma *a gente*, como também ao pronome pessoal de terceira singular *ele/ela*, ou até mesmo ao pronome de tratamento *você*, além do pronome pessoal de primeira *eu*. Porém, tal categoria pode ser identificada por intermédio de um antecedente, introduzido anteriormente no discurso. Ao apelar para uma estratégia discursiva para obter interpretação na língua, a primeira pessoa plural *a gente*, ao ser omitida, apresenta caráter *não-pronominal*, revelando uma conduta semelhante a de uma *variável*, ligada a uma tópico no discurso, da mesma maneira que ocorre em tempo presente.

Uma outra consideração sobre as primeiras pessoas repousa nos sincretismos de alguns paradigmas, oriundos da especificação do tempo passado, mais precisamente, do *pretérito imperfeito*, associados ao processo de empobrecimento dos paradigmas flexionais. Neste sentido, o que se observa é que há impossibilidade de identificação por parte da flexão, da pessoa em questão, devido ao fato da mesma não ser específica o suficiente para realizar tal tarefa. Por exemplo, o verbo *fazia* possuirá a mesma flexão *-ia*, independente se esse se encontra associado a um sujeito de primeira, segunda, terceira singular ou até mesmo a primeira pessoa do plural, como se pode notar em *eu fazia*, *você fazia*, *ele/ela fazia* e *a gente fazia*, respectivamente. Tal fato pode ser observado com o auxílio do exemplo abaixo, já introduzido anteriormente em (71b), também em contexto de *oração simples*:

(77)

A gente_i ouvia muita música clássica. **Cv_i** Ouvia muito MPB.

A identificação do sujeito do verbo *ouvia* da segunda oração somente se torna possível via antecedente, já que a morfologia não especifica a pessoa a quem esse verbo se liga. Essa categoria vazia, por sua vez, nesse contexto específico, aparenta possuir caráter de *variável*, pois se liga a um tópico do discurso.

Em se tratando das orações *compostas*, verificou-se a não ocorrência de nenhuma sentença, com essa configuração, tanto com sujeito preenchido no singular, quanto sujeito preenchido no plural. Além disso, as únicas ocorrências com sujeitos nulos foram identificadas em orações *compostas*, com elemento omitido singular. As sentenças encontram-se dispostas abaixo:

(78)

- a. Eu compartilhei e **cv** dividi o palco com muita gente.
- b. Eu não tinha de começar o roteiro e **cv** passei um tempo trabalhando.
- c. Eu tinha 16 anos e **cv** tive a sorte de ser convidado para abrir um concerto dele.

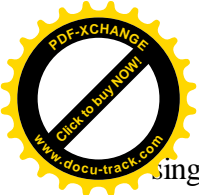
Nesses casos, a categoria vazia pode ser identificada pela flexão, não necessitando do antecedente da oração principal para obter referência. Com isso, essas categorias vazias possuem também caráter *pronominal*, sendo representadas por um *pro*.

Ao se considerar a segunda pessoa, singular e plural, certas discussões podem ser promovidas. Inicialmente, partindo do número total de ocorrências nessas pessoas, pode-se observar o seguinte comportamento:

(79)

<u>Média de ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	2	3	5
Plural	0	0	0

Diferentemente do que foi identificado em tempo *presente*, nota-se, a princípio, que somente foi evidenciado caso de apagamento de sujeito quando esse fazia referência à segunda pessoa



singular, não ocorrendo casos de preenchimento e apagamento de sujeito na segunda pessoa do plural. No entanto, a não ocorrência de apagamento de sujeitos de segunda pessoa plural na amostragem analisada por esta pesquisa, de forma alguma indica, como já foi citado no tópico que tratou das discussões sobre o tempo *presente*, um impedimento da possibilidade de apagamento de sujeitos desse tipo em língua portuguesa do Brasil. Provavelmente, a amostragem, no que diz respeito às ocorrências de sentenças com segunda pessoa plural, não abrangeu, de forma satisfatória, as possibilidades de uso de sentenças com sujeito possuidor dessa configuração pessoal.

No que diz respeito à segunda pessoa, o panorama de preenchimento apresenta-se abaixo:

(80)

a. **Você** já andou por aqui.

b. Qual formação **você** teve?

Nota-se, com o auxílio dos exemplos evidenciados acima, que as duas ocorrências de sujeitos preenchidos se deu com a utilização do vocábulo *você*.

A tabela de percentual de ocorrências, apresentada logo abaixo, evidencia a pequena superioridade do índice de apagamento em relação ao de preenchimento, na segunda pessoa singular:

(81)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	40%	60%	100%
Plural	0%	0%	0%

Nota-se que a superioridade do índice de apagamento de sujeito é representada por de 60% dos contextos relevantes da amostragem, restando somente 40% desses contextos para identificação de preenchimento de sujeito.

No que tange aos contextos sintáticos onde figuram as categorias vazias, pode-se observar panorama que envolve o preenchimento e apagamento de sujeito com o auxílio da tabela abaixo:

(82)

<u>Ocorrências 2ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	2	2	4
Composta (singular)	0	1	1
Simple (plural)	0	0	0
Composta (plural)	0	0	0

Ao se considerar as orações *simples*, com sujeito no singular, observa-se que há o mesmo número de ocorrências para sujeito preenchido e para sujeito nulo, sendo duas ocorrências para cada tipo de sujeito. No que diz respeito especificamente ao sujeito nulo, as duas sentenças abaixo evidenciam esse panorama:

(83)

- a. Ser imigrante é aquela pessoa que vai mesmo, **cv** entendeu, e que não sabe se vai voltar,...
- b. Eu acho que tinha tanta informação musical na minha casa que era como o sol raiasse, **cv** entendeu?

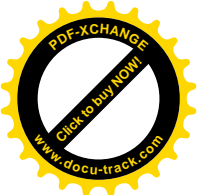
Ao observar a ocorrência apagamento, nota-se que a flexão, devido a substituição do pronome pessoal *tu* pelo pronome de tratamento *você* também influencia o tempo *passado*. Por meio disso, torna-se possível cogitar que tal apagamento, como no tempo *presente*, quando ocorre, na grande maioria das vezes, evidencia uma categoria vazia de caráter de *variável*, pelo fato da impossibilidade de sua identificação ser feita via morfologia de concordância.

Não foram identificadas, no *corpus* analisado, as orações *simples*, com sujeito no plural de segunda pessoa. Fato esse identificado também ao se observar as orações *compostas*, com sujeito no plural.

A especificação oracional *composta*, do tipo singular, além de não apresentar nenhuma sentença com sujeito preenchido, revelou somente uma ocorrência com sujeito nulo. Tal ocorrência pode ser observada abaixo:

(84)

Agradeço muito a oportunidade que **cv** deu pra gente, de falar um pouquinho.



Antes de se discutir o caráter da categoria vazia no contexto acima, algumas ressalvas devem ser feitas. Nota-se que nessa sentença o sujeito da oração *principal* não possui a mesma referência que o sujeito da *subordinada*. A morfologia flexional do verbo *agradecer* faz referência a um sujeito de primeira pessoa singular, enquanto que a morfologia do verbo *dar*, na segunda oração, faz referência ou à segunda ou à terceira pessoa singular, além da terceira plural. Além disso, os tempos em que os verbos se encontram conjugados são distintos. Enquanto que o verbo da oração principal se encontra no tempo *presente*, o verbo da oração *subordinada* encontra-se no tempo *passado*. Somente um outro exemplo foi identificado em todo *corpus*, possuindo a mesma variação temporal e pessoal. Esse pode observado abaixo:

(85)

Badi é um nome que existe na cultura árabe. É um nome_i que minha (mãe) não tinha noção. Ela_j inventou, mas **cv**_{ij} existe.

Nesse segundo exemplo, nota-se que o verbo da principal *inventar* está conjugado em terceira pessoa singular, no tempo *passado*, concordando com o sujeito explícito *ela*. Já o verbo da *coordenada* possui morfologia flexional referente tanto à terceira pessoa singular, quanto para a segunda singular e quanto para primeira e terceira plural. Além disso, esse segundo verbo encontra-se em tempo *presente*. A categoria vazia dessa sentença, diferentemente do ocorre com o primeiro exemplo desse tipo, pode encontrar referência no sujeito da oração *principal*, assim como no vocábulo *nome*, inserido anteriormente no discurso. Neste sentido, a categoria vazia pode ser interpretada como *pronominal*, do tipo *co-referencial*, se ligada ao sujeito *ela*, ou, deve ser interpretada como *variável*, se ligada ao antecedente tópico *nome*.

Ao se retornar ao primeiro exemplo desse tipo, percebe-se que a categoria vazia não pode estar co-indexada ao elemento na posição de sujeito da oração *principal*. Além disso, a morfologia de flexão do verbo *dar* não é suficiente para realizar a identificação desse elemento nulo. Desta forma, a categoria vazia da oração *subordinada* deve estar relacionada a um antecedente no discurso, sendo esse o entrevistador, representado por um tópico, igualmente nulo, do vocábulo *você*. Em outras palavras, o sujeito nulo de segunda pessoa singular, dessa oração *subordinada*, deve ser interpretado como uma categoria *variável*.

Já em se tratando da terceira pessoa, outras diferenças podem ser identificadas, quando se compara o tempo *passado* ao tempo *presente*, nesse contexto. Em tempo *passado*, há um favorecimento ao preenchimento em contextos de terceira pessoa singular, enquanto que em contextos de terceira pessoa plural há um favorecimento ao apagamento do elemento na posição de sujeito. Tal panorama pode ser observado por intermédio da tabela abaixo:

<u>Média de ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	91	43	134
Plural	9	11	20

Ao se considerar os dados inseridos na tabela, nota-se que a terceira pessoa singular, no *passado*, possui comportamento semelhante à primeira pessoa singular, no *presente*, detendo um número de ocorrências de sujeitos preenchidos maior do que os números de ocorrências de sujeitos nulos, sendo noventa e um de contextos preenchidos contra quarenta e três de nulos. A terceira pessoa plural, por sua vez, apresenta-se de maneira diferenciada das outras pessoas plurais nesse tempo. Enquanto que a primeira pessoa plural possui uma tendência ao preenchimento e a segunda pessoa não foi identificada na amostragem, a terceira pessoa plural revela-se como favorecedora ao apagamento do elemento na posição de sujeito. Os exemplos abaixo ilustram esse comportamento:

(87)

a. **Seu Jorge** gravou no meu disco.

b. **Ela** não tinha nenhuma experiência, nem de teatro, nem de estudo.

c. ... Jorge Amado_i, que viu um curta meu. **Cv_i** Enviou pro Walter e aprendi tudo que eu sei.

(88)

a. É a doutrina que procura reviver o cristianismo conforme **Jesus e os seus primeiros apóstolos** praticaram-na.

b. Todos os laços que **eles** deixaram.

c. Vejo pessoas_i que **cv_i** tiveram destaque.

Em se tratando do exemplo (88c), assim como as orações *compostas* com sujeitos nulos no singular, algumas ressalvas serão feitas mais à frente. Esse panorama pode ser mais bem analisado com o auxílio da tabela de percentual a seguir:

(89)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Singular	68%	32%	100%
Plural	45%	55%	100%

Percebe-se que enquanto a superioridade do percentual de preenchimento de terceira pessoa singular é evidente, girando em torno de 68%, contra 32% para o índice de apagamento, essa não pode ser considerada no âmbito da terceira plural, que apresenta um índice de 55% de ocorrências favoráveis ao apagamento, contra 45% de ocorrências favoráveis ao preenchimento.

Considerando a amostragem, de acordo com os tipos oracionais e as categorias vazias, o seguinte panorama pode ser evidenciado:

(90)

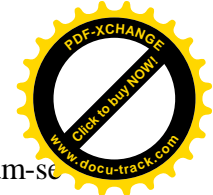
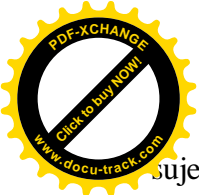
<u>Ocorrências 3ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simple (singular)	89	11	100
Composta (singular)	2	32	34
Simple (plural)	9	0	9
Composta (plural)	0	11	11

Iniciando-se pelas orações *compostas*, observa-se a baixa tendência ao preenchimento da posição de sujeito. Somente duas orações *compostas*, do tipo singular, com sujeitos preenchidos, foram identificadas no *corpus*, sendo o primeiro em uma *coordenada* e o segundo em uma *subordinada*:

(91)

- a. Foi um risco que a gente teve, mas **ela** foi muito corajosa.
- b. Quando **ela** chegou pra filmar, ela tava um pouco assustada.

Mais uma vez, as orações *simples* apresentaram os maiores índices de preenchimento. Já no que diz respeito às ocorrências dessas orações com sujeitos nulos, somente aquelas que possuíam



sujeito singular forma identificadas no *corpus*. Algumas sentenças, do total de onze, encontram-se relacionadas abaixo:

(92)

- a. ..., eu tenho citado muito duas pessoas que tem me chamado muito a atenção. Um deles é o Rubi_i, que é um músico que se classificou no Prêmio Visa. **Cv_i** ganhou júri popular.
- b. Ela_i apareceu cantando o repertório do Carlos Saraiva. Também **cv_i** ganhou Prêmio Visa.

Ao se visualizar os exemplos das categorias vazias de terceira pessoa, nas orações acima, percebe-se que há uma necessidade de identificação dessa por intermédio de um antecedente, já que a morfologia flexional não é específica o suficiente para tanto. Neste sentido, de acordo com o *corpus* apresentado, essas terceiras pessoas necessitam de um elemento introduzido no discurso prévio para que elas possam ser identificadas. Por isso, os sujeitos nulos das terceiras pessoas também possuiriam, como as segundas pessoas, configuração de *variável*, e *não-pronominal*.

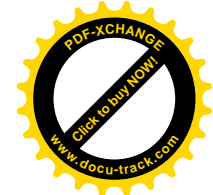
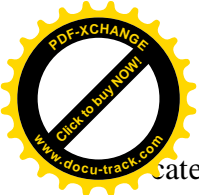
Nos contextos oracionais de *compostas* com sujeito singular, nota-se um favorecimento ao apagamento em relação ao preenchimento. Esse favorecimento pode ser ilustrado com algumas sentenças desse contexto oracional:

(93)

- a. É a coroação de um processo_i que **cv_i** foi muito bacana.
- b. É a mesma formação_i que **cv_i** gravou o disco..
- c. O Trabalho gravado_i, que **cv_i** virou algo material, algo lírico, foi com esses dois moços.
- d. Aliás, a tese dele está refutada e o livro notável do grande “geneta” americano Dr. Francis Colim_i que **cv_i** escreveu um livro a respeito da identidade de Deus.

Percebe-se que a categoria vazia, que figura na posição de sujeito dessas *subordinadas*, encontra-se, por vezes, ligada ao objeto da oração *principal*, como se constata em (93a) e (93b) e por vezes, encontra-se ligada ao sujeito da oração *principal*, como em (93c) e em (93d).

Em contextos de *orações subordinadas*, observa-se que as categorias vazias sujeito das segundas orações se encontram ligadas a um antecedente intra-sentencial, presente na posição de sujeito ou objeto da oração *principal*. Tal fato configura o caráter *pronominal co-referencial* dessas



categorias.

Esse fato ocorre também em orações *compostas*, semelhantes à oração (88c), com sujeitos nulos no plural, situados em orações *subordinadas*, com as categorias vazias em (94a) e (94b) ligadas aos objetos da oração *principal* e em (94c) e (94d) ligadas aos sujeitos da *principal*:

(94)

a. Então, assim, eu acho que eu tive a sorte, aliás, não só na minha família, mas na vida inteira, de encontrar pessoas; que me **cv**_i entenderam...

b. Eu sempre tive tanto da parte do meu pai, da minha mãe, pessoas com a cabeça bacana; que **cv**_i sempre souberam acreditar na gente.

c. Os brasileiros; que realmente **cv**_i fizeram carreira fora, assim, e **cv**_i fizeram carreiras realmente conhecidas no planeta,...

d. Muito antes de eu aparecer, já tinha caminhos muito bem abertos, por muitas gerações; que **cv**_i vieram antes de mim.

5.3.2 Tempo passado: Hebraico moderno.

O tempo *passado* em língua hebraica, diferentemente do que foi apresentado pela língua portuguesa nesse tempo, mostrou-se favorável ao apagamento de sujeito. Esse comportamento revelou-se totalmente diferenciado daquele oferecido não somente pela própria língua hebraica, ao se considerar o tempo *presente*, como também ao se comparar o tempo *passado* da língua semítica com o da língua portuguesa. Tal panorama pode ser observado por intermédio da tabela abaixo, que traz o número de ocorrências dos sujeitos nesse tempo:

(95)

<u>Média de ocorrências</u> <u>(Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Hebraico moderno	107	146	253

Nota-se que de acordo com essa disposição, o número de ocorrências de sujeitos omitidos é significativamente maior que o número de ocorrências que apresentam sujeitos preenchidos. Tal

superioridade pode ser constatada também por intermédio de uma tabela percentual:

(96)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>(Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Hebraico moderno	42%	58%	100%

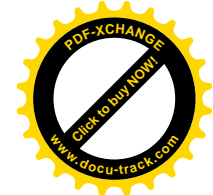
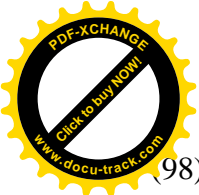
A tabela demonstra que a superioridade numérica do índice de apagamento é razoavelmente maior, girando em torno de 58% dos contextos favoráveis, quando esse é comparado ao índice de preenchimento de sujeito, que apresentou percentual com cerca 42% dos dados relevantes nesse tempo. Tais índices apresentam-se contrários à tendência ao preenchimento, sendo que em hebraico, em contexto de tempo *presente*, tal tendência mostra-se muito mais vigente.

Ao se considerar o tempo *passado* da língua hebraica, em se tratando das pessoas pronominais, nota-se também uma superioridade dos índices de preenchimento por cada pessoa em relação aos índices de apagamento. Partindo das primeiras pessoas, tanto singular, quanto plural, observa-se a seguinte disposição de números de ocorrência:

(97)

<u>Média de ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	7	66	73
Feminino/Singular	2	14	16
Masculino/Plural	0	12	12
Feminino/Plural	0	0	0

A tendência ao apagamento é evidente em todas as formas pronominais, com exceção da primeira pessoa feminina plural, que não apresentou dados relevantes na amostragem considerada para montagem do *corpus*. Contudo, a realização de sujeitos nulos femininos de primeira plural são possíveis na língua, como atestam Vainikka & Levy (1995), Horesh (2003) e Shlonsky (2007), por exemplo. Abaixo seguem alguns exemplos que buscam ilustrar o panorama de preenchimento e apagamento na língua:



(98)

a. **Ani** sipar-ti lo.

Eu narrar-pass-1.p.s para-ele

‘(Eu) Contei para ele (uma história)’.

b. **Cv** Iada-ti et kol holam

saber,conhecer-pass-1.p.s partícula todo mundo

‘(Eu) Conheci todo o mundo’.

(99)

Kol ha-zman, **cv** hay-nu po.

Todo artigo definido tempo ser, estar-pass-1.p.pl

‘Estivemos aqui todo o tempo’.

Observando essas proporções em uma tabela percentual, o panorama de apagamento em primeira pessoa no tempo *passado* hebraico se torna mais claro:

(100)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>1ª pessoa (Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	9%	91%	100%
Feminino/Singular	12%	88%	100%
Masculino/Plural	0%	100%	100%
Feminino/Plural	0%	0%	0%

De acordo com a tabela, os percentuais de sujeitos preenchidos de todas as pessoas, com exceção da primeira pessoa feminina plural, são mais baixos do que os índices de apagamento. Tais índices, por suas vez, apresentam-se em escala crescente de preenchimento, do masculino singular, até o masculino plural.

Ao se observar a tabela com o preenchimento e apagamento por tipo de oração, um novo panorama pode ser analisado:

<u>Ocorrências 1ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simplex (singular)	9	80	89
Composta (singular)	0	0	0
Simplex (plural)	0	12	12
Composta (plural)	0	0	0

Inicialmente, observa-se que somente as orações *simples*, com especificação singular, apresentaram sujeito preenchido na amostra analisada. Porém, esse índice de preenchimento, de nove ocorrências, mostrou-se inferior ao índice de sujeitos nulos, sendo esse constituído por oitenta ocorrências. Além disso, as orações *compostas*, de singular e plural, não foram identificadas na amostra analisada.

Ainda em se tratando das orações com sujeito nulo, observa-se que somente as do tipo *simples* permitiram apagamento. Iniciando-se por aquelas com sujeito singular, tal realização pode ser acompanhada por intermédio de alguns exemplos encontrados na amostragem:

(102)

a. **Cv** Lo Raí-ti Oto.

Não ver-pass-1.p.s ele

‘**Cv** Não o vi’.

b. **Cv** Katav-ti et ha-sfarim.

Escrever-pass-1.p.s partícula os-livros

‘**Cv** Escrevi os livros’.

c. **Cv** Ratsi-ti zeh.

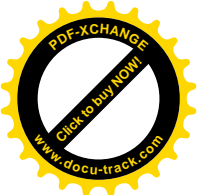
Eu querer-pass-1p.s pronome demonstrativo

‘**Cv** Queria isso’.

d. **Cv** Lamad-ti ketiva be-universitah Tel Aviv.

Estudar-pass-1.p.s escrita, escritura em universidade Tel Aviv

‘**Cv** estudei uma escritura na universidade de Tel Aviv’.



Nos exemplos acima, a categoria vazia pode ser interpretada por intermédio da flexão verbal *-ti*, já que essa é bem especificada para as primeiras pessoas. Em outras palavras, tal categoria vazia possui caráter *pronominal*, ou seja, *pro*.

Em orações *simples*, com sujeito plural, observa-se o mesmo comportamento:

(103)

a. Shnei rreverim **cv** gamar-nu.

Dois associações, sociedade terminar-pass-1.p.pl

‘Cv Terminamos duas sociedades’.

b. Me eyifo **cv** ba-nu?

De onde vir, chegar-pass-1.p.pl

‘De onde **cv** viemos?’

c. Cv Hirrnass-nu gam.

Entrar, chegar-pass-1.p.pl também

‘Cv Entramos também’.

d. Cv Alarr-nu lo.

Ir-pass-1p.pl advérbio de negação

‘Cv Não fomos’.

Nas sentenças acima, assim como ocorreu com a primeira pessoa singular, as categorias vazias podem ser identificadas via flexão verbal *-nu*, que é específica o suficiente para realizar tal tarefa, sem que haja a necessidade da existência de um antecedente para efetuar a interpretação do elemento nulo.

Mesmo não havendo nenhum caso de oração *composta* para essa pessoa, nesse tempo, provavelmente esse tipo de estrutura não deve impedir a identificação referencial por parte da flexão verbal em relação à categoria vazia na posição de sujeito. Com isso, pode-se garantir que as categorias vazias de primeira pessoa apresentam, no tempo *passado*, caráter *pronominal*, do tipo *referencial*, representadas por um *pro*.

Em se tratando da segunda pessoa feminina e masculina, com exceção mais uma vez da forma plural feminina, além da forma plural masculina, a tendência ao apagamento se mantém. Essa postura pode ser conferida na tabela oferecida abaixo, detentora do número de ocorrências nessa pessoa:

<u>Média de ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	0	1	1
Feminino/Singular	0	1	1
Masculino/Plural	0	0	0
Feminino/Plural	0	0	0

Inicialmente se pode observar que o número de ocorrências de sujeitos preenchidos é zero em todas as especificações de segunda pessoa. Além disso, pode-se notar também a não identificação mais uma vez de contextos contemplativos de formas masculinas e femininas plurais.

Esse panorama corrobora com a postura apresentada no início deste item, que trata do *passado* em língua hebraica como sendo o tempo mais propício ao apagamento de sujeito. Abaixo, seguem alguns exemplos extraídos da amostragem:

(105)

a. **cv** Balash-ta balmot.

Inspecionar-pass-2.p.m.s freios

‘**Cv** inspecionou uns freios’.

b. Ma **cv** assi-t?

O que fazer-pass-2.p.f.s

‘O que **cv** fez?’

Em se tratando das pessoas que permitiram o apagamento de sujeito, a amostragem revelada em dados percentuais pode auxiliar nas observações:

(106)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>2ª pessoa (Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	0%	100%	100%
Feminino/Singular	0%	100%	100%
Masculino/Plural	0%	0%	0%
Feminino/Plural	0%	0%	0%

Com o auxílio da tabela percentual, nota-se que o índice de apagamento de sujeitos na segunda pessoa masculina singular e na segunda pessoa feminina singular chega a 100% das ocorrências, ao se observar os contextos relevantes da amostragem. Tal realização se deve, como ocorre com as primeiras pessoas, ao paradigma flexional especificado das mesmas, em tempo *passado*.

Com o auxílio da tabela oracional, torna-se viável a observação dos contextos sintáticos em que ocorrem as categorias vazias elucidadas acima:

(107)

<u>Ocorrências 2ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simplex (singular)	0	2	2
Composta (singular)	0	0	0
Simplex (plural)	0	0	0
Composta (plural)	0	0	0

De acordo com a tabela acima, não foram encontradas sentenças compostas, tanto do tipo singular, quanto do tipo plural, assim como sentenças *simples*, do tipo plural. Em se tratando das sentenças *simples*, do tipo singular, foram identificadas duas ocorrências com o elemento omitido na posição de sujeito. Tais ocorrências foram apresentadas anteriormente, em (105a) e (105b) e, agora, podem ser visualizadas novamente nos exemplos abaixo, com a segunda pessoa masculina singular em contexto de oração *simples*, como se pode observar em (108a), assim como com a segunda pessoa feminina singular na oração *simples* (108b):

(108)

a. **cv** balash-ta balmot.

Inspeccionar-pass-2.p.m.s freios

‘**Cv** inspeccionou uns freios’.

b. Ma **cv** assi-t?

O que fazer-pass-2.p.f.s

‘O que **cv** fez?’

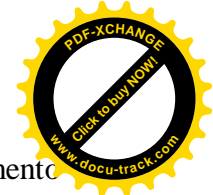
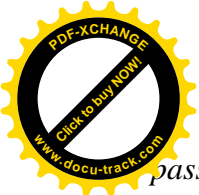
As categorias vazias que aparecem nos exemplos podem ser identificadas por intermédio da flexão, sendo *-ta* para segunda pessoa masculina singular e *-t* para segunda pessoa feminina singular. Tais flexões são específicas o suficiente para realizar a tarefa de identificação do sujeito. Por isso, essas categorias vazias não necessitam de um antecedente para obterem a sua interpretação, possuindo, por conta disso, um caráter *pronominal*.

Por fim, ao se considerar as terceiras pessoas em língua hebraica, observa-se uma postura diferente daquelas encontradas em outras pessoas, ou seja, uma maior tendência ao preenchimento de sujeito, em detrimento ao seu apagamento. Esse quadro pode ser visualizado com o auxílio da tabela que apresenta as médias numéricas de ocorrências de sujeitos preenchidos e nulos nessa pessoa:

(109)

<u>Média de ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Passado)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Número total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	67	44	111
Feminino/Singular	11	11	22
Masculino/Plural	16	1	17
Feminino/Plural	0	0	0

Ao se observar os valores de ocorrência, algumas considerações podem ser feitas. Primeiramente, como já havia sido dito, há uma maior tendência ao preenchimento de sujeito em detrimento ao seu apagamento nessa pessoa. Tal comportamento é diferente do encontrado em português do Brasil, onde a terceira plural apresentou um leve favorecimento ao apagamento. Já no emparceramento feito entre esse contexto pessoal e o contexto semelhante, em tempo *presente*, no âmbito da língua semítica, a tendência ao preenchimento fica mais evidente, pois como no tempo



passado, todas as pessoas no tempo *presente* não ofereceram índices mais elevados de apagamento em relação aos índices de preenchimento. Alguns exemplos retirados da amostragem dessa pessoa podem auxiliar na visualização desse panorama:

(110)

a. **Adam** haya ba-holam

homem ser,estar-pass-3.p.m.s em-mundo,Terra

‘(O) Homem esteve na Terra’.

b. **Ish** amar: **Ani** lo amar-ti.

Homem dizer-pass-3.p.m.s eu para-ele dizer-pass-1.p.s

‘Um homem disse: - Eu disse para ele’.

c. **Ima** antah lo.

Mãe responder-pass-3.p.f.s não

‘Mãe respondeu não’.

(111)

a. Hayu **ha-rruguim** be-makom.

Ser,estar-pass-3.p.m.p artigo definido em-lugar

‘Os círculos estavam em algum lugar’.

b. **Hem** pitrru.

Eles melhorar-pass.-3.p.pl

‘Eles melhoraram’.

(112)

a. Hu_i rrazar aval **cv_i** (lo) diber et ha-parashah.

Ele retornar-pass-3.p.m.s mas falar-pass-3.p.m.s partícula a-narrativa, assunto

‘Ele voltou mas (não) falou o assunto’.

b. Zot savta_i she **cv_i** avdah be-bait.

Pronome demonstrativo feminino avó que trabalhar-pass-3.p.f.s em-casa

‘Esta é uma avó que trabalhou em alguma casa’.

Essa amostragem, por sua vez, pode ser mais bem compreendida com o auxílio de uma tabela percentual, composta pelos fatores pessoais considerados nesse momento:

(113)

<u>Percentual/ocorrências</u> <u>3ª pessoa (Passado)</u>	<u>Percentual de sujeitos</u> <u>preenchidos</u>	<u>Percentual de</u> <u>sujeitos nulos</u>	<u>Percentual total de</u> <u>ocorrências</u>
Masculino/Singular	60%	40%	100%
Feminino/Singular	50%	50%	100%
Masculino/Plural	94%	6%	100%
Feminino/Plural	0%	0%	0%

De acordo com a tabela acima, o levantamento percentual revela que a terceira pessoa mais produtiva ao preenchimento, em tempo *passado*, é a masculina plural, com 94% de sentenças com sujeitos preenchidos, seguida pela masculina singular, com 60% das sentenças pertinentes a ela com sujeitos preenchidos. Um outro fato interessante a ser lembrado é o equilíbrio entre os índices de ocorrência entre sujeitos preenchidos e nulos, da terceira pessoa feminina singular, com cada índice apresentando 50% das ocorrências para cada tipo de sujeito.

Ao analisar os índices de preenchimento e apagamento de sujeito de acordo com os tipos oracionais, o fenômeno de omissão de sujeito torna-se mais claro. A tabela que mostra tal panorama segue abaixo:

(114)

<u>Ocorrências 3ª pessoa</u> <u>(Tipo de oração)</u>	<u>Sujeitos preenchidos</u>	<u>Sujeitos nulos</u>	<u>Total de ocorrências</u>
Simplex (singular)	78	0	78
Composta (singular)	0	55	55
Simplex (plural)	16	0	16
Composta (plural)	0	1	1

Inicialmente, observa-se que as orações *simplex* se apresentam como contextos mais favoráveis ao preenchimento, ao serem comparadas às orações *compostas*, já que não foi encontrada nenhuma sentença desse último tipo no *corpus* analisado, com sujeito preenchido. Porém, tal situação se inverte ao se observar os sujeitos nulos. As orações do tipo *compostas*, tanto aquelas



com especificação singular, quanto aquelas com especificação plural, foram as únicas que apresentaram sujeito omitido, sendo as detentoras da primeira especificação as mais favoráveis à realização do fenômeno. Provavelmente, a ausência de ocorrências de sujeito nulo em orações *simples* se deve ao fato da possibilidade de apagamento, nessas estruturas, estar intimamente relacionada à ocorrência de verbos *impessoais*, não identificados no *corpus*. Parte dos sujeitos nulos de orações *compostas*, com especificação singular, foram encontrados ligados ao objeto da oração *principal*, como pode ser observado por intermédio do exemplo abaixo:

(115)

Hu ha-shalit_i she **cv**_i hitmarred ha-shilton.

ele o-chefe, governante que revoltar-se-pass-3.p.m.s o-shilton

‘Ele é o governante que se revoltou contra o império.’

Já outras ocorrências, ainda nesse contexto sintático, apresentam a categoria vazia co-indexada ao sujeito da oração *principal*. Tal realização pode ser observada com o auxílio da oração, retirada do *corpus*, abaixo:

(116)

Savta gdolá_i Sara she **cv**_i hay-ta be-yerushalaim, ...

Avó grande Sara que ser, estar-pass-3.p.f.s em-Jerusalém

‘A grande avó Sara, que está em Jerusalém..’

Nas sentenças encaixadas, a categoria vazia busca sua identificação no antecedente, devido à impossibilidade de sua interpretação ser viabilizada por intermédio da flexão verbal, com especificação fraca para pessoa, como atesta Vainikka & Levy (1995). Por isso, tais categorias vazias são consideradas, detentoras de caráter *pronominal*, sendo interpretadas como *pro*. Porém, este *pro* é de natureza *co-referencial*, como defende Shlonsky (2007). Os antecedentes que permitem essa co-referencialidade seriam, na sentença (115) *ha-shalit* (*o governante*) e na sentença (116) *savta gdola* (*grande avó*).

Ao se analisar a única ocorrência de sujeito nulo em orações *compostas*, do tipo plural, nota-se postura semelhante:



(117)

Eleh maazin-ei-nu_i she cv_i hay-u ba-arets.

Fortaleza-plural-nossa que ser, estar-pass-3.p.pl em-Israel

‘Estas são nossas fortalezas, que estão em Israel.



O sujeito nulo da oração *subordinada*, encontra-se co-indexado com o objeto da oração *principal*. Pelo fato da flexão de concordância verbal ser pouco especificada para a terceira pessoa, a categoria, para ser identificada, necessita do antecedente *maazinei-nu* (*nossas fortalezas*). Por isso, tais categorias vazias também são interpretadas como *pronominais*, com especificação *co-referencial*.

Diferentemente do que ocorreu em língua portuguesa, nenhum tipo de oração *composta*, com sujeito nulo, apresentou referentes diferenciados. Em outras palavras, as categorias vazias, nas segundas orações, sempre se encontravam co-indexadas a um antecedente situado na oração *principal*.

Sendo assim, obteve-se o panorama geral da amostragem considerada como *corpus* deste trabalho. Todos os apontamentos feitos para o caráter de *variável* das categorias vazias evidenciadas nesses tópicos tentarão ser justificados por intermédio das duas teorias que guiam esta pesquisa, a saber, *Teoria de Princípios e Parâmetros* e *Programa minimalista*.

5.4 Análise das categorias vazias: P&P e Programa minimalista.

De acordo com a *Teoria de Princípios e Parâmetros*, tanto o *parâmetro do sujeito nulo*, que dá conta das ocorrências de categorias vazias de caráter *pronominal*, quanto o *parâmetro de tópico-zero*, que concebe as categorias vazias como *variáveis*, poderiam ser identificados em uma língua mediante a observação de certas propriedades que os compõem. Com relação ao *parâmetro pro-drop*, a força de AGR é determinante para a identificação das propriedades que se referem a ele. Tasi propriedade seriam o próprio sujeito nulo, o movimento verbal e a inversão do sujeito.

Em se tratando da língua portuguesa do Brasil, para Novaes (1996), sujeito nulo e inversão de sujeito são propriedades não correlacionadas, pelo fato de, segundo ele, não haver a co-existência das duas na língua, estendendo tal consideração também para a correlação sujeito nulo e movimento verbal. Seguindo os dados observados nesta pesquisa, não foi identificado movimento verbal, embora tal propriedade seja abrigatória na língua, como atesta Galves (1990). Por outro lado, a inversão na ordem do sujeito foi identificada em raros contextos, compostos por duas sentenças, que podem ser observadas nos exemplos (118a) e (118b):

(118)

- a. **Chega** uma geração, é, completamente consciente de que a raiz, a música, o “choro”, o samba,...
- b. Acredito que nos próximos 10 anos conforme **dizem** os espíritos, ...

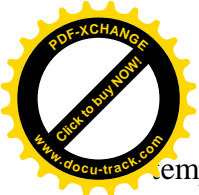
No entanto, da mesma maneira como Novaes havia atestado, acredita-se neste trabalho que o conjunto de propriedades que identificam o *parâmetro pro-drop* não se sustentam em português do Brasil, havendo a necessidade, como também o próprio autor defende, da aceitação do *parâmetro de tópico zero*, para que se possa conceber todas as realizações de sujeito nulo nessa língua.

Neste sentido, observou-se aqui que em muitos contextos, oriundos dos dados analisados nesta pesquisa, o sujeito nulo possui caráter de *variável*, sendo esse ligado a um tópico no discurso. Contudo, não seriam todas as pessoas que possuiriam tal configuração. Em tempo *presente*, por exemplo, somente a primeira pessoa possuiria caráter *pronominal*, enquanto que a segunda e a terceira pessoa possuiriam caráter de *variável*. Ao se observar esse caráter *pronominal* da primeira pessoa plural, em contextos de orações *compostas*, constatou-se que há uma variação no tipo de *pro*, com a especificação *referencial* para o sujeito omitido *nós* e *co-referencial* para o sujeito omitido *a gente*. Especificamente com relação às categorias vazias de terceiras pessoas, essas somente apresentaram o caráter de *variável* quando figuravam na posição de sujeito da oração *simples*. Quando tais categorias vazias figuravam na posição de sujeito de orações *subordinadas*, tais demonstraram possuir caráter *pronominal*, do tipo *co-referencial*.

No tempo *passado*, o panorama se mostrou muito semelhante com aquele identificado em tempo *presente*, com a primeira pessoa possuindo caráter *pronominal*, e a segunda e a terceira pessoa com caráter de *variável*. Porém, a categoria vazia de primeira pessoa plural também apresentou caráter de *variável*, quando se encontrava em contexto de *oração simples* e ligada ao sintagma *a gente*, sendo esse um tópico discursivo. A categoria vazia de terceira pessoa também apresentou caráter *pronominal*, do tipo *co-referencial*, em contextos específicos, como em *orações subordinadas*.

Tal panorama revelado pelo *corpus*, por sua vez, encontra-se em concordância com aquele evidenciado por Novaes (1996) para o português do Brasil, ao considerar uma diferenciação no caráter da categoria vazia de acordo com a pessoa ao qual o elemento nulo representa.

Considerando o tempo e a possibilidade de apagamento por pessoas, pôde-se notar que o resultado da presente pesquisa revela o mesmo já antes observado na literatura citada, com uma pequena ressalva em se tratando do tempo *passado*. Em outras palavras, a terceira pessoa ainda é o contexto pessoal com os maiores índices de apagamento de sujeito, pelo menos em tempo *presente*. A primeira pessoa e a segunda pessoa continuam ocupando posições distintas, de acordo com o



tempo em que elas se encontram. Em tempo *presente*, a segunda pessoa se mostrou como o contexto menos favorável ao apagamento de sujeito, sendo ultrapassada pela primeira pessoa. Em outras palavras, os dados revelaram que nesse tempo, a ordem decrescente, em favorecimento de sujeito nulo, por contexto pessoal, seria terceira pessoa, seguida da primeira e, por fim, sendo esse o contexto menos favorável, a segunda pessoa.

Em contrapartida, em tempo *passado*, a segunda pessoa se mostrou como o contexto mais produtivo de apagamento do *corpus*, com uma leve vantagem sobre a terceira pessoa, vindo logo em seguida. Assim, nesse tempo, a segunda pessoa apresentou-se como a mais propícia ao apagamento, sendo seguida pela terceira pessoa, com a primeira pessoa por último.

No que diz respeito aos sujeitos *não-pronominais*, para se confirmar a existência do *parâmetro tópico zero* atuando conjuntamente com o *parâmetro pro-drop*, em língua portuguesa, uma outra propriedade do primeiro pode ser identificada, como já havia sido apontado por Figueiredo Silva (1994) e Novaes (1996). Mesmo não apresentando *anáfora de ligação discursiva*, sendo essa mais uma propriedade do parâmetro de tópico, o português evidencia certa sentença que possui uma estrutura semelhante àquela encontrada em chinês, apresentada por Huang, além de possuir sujeito de configuração *variável*. Tal fato colabora com a proposta que defende a existência de mais uma propriedade do parâmetro de tópico na língua. Tal estrutura é conhecida como *estrutura tópico-comentário*, evidenciada por Novaes (1996), como se pode observar no exemplo abaixo:

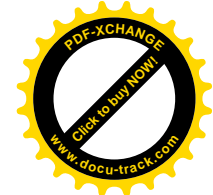
(119)

Aquele fogo, felizmente o Corpo de bombeiros chegou logo.

(Novaes, 1996)

Contudo, como também é salientado por Novaes, a concepção do português do Brasil como detentor unicamente do *parâmetro tópico zero* não pode ser tomada como verdadeira, já que a língua não possui todas as propriedades que compõem tal parâmetro.

Em se tratando da língua hebraica, também se pôde identificar certas propriedades do *parâmetro de tópico zero* em seus contextos oracionais, além das propriedades pertinentes ao *parâmetro pro-drop*. Ao se observar as propriedades levantadas para a configuração *pro-drop*, visualiza-se que há a existência de sujeitos nulos de configuração *pronominal*, além de inversão de sujeito, sendo essa última encontrada somente em raros contextos, como em língua portuguesa. O exemplo, oriundo do *corpus* de pesquisa, evidencia tal realização na língua semítica:



(120)

a. **Hay-u** ha-huguim be-kan anashim...

Ser-pass-3.p.pl os-círculos em-sincero, verdadeiro pessoas, homens

‘Eram os círculos formados por pessoas...’.

O movimento verbal para a posição à esquerda do advérbio, segundo Glinert (1989), é permitido em língua hebraica. Contudo, tal propriedade, no *corpus* avaliado por esta pesquisa, não foi identificada em nenhum contexto. Tal exemplo do fenômeno na língua pode ser visualizado abaixo:

(121)

Hu hadaf **metsuiyan** et ha-kadur.

Ele parar-pass-3.p.m.s muito bem partícula a bola

‘Ele parou a bola maravilhosamente’.

(Glinert, 1989)

Mesmo possuindo tais características, torna-se plausível propor que as propriedades do *parâmetro pro-drop* em língua hebraica também não são suficientes para sustentá-lo como único parâmetro que identifica apagamento de sujeito. Desta forma, da mesma maneira como foi proposto para língua portuguesa, há a necessidade da observação de outras propriedades que viabilizem a constatação do apagamento de elemento na posição de sujeito. Sendo assim, torna-se possível cogitar a existência do *parâmetro tópico zero* em língua hebraica.

Neste sentido, observou-se aqui que em muitos contextos da língua semítica, oriundos dos dados analisados da pesquisa, o sujeito nulo na língua possui caráter de *variável*, sendo esse ligado a um tópico no discurso. Contudo, não seriam todas as pessoas que possuiriam somente essa especificação, já que também categorias vazias de caráter *pronominal* são encontradas na língua hebraica, da mesma forma como ocorre em língua portuguesa.

Partindo da constatação, feita após identificação no *corpus*, da possibilidade de apagamento de sujeito em tempo *presente*, notou-se que todas as pessoas apresentaram caráter de *variável*. A terceira pessoa ainda apresentou caráter *pronominal co-referencial*, em contextos de orações *compostas*.

Realizando uma comparação com o panorama apresentado pela língua portuguesa nesse mesmo contexto temporal, observou-se que o comportamento das duas línguas foi semelhante, havendo uma diferença unicamente em se tratando das primeiras pessoas. Enquanto que em português do Brasil a categoria vazia de primeira pessoa apresentou caráter *pronominal*, a mesma



apresentou caráter de *variável* em hebraico. No entanto, no caso do hebraico, tais categorias figuraram em orações *simples*, enquanto que em português, foram identificadas ocorrências de sujeito nulo referente a essa pessoa em orações *simples* e *compostas*.

Já no tempo *passado*, as categorias vazias representantes das pessoas pronominais sempre apresentaram caráter *pronominal*, com uma diferenciação no tipo de *pro* por pessoa. A primeira e a segunda pessoa apresentaram *pro referencial* em todos os contextos, enquanto que a categoria vazia de terceira pessoa foi sempre representada um *pro co-referencial*. Tal panorama se apresenta de maneira diferente, quando comparado àquele evidenciado pelo português do Brasil. Enquanto que em hebraico todas as categorias vazias nesse contexto temporal são consideradas *pronominais*, somente a primeira pessoa e a terceira pessoa, com essa última em contexto de orações *compostas*, em língua portuguesa, possuem essa especificação, já que a segunda e a terceira, em orações *simples*, possuem caráter de *variável*.

Ao se comparar esse panorama com aqueles propostos pela literatura, observa-se algumas diferenças. Inicialmente, tornou-se claro que há a possibilidade de apagamento de sujeito em tempo *presente*, distoando do que foi creditado por todos os autores citados sobre o estudo de língua hebraica. Além disso, outro fato observado de grande importância reside na postura da língua em permitir o apagamento em contextos distintos daquele defendido por Shlonsky (2007), onde somente poderia haver sujeito nulo *não-referencial*, situado em *orações simples*, com categorias vazias referentes à terceira pessoa. Por fim, um outro ponto diferencial dessa amostragem reside no caráter da categoria vazia em posição de sujeito, em língua hebraica. Foi observado que tal caráter, respeitando uma distribuição mais temporal do que pessoal, pode variar em natureza, havendo a possibilidade da categoria ser não somente *pronominal*, como todos os autores defendem, mas também *variável*.

Um outro ponto relevante que pode ser notado ao se comparar as duas línguas é a diferença entre os índices de apagamento distribuídos pelas pessoas pronominais. No tempo *presente* em hebraico, a terceira pessoa apresentou um comportamento semelhante àquele encontrado em português do Brasil e revelado não somente por estudos anteriores, mas como também pela própria pesquisa realizada. Em outras palavras, esse contexto pessoal se apresentou como o mais favorável ao apagamento, seguido da segunda pessoa e, por fim, pela primeira pessoa. Já em tempo *passado*, o hebraico revelou uma inversão em parte desses índices, mas manteve como contexto mais produtivo o mesmo encontrado em português. Nesse contexto temporal, a segunda pessoa se apresentou como contexto pessoal mais favorável ao apagamento na língua semítica, seguida da primeira pessoa, com a terceira pessoa por fim.

Em se tratando especificamente do *parâmetro tópico zero* na língua hebraica, pode-se observar uma certa semelhança com o português do Brasil. A língua semítica não apresenta a

propriedade conhecida como *anáfora de ligação discursiva*, dentre as propriedades que formam o parâmetro de tópico. Porém, a mesma apresenta o sujeito nulo de caráter de *variável*, e ainda permite a realização da estrutura conhecida como *tópico-comentário*. No entanto, essa última não foi identificada no *corpus* desta pesquisa. Mas, tal estrutura poderia ser encontrada na língua semítica e encontra-se representada pelo exemplo proposto abaixo:

(122)

Pariz, en li kessef lihyot.

Paris, (não ter) (para-1p.s) dinheiro viver

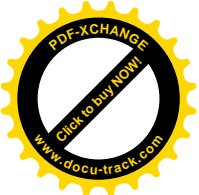
‘Paris, não tenho dinheiro para viver’.

Contudo, da mesma maneira como foi defendido em língua portuguesa, segundo o trabalho de Novaes, e confirmado por esta presente pesquisa, pôde-se atestar que a análise do sujeito nulo somente sob a ótica de Huang, sendo esse baseado no *parâmetro de tópico zero*, também apresenta inconsistências. Tais inconsistências se baseiam no fato desse parâmetro não possuir todas as propriedades identificadas na língua semítica, bem como em língua portuguesa do Brasil.

Ao se observar o fenômeno do sujeito nulo sob a ótica da *Teoria Minimalista*, nota-se que certas proposições se mantiveram, como por exemplo a relação estabelecida entre a força de AGR e o movimento verbal. Porém, não são poucas as questões oriundas dessa consideração.

Speas (1995), por exemplo, buscou mostrar que o fenômeno do sujeito nulo poderia ser observado em termos de *Princípios de economia*, adotando uma postura minimalista para tratar do licenciamento de tal comportamento nas línguas. Segunda a autora, seria possível a análise do sujeito nulo dissociada de duas propriedades já acima citadas, a saber, inversão de sujeito e movimento verbal, além de considerar que a identificação do fenômeno, que envolve o apagamento de sujeito, não está relacionada a condições de licenciamento, oriundas dos *parâmetros pro-drop* e *tópico zero*. Para Speas, como já foi evidenciado nos capítulos primeiro e segundo deste trabalho, uma língua com AGR considerado forte possui, para cada morfema verbal, uma entrada lexical, projetando, conseqüentemente, um nóculo AGRP, com um núcleo AGR preenchido. Neste caso, tais línguas permitem o apagamento de sujeito pelo fato de não haver a necessidade de preenchimento da posição de especificador do nóculo de AGRP antes de *spell-out*.

Já em uma língua com AGR considerado fraco, segundo Speas, existem morfemas de concordância não detentores de entradas lexicais independentes no léxico, com tais entradas sendo geradas sobre o verbo. Para a autora, nessas línguas, há projeção de AGRP, mas sem núcleo AGR preenchido. Tal fato obriga o preenchimento da posição de especificador desse nóculo antes de *spell-out*, ocasionando o preenchimento da posição sujeito.



Existiriam também, segundo a autora, línguas em que não há AGR, pelo fato da inexistência de qualquer morfologia de concordância. Por isso, nessas línguas, não há a projeção do nóculo de AGRP. Neste caso, quando há apagamento de sujeito, Speas considera que pelo fato do nóculo AGRP não ter sido gerado, nenhum princípio obriga o movimento de um NP para a posição de sujeito antes de *spell-out*. Ao se transferir essas considerações para as duas línguas estudadas por esta pesquisa, algumas similaridades podem ser observadas.

Iniciando-se pelo português do Brasil, observa-se que esse ainda mantém alguns traços de concordância em seu paradigma verbal, ocasionando a constatação da existência de um *paradigma pleno* na língua. Por isso, essa ainda projeta o nóculo AGRP, que apresenta um núcleo AGR independente, motivado pela força da morfologia de concordância. Porém, como já foi constatado por Novaes (1996) e mais uma vez reconhecido aqui, o comportamento da primeira pessoa pronominal é diferente da segunda pessoa e da terceira pessoa pronominal, no que diz respeito à dependência do contexto discursivo para a sua retomada.

Partindo disso, a presente pesquisa considera que o português do Brasil, como já foi salientado pelo próprio Novaes, encontra-se ainda passando por um período transitório em seu licenciamento de apagamento de sujeito, ocasionando uma alteração no *status* de AGR pessoa por pessoa. Em outras palavras, para o comportamento identificado em primeira pessoa, defende-se a proposta que a morfologia verbal de concordância referente a ela projeta um nóculo AGRP, preenchendo seu núcleo AGR. Tal fato teria como consequência a não necessidade de preenchimento da posição de especificador de AGRP, sendo essa a posição de sujeito, ocasionando com isso o sujeito nulo, cuja interpretação da categoria vazia seria *pronominal*, ou *pro*, sendo retomado pela flexão, não necessitando de um antecedente inserido no discurso para tanto.

Para a segunda pessoa, a terceira pessoa, primeira pessoa do plural representado pelo *a gente* e para as três pessoas em tempo *passado*, especificado como *pretérito imperfeito*, AGRP não é projetado. Por conta disso, há a possibilidade de apagamento de sujeito, por não haver a obrigação de movimento do NP antes de *spell-out*. Esse fato, por sua vez, influencia diretamente no caráter das categorias vazias representantes dessas pessoas, já que por esse motivo a única maneira de haver uma recuperação das mesmas se dá via *co-indexação* a um antecedente do discurso, situado fora do contexto oracional. Tal consideração caracteriza o caráter de *variável* dessas categorias vazias.

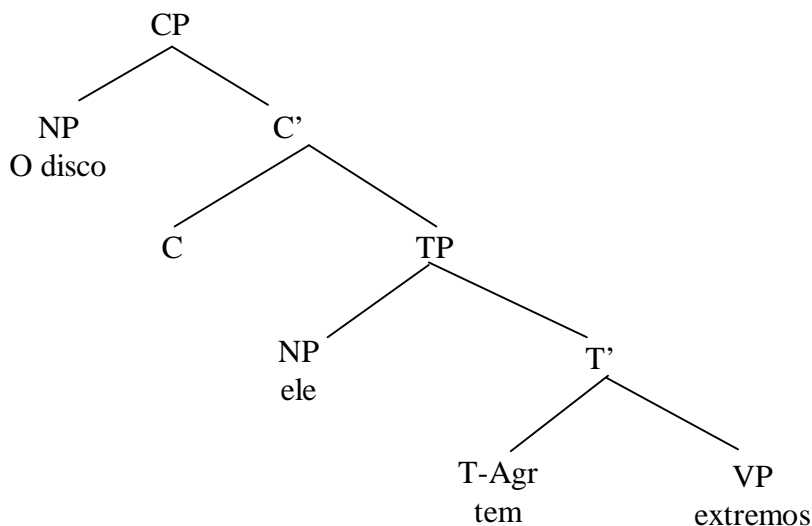
A posição dessas categorias vazias *não-pronominais*, nulas ou não, seria a de especificador do nóculo de tempo, ou TP, já que o tópico discursivo, que figura como o antecedente de referencial dessas categorias, ocupa a posição de especificador do nóculo complementizador, ou CP, em português do Brasil, como também já salientado por Novaes e identificado no *corpus* desta presente pesquisa. O exemplo abaixo, retirado do *corpus*, demonstra tal realização, onde *ele* é o sujeito da

Oração e *o disco* é o tópico do discurso:

(123)

a. 'O disco, ele tem extremos'.

b.



Ou seja, em português do Brasil são identificados sujeitos nulos detentores de configurações distintas. Em outras palavras, ao se observar os dados de pesquisa, notou-se que categorias vazias de primeira pessoa possuem caráter *pronominal*, pelo fato de nesse contexto pessoal específico o nóculo de AGRP poder ser projetado, viabilizando o não preenchimento da sua posição de especificador, permitindo, assim, o sujeito nulo *pro*, enquanto que em segunda pessoa e terceira pessoa, as categorias vazias que as representam possuem caráter de *variável*, pelo fato de nesses contextos pessoais não haver a projeção do nóculo de AGRP, ocasionando a necessidade de retomada do material omitido via tópico do discurso.

Em se tratando de hebraico moderno, nota-se também algumas similaridades entre a língua semítica e certos comportamentos identificados em português do Brasil, como ocorreu no âmbito da *Teoria de Princípios e Parâmetros*.

Da mesma forma como em língua portuguesa, observa-se que em língua hebraica há alguns traços de concordância em seu paradigma verbal, ocasionando a constatação da existência de um *paradigma pleno* na língua semítica. Por isso, essa ainda projeta o nóculo AGRP, possuindo um núcleo independente e preenchido de AGR. Porém, o comportamento das pessoas gramaticais, no que diz respeito à identificação do caráter das categorias vazias, torna-se um pouco diferenciado daquele que é encontrado em português do Brasil, devido ao fator tempo. Tal diferença baseia-se na especificidade de identificação do caráter da categoria vazia em função do tempo em que se encontra o verbo conjugado, já que esse fator temporal influencia diretamente nas condições que



licenciam a projeção ou não de AGRP na língua hebraica. Tal constatação parte da razoável diferença entre os tempos *presente* e *passado*, no que diz respeito ao oferecimento de morfologia de concordância verbal. Enquanto que o primeiro possui somente quatro formas verbais, sendo essa uma característica oriunda da atribuição a esse tempo, na língua semítica, do caráter nominal de *participio* verbal, o segundo tempo possui uma forma verbal para cada pessoa pronominal. Em outras palavras, enquanto que em tempo *presente* os verbos apresentam somente, em sua morfologia de concordância, flexões que dizem respeito ao gênero e ao número do sujeito, em tempo *passado*, a morfologia verbal apresenta, além de gênero e número, informações sobre a pessoa pronominal a qual se equivale o sujeito.

A partir de tais fatos, torna-se revelado aqui que a postura adotada pela pesquisa considera que o hebraico moderno, como já foi evidenciado pela análise de dados, também apresenta alteração no *status* de AGR pessoa por pessoa, como ocorre em português do Brasil, e tempo por tempo. Em outras palavras, para o comportamento identificado em tempo *presente*, por exemplo, defende-se a proposta que a morfologia verbal de concordância referente a ele não projeta um nódulo AGRP, fato esse semelhante ao que ocorre em língua portuguesa para a segunda e a terceira pessoa. Tal fato teria como conseqüência a não necessidade de preenchimento da posição de especificador de AGRP, já que esse nódulo não seria projetado. Por isso, grande parte dos casos de ocorrência de apagamento de sujeito, nesse tempo, possuem como interpretação de suas categorias vazias representantes, uma configuração de *variável*, ligadas a um elemento que exerce a função de tópico inserido anteriormente no discurso.

É bem verdade, no entanto, que existem as terceiras pessoas de configuração *pronominal co-referencial e não-referencial*, em tempo *presente*. No primeiro caso, as categorias que possuem esse tipo de configuração foram encontradas na posição de sujeito de orações *compostas*. Tais ocorrências, segundo Huang (1984) são possíveis também em chinês, sendo essa uma língua não detentora do nódulo de concordância, em nenhum tempo. As categorias do segundo tipo ocorrem em contextos muito específicos, não havendo a identificação de nenhum desses na amostragem analisada em tempo *presente* e, por conta disso, não demonstrando ser contra-evidência à proposta feita para esse contexto temporal.

Para o tempo *passado*, o panorama apresentado é mais próximo àquele que foi identificado em língua portuguesa, com uma pequena diferença na disposição do caráter da categoria vazia. Nesse tempo, AGRP é projetado como um nódulo independente, possuindo um núcleo AGR preenchido, permitindo a omissão de NP na posição de especificador de AGRP antes de *spell-out*. Tal constatação leva este trabalho a creditar que em tempo *passado*, as três pessoas gramaticais, quando representadas por categorias vazias, possuem em suas especificações caráter *pronominal*, ou *pro*, não apresentando a necessidade do resgate via tópico e variando entre os tipos *referencial* e *co-*

referencial.

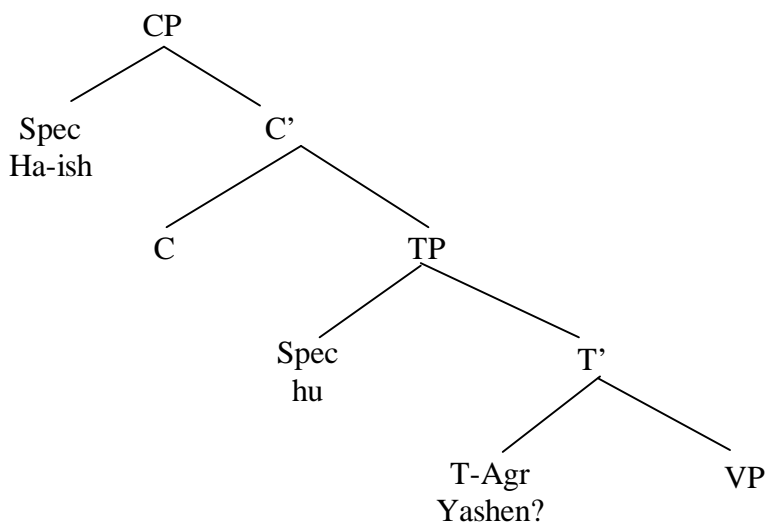
Por fim, a posição das categorias vai variar de acordo com o tempo em que essas se encontram. Em tempo *presente*, pelo fato de não haver a projeção do nóculo AGRP, as categorias vazias ocupam a posição de especificador do nóculo de tempo, ou TP, onde receberiam caso nominativo, enquanto que o tópico ocupa a posição de especificador do nóculo complementizador. Para ilustrar tal proposta, tomou-se por base a sentença abaixo, paralela à identificada em língua portuguesa e igualmente possível na língua semítica:

(124)

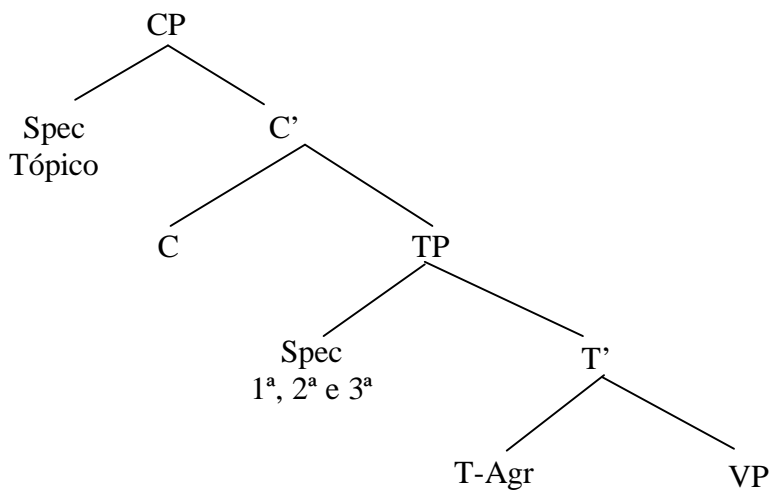
a. ‘Ha-ish, hu yashen?’

‘O homem, ele está dormindo?’

b.



(125)



Tal proposta diferencia-se daquela realizada por Vainikka & Levy (1995), pelo fato das autoras defenderem a não possibilidade de apagamento de sujeito em tempo *presente* e, por conta disso, não proporem uma árvore relacionada a esse contexto temporal.

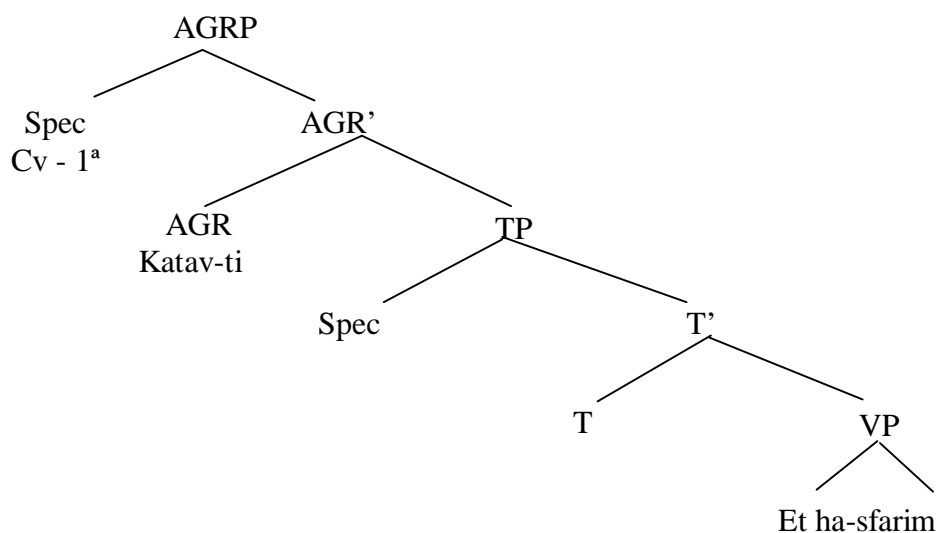
Já em tempo *passado*, como ocorre em português do Brasil, as categorias vazias *pronominais*, representantes das três pessoas gramaticais, ocupariam a posição de especificador do nóculo de AGRP, onde receberiam caso nominativo, com as flexões de concordância geradas no núcleo de AGRP, como o exemplo retirado do *corpus* demonstra abaixo:

(126)

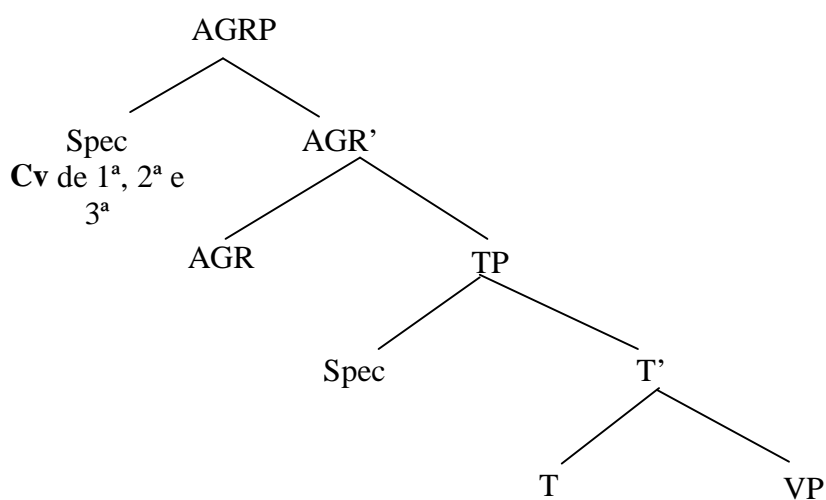
a. ‘Katav-ti et ha-sfarim’.

‘(eu) Escrevi os livros’.

b.



(127)

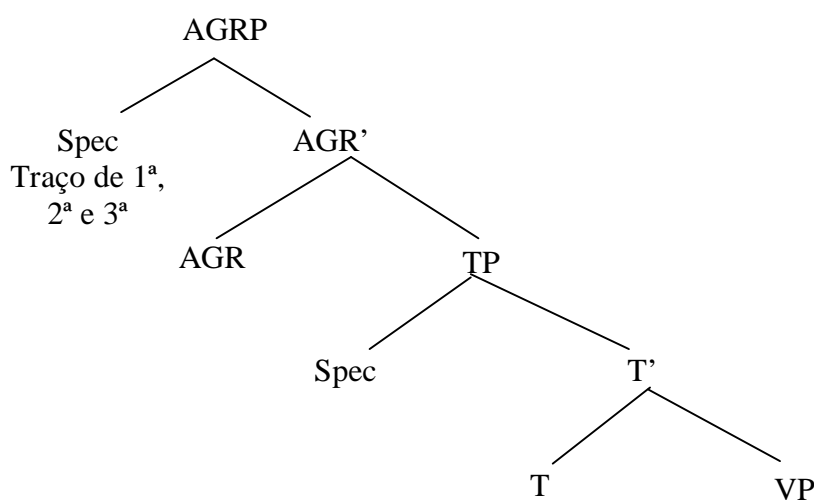


Tal árvore, no entanto, mostra-se diferente daquela proposta por Vainikka e Levy (1995).

Segundo as autoras, como evidenciado no capítulo terceiro, os traços das primeiras e segundas pessoas, em hebraico, seriam gerados na posição [Spec,VP], e não em V, subindo posteriormente para a posição [Spec,AGRP], ocupando o que seria o sítio de aterrisagem do NP sujeito, tornando desnecessário o preenchimento da posição com o último e, com isso, viabilizando o sujeito nulo. Tal realização seria possível devido ao forte poder referencial desses traços. Por outro lado, os traços das terceiras pessoas seriam gerados em AGR, ao invés de serem gerados na posição que seria a de sujeito. Desta forma, a posição de [Spec, AGRP] permaneceria desocupada para o preenchimento obrigatório com o NP sujeito, devido à fraca referencialidade da morfologia nesse contexto pessoal.

Nesta atual proposta, no entanto, os traços das três pessoas seriam gerados em [Spec, VP] e se moveriam, ocupando a posição de [Spec,AGRP], já que a amostra analisada por esta pesquisa revelou um considerável índice de apagamento de terceira pessoa, em tempo *passado*. Tal fato apresentou um panorama bem distinto daquele revelado pelas autoras, onde havia um impedimento da omissão de sujeitos de terceira, devido ao baixo grau de referencialidade da morfologia verbal destinada a essa pessoa, assim como daquele revelado por Shlonsky (2007), que restringia as ocorrências somente às orações *simples*. A árvore abaixo ilustra tal consideração:

(128)



Partindo dessas considerações, entende-se como pertinente a apresentação de duas tabelas comparativas entre as duas línguas, com as principais observações e análises realizadas. Tais tabelas encontram-se dispostas abaixo:

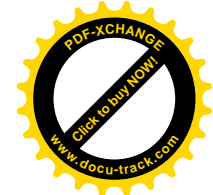
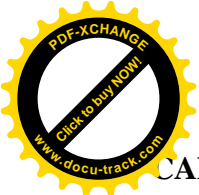
(129)

Tempo presente	
Português do Brasil	Hebraico moderno
Sujeito nulo de 1ª pessoa <i>pronominal</i> e de 2ª e 3ª pessoa <i>variáveis</i> .	Sujeitos nulos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa <i>variáveis</i> .
Sujeito nulo de 1ª pessoa <i>pronominal co-referencial</i> , representado pela expressão <i>A gente</i> , omitido em orações compostas.	
Sujeito nulo de 3ª pessoa <i>pronominal co-referencial</i> , singular e plural, em orações compostas.	Sujeito nulo de 3ª pessoa <i>pronominal co-referencial</i> , singular e plural, em orações compostas.

(130)

Tempo passado	
Português do Brasil	Hebraico moderno
Sujeito nulo de 1ª pessoa <i>pronominal</i> e de 2ª e 3ª pessoa <i>variáveis</i> .	Sujeitos nulos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa <i>pronominais</i> .
Sujeito nulo de 1ª pessoa <i>variável</i> , representado pela expressão <i>A gente</i> , omitido em orações simples.	Sujeito nulo de 2ª pessoa em todas as ocorrências
Sujeito nulo de 3ª pessoa <i>pronominal co-referencial</i> , singular e plural, em orações compostas.	Sujeito nulo de 3ª pessoa <i>pronominal co-referencial</i> , singular e plural, em orações compostas.

Assim, feitas as apresentações sobre os dados pertinentes às duas línguas e suas respectivas análises, no próximo capítulo serão reveladas as considerações finais deste trabalho.



CAP 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

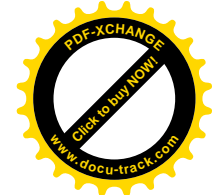
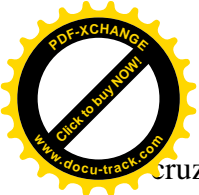
O estudo realizado aqui buscou mostrar, inicialmente, o quão semelhante é o fenômeno de apagamento do elemento na posição sintática de sujeito, em duas línguas aparentemente detentoras de gramáticas particulares distintas, como é o caso do português do Brasil e do hebraico moderno. A motivação para tanto surgiu das considerações feitas por autores que realizaram estudos destacados em cada uma das línguas e que revelaram comportamentos condicionados ao tempo e pessoa muito próximos, no que diz respeito ao apagamento de sujeito especificamente. Além disso, ao se observar e analisar os dados apresentados pela presente pesquisa, no capítulo anterior, pôde-se discutir em que contextos temporais (*Presente e passado*) e sintáticos (*Orações simples e compostas*) o sujeito nulo foi mais produtivo, considerando as duas línguas já citadas, e qual caráter cada categoria vazia figurante nessa posição deveria receber, de acordo com as exigências apresentadas por esses contextos.

Para a realização dessas considerações, foram pesquisadas, recolhidas e posteriormente transcritas algumas entrevistas, previamente gravadas, disponibilizadas em um site na Internet. Tais entrevistas, como foi visto no capítulo sobre metodologia, foram realizadas em português do Brasil e hebraico moderno, sob o caráter de fala espontânea.

Ao se analisar os dados apresentados pela pesquisa, foi observado que tanto o português do Brasil quanto o hebraico moderno mostraram comportamentos próximos aos que foram anteriormente revelados por outros estudos. Em português do Brasil, por exemplo, mesmo sendo identificado o fenômeno de apagamento de sujeito, a tendência ao preenchimento dessa mesma posição se mostrou mais presente. Ou seja, o número de ocorrências de sujeito preenchido foi claramente maior do que o número de ocorrências de sujeito nulo. Essa constatação está em acordo com o que foi evidenciado por estudos realizados por Duarte (1993, 1995) e Noaves (1996), sobre a possibilidade de apagamento na língua.

Um outro ponto de acordo com a literatura citada reside na influência dos contextos de tempo e de pessoa na realização do fenômeno de apagamento. Em se tratando do fator tempo, os dados de português do Brasil analisados por esta pesquisa revelaram que nem o tempo *presente* nem o tempo *passado* se mostraram mais favoráveis ao apagamento de sujeito do que ao preenchimento. Nos dois tempos, os índices de ocorrência de sujeito preenchido foi maior do que o índice de ocorrência de sujeito nulo.

No que diz tange ao cruzamento entre os índices temporais de preenchimento e apagamento, foi observado que o tempo *presente* em língua portuguesa se mostrou como sendo o mais favorável ao apagamento de sujeito, com 32% do total de contextos nesse tempo, seguido pelo tempo *passado*, com 28% do total de contextos nesse tempo. Neste sentido, o resultado encontrado nesse



cruzamento se diferencia dos respaldos dados por Duarte (1995) e Novaes (1996).

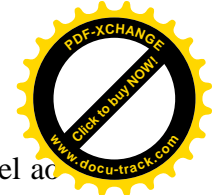
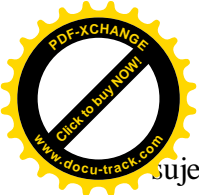
No que diz respeito aos tipos de categorias vazias que figuram na posição de sujeito, em português do Brasil, foi observado que essas variam, como já previsto por Novaes (1996), de acordo com a pessoa. Seguindo o que foi visto nesta pesquisa, o sujeito nulo de caráter *pronominal*, aparentemente, mostrou-se estar relacionado à primeira pessoa, enquanto que o caráter de *variável* parece estar relacionado com a segunda e a terceira pessoa, salvo algumas exceções dessas identificações, que variam de acordo com o tempo em que se encontra conjugado o verbo e o tipo de estrutura sintática em que se encontra o sujeito nulo.

Muitos desses comportamentos identificados em língua portuguesa também foram encontrados em língua hebraica. Inicialmente, da mesma maneira como o português do Brasil apresentou uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito em detrimento ao apagamento, o hebraico moderno se mostrou favorável a essa postura. Considerando uma amostragem geral, o número de ocorrências de sujeito preenchido foi maior do que o número de ocorrências de sujeitos nulos. Porém, nenhum dos estudos relacionados à observação do fenômeno de apagamento de sujeito na língua semítica, evidenciados nesta pesquisa, relevou interesse em quantificar a realização de sujeito nulo.

Da mesma maneira como ocorreu em português do Brasil, além de ter sido constatado nos estudos anteriormente citados sobre a língua hebraica, os fatores tempo e pessoa também exerceram papel fundamental na realização do fenômeno de apagamento de sujeito. Quando o observado foi o fator tempo, esta pesquisa indentificou que o *presente* permite o apagamento de elemento na posição de sujeito. Contudo, como já era esperado, de acordo com os estudos sobre a pobreza do paradigma flexional de concordância nesse tempo, o *presente* revelou taxas de ocorrências de sujeitos nulos menores do que as taxas de preenchimento. Ao observar esse comportamento, nota-se que esse contexto temporal em hebraico mostrou-se próximo ao mesmo contexto, em português do Brasil, pelo menos no que diz respeito ao desfavorecimento à omissão de elemento na posição de sujeito.

Porém, ao se observar a realização de sujeito nulo em tempo *passado*, notou-se que diferentemente do que foi identificado em português do Brasil, o hebraico moderno apresentou taxas de apagamento maiores do que as taxas de preenchimento nesse contexto temporal. Tal fato, por sua vez, não foi previsto claramente em nenhum estudo citado, apesar de haver considerações nesses que indicavam uma maior propensão ao apagamento de sujeito em tempo *passado* do que em tempo *presente*, devido à morfologia de concordância apresentada por cada tempo.

Ao se realizar o cruzamento dos tempos na língua semítica, um outro ponto que diferencia a português do Brasil e o hebraico moderno emerge. Diferentemente do que ocorreu com os dados em língua portuguesa, em língua hebraica houve uma inversão na ordem de tempos favorecedores ao



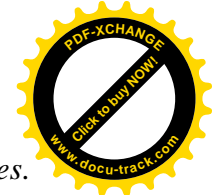
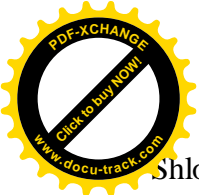
sujeito nulo. Em hebraico, o tempo *passado* se apresentou como sendo o tempo mais favorável ao apagamento de elemento na posição de sujeito, com 58% do total de sentenças nesse tempo, com o tempo *presente* vindo em seguida, com 15% do total de sentenças nesse tempo.

No que diz respeito aos tipos de categorias vazias que figuram na posição de sujeito, em hebraico moderno, observou-se que essas variam, sendo esse um ponto interessante apontado por esta pesquisa e não acordante com o previsto pela literatura sobre a língua. Além disso, os tipos de categoria vazia, que figuram na posição de sujeito em língua hebraica, variam também em relação ao tempo em que as mesmas se encontram.

Ao se analisar os dados desta pesquisa, observou-se que certas categorias possuíam caráter *pronominal*, ou *pro*, como previsto por Shlonsky (2007). No entanto, em certos contextos oracionais e temporais, as categorias vazias que foram identificadas não podiam possuir seu conteúdo resgatado via flexão verbal, já que nesses condicionamentos específicos, como os de orações *simples*, com verbos conjugados no tempo *presente*, a morfologia de concordância não era suficientemente rica para realizar a identificação pessoal. Por isso, para que houvesse a identificação da categoria, fez-se necessário da utilização de estratégias discursivas por parte dos falantes para que essa pudesse encontrar sua referência. Neste sentido, tais categorias vazias se encontravam associadas a um tópico discursivo, posicionado fora da sentença, o que permitia a identificação dessas como sendo *variáveis*.

Ao se analisar os tipos de categorias vazias distribuídas por pessoas, em tempo *presente*, pôde-se notar, a princípio, que todas as três pessoas apresentam caráter de *variável*. Contudo, ao se observar o comportamento da terceira pessoa, em certos contextos oracionais específicos, como por exemplo os contextos de orações *compostas*, do tipo *coordenadas*, foi observado que as categorias vazias poderiam possuir caráter *pronominal*, com a especificação *co-referencial*. Tal panorama, por sua vez, é razoavelmente diferenciado daquele encontrado em língua portuguesa, já que na última, como defende Novaes (1996), somente o sujeito nulo de primeira pessoa possuiria caráter *pronominal*, do tipo *referencial*. Já em tempo *passado*, esse panorama torna-se mais uma vez diferenciado. Nesse tempo, as três pessoas possuem caráter *pronominal*, diferenciando-se somente no que diz respeito ao tipo de *pro*. A primeira e a segunda pessoa apresentaram em todas as ocorrências sujeito *pronominal*, do tipo *referencial*. Já a terceira pessoa apresentou, em contextos de *orações subordinadas*, a categoria vazia de caráter *pronominal*, do tipo *co-referencial*.

Ainda nesse contexto temporal, por sua vez, os resultados apresentados pela amostra se encontram de acordo com o que foi previsto por Shlonsky (2007), no que diz respeito ao caráter das categorias vazias em língua hebraica, pelo menos em se tratando da primeira e da segunda pessoa. Já com relação à terceira pessoa, os sujeitos nulos desse tipo identificados no *corpus* possuíam caráter *pronominal co-referencial*, pois se encontravam em contextos de orações *compostas*.

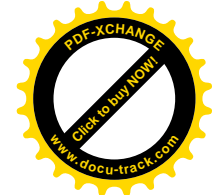
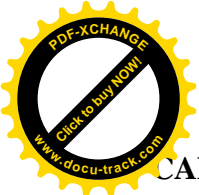


Shlonsky previa omissão de sujeito representante de terceira pessoa, somente, em orações *simples*.

Vale salientar que o estudo desenvolvido aqui pretendeu realizar uma apresentação e análise das possibilidades interpretativas do fenômeno do sujeito nulo, sob uma ótica comparativa entre o português do Brasil e hebraico moderno. Os resultados evidenciados pela análise de dados auxiliarão na estruturação de uma nova pesquisa sobre sujeito nulo, proposta para ser realizada futuramente, onde as discussões e reflexões concebidas aqui, relacionadas às realizações das categorias vazias sujeito, nas duas línguas, serão confrontadas com os dados oriundos de uma nova amostragem que contenha, além dos dois tempos já estudados, o tempo *futuro*. Em outras palavras, este trabalho tem por objetivo também servir de base para a realização de uma nova pesquisa comparativa, que visará estudar o fenômeno do sujeito nulo, em português do Brasil e hebraico moderno, nos três tempos, a saber, *presente*, *passado* e *futuro*, buscando evidenciar um panorama mais completo do apagamento nas línguas.

Por fim, este estudo desenvolvido possuiu também como objetivo a ser alcançado estipular uma nova proposta de análise para a categoria vazia que figura em contextos onde não há resgate de sua referência via flexão verbal, em língua hebraica. Segundo a teoria, tais realizações são agramaticais na língua semítica, não sendo previstas, com exceção de contextos específicos pessoais e oracionais, como é o caso da terceira pessoa, situada em orações *simples*, sem antecedente fora da sentença. Baseando-se nos dados aqui apresentados, o presente trabalho defende a proposta de que em certos contextos pessoais e oracionais, em tempo *presente*, há a possibilidade de apagamento de elemento na posição de sujeito, com a categoria vazia apresentando um caráter distinto daquele evidenciado pela literatura.

Primeiramente, de acordo com os dados verificados, foi constatado que há a possibilidade de apagamento de sujeitos de primeira e segunda pessoa, em tempo *presente*, em contextos de orações *simples*, contrariando, por exemplo, a postura defendida por Vainikka & Levy, assim como a apresentada por Shlonsky. Além disso, de acordo com a análise feita no *corpus* desta pesquisa, tornou-se evidente que os elementos nulos, referentes à primeira, segunda e terceira pessoas, ainda em se tratando do tempo *presente*, poderiam figurar nessa posição de sujeito de orações *simples*, estando esses relacionados a um elemento antecedente, fora da sentença, introduzido anteriormente no discurso. Assim, partindo de tal consideração, torna-se possível propor que o hebraico também apresenta, como o português do Brasil, categorias vazias com configuração *não-pronominal*, estando as mesmas relacionadas a um tópico nulo. Portanto, tais categorias vazias, na língua semítica, podem ser identificadas como *variáveis*.



CAP. 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARIEL, M. **Accessing noun-phrase antecedents**. London. Routledge, 1990.

ARIEL, M. **Accessibility theory: An overview**. In Sanders, T., Schilferoord, J. And Spooren, W. (eds.) *Text representation: Linguistics and psychological aspects*. 29- 87. Amsterdam, John Benkamins, 2001.

BERMAN, R. A. **On acquiring na (S) VO language: Subjectless sentences in children's Hebrew**. *Linguistics*, 1990.

BORER, H. **Parametric syntax: case studies in Semitic and Romance languages**. Dordrecht: Foris, 1984.

BORER, H. **I-subjects**. *Linguistic Inquiry*, 1986.

BORER, H. **Anaphoric AGR**. In O. Jeaggi & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989.

BRONZNICK, N. M., & UVEELER, L. **Ha-Yesod: Fundamentals of Hebrew**. Jerusalem and New York: Feldheim Publishers, 1994.

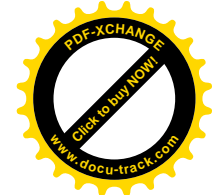
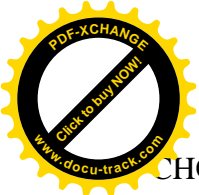
CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1982.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use**. 1986.

CHOMSKY, N. **Some Notes on Economy of Derivation and Representation**. In Robert Freidein. *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge:MIT Press, 1991.

CHOMSKY, N. **A Minimalist Program for Linguistic Theory**. MIT Working Papers in Linguistics, 1992.



CHOMSKY, N. **Bare Phrase Structure**. MIT Working Papers in Linguistics, 1994.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. **Minimalist Inquiries: The framework**. MIT OPLL 15. Dept. of Linguistics, MIT, 1998.

COSTA, J., & FIGUEIREDO SILVA, M. C. **Notas sobre a concordância verbal e nominal em português**. Estudos lingüísticos XXXV, p. 95-109, 2006.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite o pronome” no português brasileiro**. 1995. 151 f. Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, São Paulo, 1995.

DUARTE, M. E. L. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil**. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **La Position Sujet en Portugais Brésilien (dans les phrases finies et infinitives)**. Tese de Doutorado, 1994.

GALVES, C. **V-movement, levels of representation and the structure of S**. Trabalho apresentado na 13ª Reunião Anual do Glow, 1990.

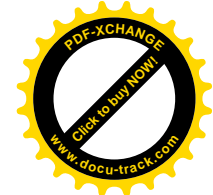
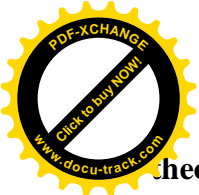
GALVES, C. **O enfraquecimento da concordância no português brasileiro**. In. I. Roberts e M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

GLINERT, L. **The grammar of Modern Hebrew**. Cambridge University Press, 1989.

GLINERT, L. **Modern Hebrew: An Essential Grammar**. London and New York: Routledge, 1994.

GUTMAN, E. **Null subjects: A Theory of syntactic and discourse-identification**. Ph. D. Dissertation. University of Delaware, 1999.

GUTMAN, E. **Third person null subjects in Hebrew, Finnish and Rumanian: an accessibility-**



theoretic account. *Journal of Linguistics* 40[3], 463-490, 2004.

HAEGEMAN, L. **Introduction to Government and Binding Theory.** Ed.2 .Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

HORESH, U. **Subject Pro-Drop in Israeli Hebrew: Morphosyntatic/Pragmatic Variation.** [2003]. Disponível em: <http://www.ling.uppen.edu/~uri/hebrew_prodrop.pdf>. Acesso em: 24 de agosto. 2005.

HUANG, C. T. J. **On the distribution and reference of the empty categories.** *Linguistic Inquiry*, 15, 1984.

JAEGGLI, O. and SAFIR, K. J. **The Null Subject Parameter and Parametric Theory.** In: O Jaeggli & K. J. Safir (eds.) **The Null Subject Parameter.** Dordrecht: Kluwer, 1989.

LEVY, Y. and VAINIKKA, A. **The development of a mixed null subject system: A cross-linguistic perspective with data on the acquisition of Hebrew.** *Language Acquisition*, 1999-2000.

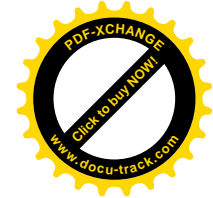
McCLOSLEY, J and HALE, K. **On the Syntax of Person-Number Inflection in Modern Irish.** *Natural Language and Linguistic Theory* 1: 1984.

NARO, A. J. **Morphological constraints on subject deletion.** In: SANKOFF, David & CEDERGREN, Henrietta. (orgs.) *Variation omnibus.* Carbondale/Edmonton: Linguistic Research, 1981.

NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, v. 1. 205 p, 2007.

NOVAES, C. **Representação Mental de Categorias Vazias: O Sujeito Nulo e a Natureza da Flexão no Português do Brasil.** Tese de Doutorado: UFRJ, 1996.

OLIVEIRA & SILVA, G. M. de. **Variáveis sociais e perfil do *Corpus Censo*.** In: OLIVEIRA & SILVA, G. M. de & SCHERRE, M. M. P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticas: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.



POLLOCK, J.-Y. **'Verb Movement, UG and the structure of IP'**. *Linguistic Inquiry*, 1989.

RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.

RIZZI, L. **Null Objects in Italian and the Theory of *pro***. *Linguistic Inquiry*, 1986.

ROBERTS, I. **Verbs and diachronic syntax: A comparative history of English and French**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993a.

ROBERTS, I. **Restructuring, Pronoun Movement and Head-Movement in Old French**. (mimeo), 1993b.

ROHRBACHER, B. **English AUX[^]NEG, Mainland Scandinavian NEG[^]AUX and the Theory of V to I Raising**. Proceedings of the 22nd Western Conference on Linguistics (WELCOL92), 1992.

ROHRBACHER, B. **The Germanic V O Languages and the Full Paradigm: A Theory of V to I Raising**. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1993.

ROHRBACHER, B. **The Germanic VO Languages and the Full Paradigm**. Ph.D. dissertation, Department of Linguistics, University of Massachusetts, 1994.

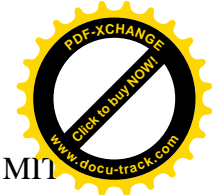
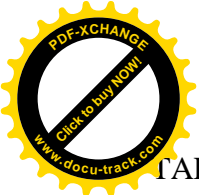
SIGURÐSSON, H. **Meaningful silence, meaningless sounds**. In *Linguistic Variation Yearbook 2004*, Volume 4, ed. Pierre Pica et al., 235-259. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2004.

SHLONSKY, U. **Null and Displaced Subjects**. Department of Linguistic and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics, 1987.

SHLONSKY, U. **Clause Structure and Word Order in Hebrew and Arabic**. Oxford, Oxford University Press, 1997.

SHLONSKY, U. **Hebrew as a partial null-subject language**. Université de Genève, 2007.

SPEAS, M. **Economy, Agreement and the Representation of Null Arguments**. (mimeo), 1995.



TARALDSEN, K. T. **'On the NIC, Vacuous Application and the that-trace Filter'**. MIT
[Distributed in 1980 by the Indiana University Linguistics Club], 1978.

VAINIKKA, A., and LEVY, Y. **Empty Subjects in Finnish and Hebrew**. [1995]. Disponível em:
<<http://www.ircs.upenn.edu/download/techreposts/1995/95-31.pdf>>. Acesso em: 23 de agosto. 2005.

VAINIKKA, A., & LEVY, Y. **Empty Subjects in Finnish and Hebrew**. *NLLT*, 1999.

VAN VALIN, R. D. **Minimalism and Explanation**. University of New York, Buffalo, 2002.